



Maria João Vicente Nazaré

CERÂMICAS MEDIEVAIS DE SANTA OLAIA (FIGUEIRA DA FOZ) DEPOSITADAS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA

Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Medieval, orientada pela Doutora Helena Catarino e coorientada pela Dr.ª Sónia Pinto, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Junho de 2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

CERÂMICAS MEDIEVAIS DE SANTA OLAIA (FIGUEIRA DA FOZ) DEPOSITADAS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	CERÂMICAS MEDIEVAIS DE SANTA OLAIA (FIGUEIRA DA FOZ) DEPOSITADAS NO MUSEU MUNICIPAL DR. SANTOS ROCHA
Autor	Maria João Vicente Nazaré
Orientador	Doutora Helena Catarino
Coorientador	Dra. Sónia Pinto
Júri	Presidente: Doutora Maria da Conceição Lopes Vogais: 1. Doutora Susana Gómez-Martínez 2. Doutora Helena Catarino 3. Dra. Sónia Pinto
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade	Arqueologia Medieval
Data da defesa	24-07-2012
Classificação	16 Valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Agradecimentos

Primeiro que tudo agradeço o facto de ter sido possível fazer este estágio graças ao protocolo celebrado entre as duas instituições: a Universidade de Coimbra e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha.

Seguidamente, parece-me justo referir o nome das minhas orientadoras. A Doutora Helena Catarino, que me sugeriu o tema e procurou sempre maneira de me receber para nos reunirmos fora do horário laboral, conciliando os nossos horários, e dando as pistas para a elaboração deste trabalho.

À Dr.^a Sónia Pinto, da instituição de acolhimento, que me recebeu e disponibilizou o acesso aos reservados do Museu, para a seleção e estudo dos materiais arqueológicos de Santa Olaia, das escavações de Santos Rocha, assim como à Dr.^a Isabel Pereira que permitiu utilizar também os das suas escavações.

Agradeço ao Dr. José Luís Madeira, que me auxiliou durante o processo de desenho das cerâmicas.

Agradeço também às funcionárias de ambas as instituições, salientando a Dr.^a Felisbela, a D. Eunice, a D. Gina, a D. Alice, a D. Maria José que me foram apoiando e ajudando neste caminho, por vezes com palavras de conforto e ânimo.

Um obrigado à minha chefe, Isabel Carvalho (dado que todo este estudo foi desenvolvido mantendo, desde o início, paralelamente, um trabalho profissional que não se insere na área de arqueologia), a qual me ajudava nos meus momentos mais exaustos e cansativos.

Por fim, um enorme agradecimento à minha família e amigos, não querendo nomear nenhum nome, para não correr o risco de me esquecer de alguém. Em particular, um especial obrigada pela paciência e compreensão durante estes anos.

Resumo

O presente relatório é fruto de um estágio realizado no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, proporcionado pelo Gabinete de Estágios da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no âmbito do 2º ano do Mestrado de Arqueologia e Território.

O nosso intuito é demonstrar, a partir da análise de um lote de cerâmicas, a importância do Castelo de Santa Olaia durante a fase da Reconquista cristã, sobretudo devido ao seu papel de proteção, de defesa e de vigilância na “linha” fronteira do Baixo Mondego, atalaia de Coimbra e Montemor-o-Velho.

Inicialmente, seleccionámos as cerâmicas correspondentes ao período medieval do sítio arqueológico de Santa Olaia, freguesia de Santana (Figueira da Foz), recolhidas por Santos Rocha, que ainda não tinham sido alvo de estudo. Contudo, verificando-se existirem outras peças de escavações mais recentes, coordenadas pela Dr^a. Isabel Pereira, no referido Museu, englobámo-las neste estudo, a fim de complementá-lo.

No nosso trabalho, procedemos a todas as etapas aquando de um estudo cerâmico, como a marcação (e remarcação), a colagem, o registo gráfico e fotográfico, a inventariação e a catalogação. Posteriormente, consultámos bibliografia de diversos estudos cerâmicos para o estabelecimento de paralelos com base na morfologia e decoração das peças.

Assim, com esta análise, foram identificadas cerâmicas exógenas, de importação, de filiação islâmica, em que predominam as jarrinhas e os púcaros de colos cilíndricos retos e corpos globulares, típicos dos períodos emirais e califais, mais propriamente, dos séculos IX-XI. A análise revelou igualmente, um conjunto de fabrico local, de cerâmica comum, composto por panelas, potes, bilhas, com decoração incisa e puncionada nas asas, que correspondem a fabricos redutores, frequentes no Norte Peninsular, enquadrados entre os séculos X e XIII, correspondendo o último século ao abandono de Santa Olaia.

Palavras – chave: Cerâmica medieval cristã, islâmica, castelo, reconquista.

Abstract

This report is the result of an internship held at the Museu Municipal Dr. Santos Rocha, provided by “Gabinete de Estágios” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, in the 2nd year of the Master of Archaeology and Planning.

Through the analysis of a batch of ceramics, our aim is to demonstrate the importance of the Castle Santa Olaia during the Christian *Reconquista* mainly due to its role of protection, defense and surveillance in the frontier "line" of Baixo Mondego, guard of Coimbra and Montemor-o-Velho.

Initially we selected ceramics corresponding to the medieval period of the archaeological site of Santa Olaia, parish of Santana (Figueira da Foz), which were collected by Santos Rocha and had not yet been studied. However, the most recent excavated pieces in the museum, coordinated by Dr. Isabel Pereira, turned out to be an important complement for the research.

Thus we carried out all the steps of a ceramic study, such as marking (and markup), re-assembly, graphic and photographic registration, inventorying and cataloging. Subsequently we consulted the bibliography of various ceramic studies as to be able to compare and relate based on morphology and decoration.

This analysis enabled us to identify various kinds of ceramics: exogenous, imported, of Islamic affiliation, mainly *jarrinhas* and jugs of straight cylindrical necks and globular bodies, typical of periods *emirais* and *califais*, more specifically, in the IX-XI centuries. It has also revealed to us a set of local manufacture of common ceramic, composed of pots, jars with engraved and perforated decoration on the wings, which correspond to reducers manufactures frequently found in Northern Iberia, framed between the X and XIII centuries, the latter corresponding to the abandonment of Santa Olaia.

Keywords: Christian medieval ceramic, Islamic, castle, *reconquista*.

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice	IV
1. Introdução	1
1.1. Apresentação	1
1.2. Objeto e objetivos de estudo	2
1.3. Metodologias de trabalho	4
2. Santa Olaia: trabalho desenvolvido no âmbito do estágio	6
2.1. Organização do estágio	6
2.2. O lote de cerâmicas para estudo	7
3. Santos Rocha e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz	10
3.1. Breve resumo biográfico do arqueólogo	10
3.1.1. Família e cargos exercidos	10
3.1.2. Percurso na Arqueologia	11
3.2. O Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz	13
4. O sítio arqueológico de Santa Olaia	15
4.1. Enquadramento geográfico	15
4.2. Síntese dos trabalhos arqueológicos	17
4.3. Os períodos de ocupação	20
4.3.1. Idade do Ferro e Época Romana	21
4.3.2. Época Medieval	22
5. O estudo das cerâmicas medievais	25
5.1. As formas e sua função	31
5.1.1. Alguidares	32
5.1.2. Panelas	33
5.1.3. Panelas/Potes	38
5.1.4. Potes	39
5.1.5. Bilhas	40
5.1.6. Cântaros/Bilhas	45
5.1.7. Jarrinhas	46
5.1.8. Púcaros	51
5.1.9. Púcaros/Jarros	54
5.1.10. Pratos	55
5.1.11. Tigelas	57
5.1.12. Testos	58

5.1.13. Testos/Ímbrices	59
5.1.14. Indeterminados	60
5.2. As pastas e os tratamentos de superfície	64
5.3. As decorações	69
5.4. Análise do conjunto	78
6. Conclusões e Propostas de Dinamização	85
7. Bibliografia	90
Anexos	
1. Santos Rocha e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha	101
• Fotografias 1, 2, 3, 4, 5, 6	
• Figura 1	
2. Santa Olaia	108
• Fotografias de satélite 1, 2, 3, 4	
• Fotografias aéreas 1, 2	
• Mapas 1, 2	
• Figuras 2, 3	
• Plantas 1, 2	
3. Cerâmicas medievais de Santa Olaia	116
• Figura 4	
• Fotografias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15	
4. Catálogo	122
4.1. Alguidares	123
4.2. Panelas	124
4.3. Panelas/Potes	131
4.4. Potes	132
4.5. Bilhas	135
4.6. Cântaros/Bilhas	143
4.7. Jarrinhas	145
4.8. Púcaros	148
4.9. Púcaros/Jarros	154
4.10. Pratos	155
4.11. Tigelas	156
4.12. Testos	158
4.13. Telhas/Ímbrices	159
4.14. Indeterminados	159
5. Calendário dos trabalhos (dia, hora, descrição)	171

1. Introdução

1.1. Apresentação

O presente trabalho é o resultado de um estágio realizado no âmbito do 2º ciclo de Arqueologia e Território, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que decorreu no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, sob a coordenação científica da Doutora Helena Catarino e da Dr^a. Sónia Pinto. E pretende dar a conhecer as cerâmicas que correspondem ao período medieval de Santa Olaia, provenientes de diversas escavações aí ocorridas, desde a sua descoberta nos fins do século XIX até às intervenções mais recentes.

Na primeira etapa do processo de estágio foram desenvolvidas diversas tarefas que foram desde a seleção à marcação e inventariação das cerâmicas, explicadas pormenorizadamente, no capítulo 2.

De seguida, o capítulo 3 é desenvolvido em duas partes, na primeira é feita uma breve síntese sobre a vida profissional de Santos Rocha, pioneiro na arqueologia portuguesa; e na segunda é apresentada a história das quatro fases do Museu Municipal, fundado em 1894, até adquirir edifício próprio, em 1979, e que herdou o nome do seu criador, em 1910, após o seu falecimento.

No capítulo 4, é descrita a história da estação arqueológica nas suas distintas vertentes, o enquadramento geográfico, a sua descoberta, os trabalhos arqueológicos aí desenvolvidos, assim como as diferentes fases de ocupação de Santa Olaia.

O capítulo seguinte – dedicado ao estudo da cerâmica - começa com a descrição de cada forma identificada e a sua respetiva função, atendendo às características da pasta, da superfície, aos acabamentos finais das peças, incluindo também os padrões decorativos, e finaliza com a análise de todo o conjunto, procurando estabelecer paralelos com base em acervos cerâmicos de sítios geográficos mais ou menos próximos.

Por fim, organizado o estudo e respetivo catálogo (*vide* anexos), é no último capítulo que expusemos as considerações finais, mas também propostas de dinamização de Santa Olaia, dada a riqueza das diferentes fases ocupacionais deste sítio arqueológico.

1.2. Objeto e objetivos de estudo

O objeto de estudo deste trabalho consiste na análise dos materiais cerâmicos medievais de Santa Olaia depositados no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (MMSR)¹. Perante a comunidade científica e cívica este sítio arqueológico destaca-se, essencialmente, como um local de ocupação da Idade do Ferro. Tal deve-se, por um lado, ao predomínio dos achados identificados cronologicamente como sendo da referida época, e, por outro lado, ao facto de ser um dos sítios que testemunha a presença fenícia na Península Ibérica.

Encontrando-se a Idade do Ferro já relativamente bem estudada, visto que existem numerosas publicações sobre o tema, a nossa opção passou por investir no estudo de uma época menos conhecida para o referido sítio: a Medieval. Aliás, a esse propósito, como comenta Victor Alves, ao analisar o sítio de Santa Olaia, apenas as moedas medievais foram objeto de interesse, consideradas os elementos “*mais importantes*” (ALVES, 1984: 162). O material cerâmico datado desta época tem sido alvo de pouco interesse científico. No que toca a este espólio arqueológico, apenas parte foi catalogada na época de Santos Rocha, encontrando-se o restante, oriundo de intervenções mais recentes, guardado na reserva do MMSR, por vezes apenas com indicação da proveniência. Assim, não só se encontravam em falta os demais itens de marcação de peças, como não se tinha ainda procedido ao respetivo estudo.

Atendendo a isto, o nosso objetivo foi levar a cabo a seleção das cerâmicas medievais do sítio, a sua marcação e remarcação, em alguns casos, colagem, inventário, descrição e desenho com vista à elaboração do catálogo e, por fim, o estudo desse acervo do museu. Para além disso, pretendeu-se proporcionar uma leitura mais abrangente do sítio arqueológico, alargando os seus conhecimentos para a Época Medieval.

Procurámos esclarecer a função defensiva a partir do lote cerâmico que nos foi dispensado e daí retirar algumas considerações sobre a sua importância no contexto da Reconquista.

Por fim, este estudo teve ainda o propósito de homenagear o trabalho desenvolvido por Santos Rocha, coincidindo com o centenário da morte deste arqueólogo, celebrado em 2010. Também comemorado no Museu, através da realização de um Colóquio organizado entre a Divisão de Cultura do Município da Figueira da Foz e o IARQ - Instituto de Arqueologia do

¹ Importa notar que, para além dos materiais depositados no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, no qual realizámos o nosso estágio, também é possível encontrar espólio desta estação no Museu Nacional de Arqueologia (o qual não foi analisado no âmbito do presente trabalho).

Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e que reverteu, em 2012, num livro: “Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo”. Neste livro, evidencia-se a personalidade do arqueólogo, e o papel ativo que desenvolveu sobretudo na sua região e no sul do país.

Os materiais analisados², subsequentemente apresentados no catálogo, foram descobertos em diferentes fases de investigação. Numa primeira fase, a sua recolha coube a Santos Rocha; mais recentemente, aquando das obras de construção e alargamento de várias estradas que atravessam o sítio de Santa Olaia, foram identificados mais materiais pela Dr.^a Isabel Pereira³.

² No âmbito do presente trabalho, foram analisados materiais que não se encontravam assinalados como tendo sido identificados por Santos Rocha ou pela Dr.^a Isabel Pereira, pelo que não temos informação acerca da data da sua recolha nem da pessoa por ela responsável.

³ Arqueóloga e antiga Responsável e Conservadora do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, desde 1974 a 1997, a quem agradecemos ter-nos dispensado este conjunto.

1.3. Metodologias de trabalho

Tratando-se de um trabalho de estágio, com o propósito de estudar um lote de cerâmicas medievais, a primeira etapa consistiu na seleção do objeto de estudo - neste caso, como já referimos, a escolha recaiu nos materiais cerâmicos associados cronologicamente à ocupação medieval do sítio de Santa Olaia que se encontravam depositados no MMSR.

Durante esta etapa, deparámo-nos com dois obstáculos. Em primeiro lugar, a dispersão, em vários espaços nos acervos museológicos, e a ausência de marcação dos fragmentos (à exceção dos encontrados por Santos Rocha⁴ e de cinco, de escavações coordenadas pela Dr.^a Isabel Pereira) obrigou à procura o mais exaustiva possível de todos os materiais da estação arqueológica, de forma a identificar aqueles que correspondiam ao período medieval. Contudo, coloca-se a hipótese de haver mais materiais desta época e de Santa Olaia, nos acervos que ainda não estão disponíveis, ou seja, entre caixotes de materiais que ainda não foram tratados e dos quais, só muito recentemente, tivemos conhecimento⁵.

De maneira a solucionar esta dificuldade, após a inventariação, optámos por separar os fragmentos medievais das caixas onde estavam misturados com os da Idade do Ferro e romanos e armazená-los, de forma acondicionada, nos contentores onde estavam identificados como cerâmica medieval, permitindo assim que sejam rapidamente encontrados por outros investigadores⁶. Em segundo lugar, o nosso trabalho incidiu também em colagens já que a maior parte dos fragmentos se encontravam deteriorados e, mesmo assim, foram poucas as peças em que conseguimos obter perfis completos.

De seguida, procedemos ao estudo dos materiais. Este processo incluiu a identificação do fragmento, através do preenchimento de uma ficha de identificação uniforme no programa Microsoft Access. Esta ficha foi adaptada da base de dados utilizada no MMSR e engloba informação respeitante a número de inventário, tipologia/função, dimensões, morfologia, técnica de fabrico e decoração. O estudo dos materiais mais representativos de cada forma e função foi complementado com o respetivo desenho e fotografia. Para além disso, a procura de paralelos noutros lugares sincrónicos ao sítio, permitiu não só definir a cronologia de

⁴ O registo, a par com a marcação, o restauro e a colagem dos materiais, constituiu uma das maiores preocupações de Santos Rocha, da qual resultou a elaboração de um catálogo contendo todos os materiais expostos no museu, independentemente da sua especialidade ou tipologia (PEREIRA, 1993: 286).

⁵ Agradecemos a informação prestada pela Dr.^a Isabel Pereira (18 de Abril de 2013) de que haverá ainda outro espólio da referida estação arqueológica.

⁶ Exceção feita às quatro peças (09-A-129, 09-A-131, 09-A-132 e 09-A-135) que se encontram atualmente em exposição na Sala de Arqueologia, na vitrine F, bem como a uma bilha (10-A-120) que, devido à sua dimensão, está acondicionada separadamente.

forma mais precisa, como também apontar diferenças existentes entre os vários tipos de fabrico, com o intuito de identificar a origem da produção (local/regional ou importada).

Ao mesmo tempo, procedemos a uma nova numeração de inventário (mantendo-se o número antigo, no caso dos materiais descobertos por Santos Rocha); assim, as peças foram marcadas com tinta-da-china (branca ou preta, dependendo da cor da superfície das mesmas), de modo a ser visível e a não desaparecer com o tempo.

Houve uma cuidada pesquisa bibliográfica, como base de apoio para a periodização deste conjunto cerâmico, visto que engloba cerâmica medieval cristã, mas também islâmica. Deste modo, a procura de paralelos formais e decorativos, como também de arqueossítios, ajudou a compreender a importância que Santa Olaia teve durante este período.

Posteriormente, este estudo englobou ainda uma componente estatística, de forma a proceder à caracterização dos fragmentos deste conjunto, com o intuito de compreender quais os tipos de recipientes, de cozedura e de decoração predominantes.

2. Santa Olaia: trabalho desenvolvido no âmbito do estágio

2.1. Organização do estágio

O estágio do qual decorre este relatório resulta de um protocolo celebrado entre o Gabinete de Estágios da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha, no âmbito do 2º ano do Mestrado de Arqueologia e Território.

No início deste estágio, foi definido, com a colaboração da Doutora Helena Catarino e da Dr.^a Sónia Pinto, que o objetivo do presente trabalho passaria pelo estudo do acervo medieval das escavações realizadas por Santos Rocha no sítio arqueológico de Santa Olaia. Para que pudéssemos levar a cabo esta tarefa, foi-nos facultado o acesso a todo o espólio lavado em reserva e obtivemos autorização para manusear os contentores e fazer a triagem das peças medievais.

Nesta fase, pudemos aperceber-nos de que o trabalho seria enriquecido com a inclusão dos materiais arqueológicos recolhidos nas escavações mais recentes, realizadas nas décadas de 80 e 90, as quais foram dirigidas pela Dr.^a Isabel Pereira.

Durante sensivelmente um ano, com mais de 450 horas despendidas, foram desenvolvidas várias atividades (*vide* anexo 5 com o calendário dos trabalhos). No primeiro mês, consultámos a bibliografia referente ao sítio arqueológico de Santa Olaia, bem como aos materiais lá encontrados. No segundo mês, teve início um trabalho de carácter eminentemente prático, que englobou todas as etapas necessárias ao estudo de um acervo arqueológico. Assim, focámo-nos primeiramente na marcação e colagem de materiais e, de seguida, na sua inclusão na base de dados do Museu (ou seja, seguimos o protocolo de inventariação praticado por esta instituição).

Posteriormente, esta informação foi aproveitada para a elaboração do nosso catálogo. Esta tarefa, que se prolongou durante os meses seguintes, envolveu o registo gráfico e fotográfico dos diferentes fragmentos. Depois de finalizarmos a elaboração do catálogo, iniciámos o trabalho de gabinete, ou seja, a análise do material que ainda não tinha sido alvo de investigação. Paralelamente, fomos planeando e escrevendo o texto que aqui apresentamos.

Para completar o estudo bibliográfico e material, foi imprescindível a visita ao local arqueológico. Esta visita permitiu, por um lado, compreender a atual localização e a sua envolvência e, por outro, observar o estado em que se encontram as estruturas, de forma a poder apresentar propostas de dinamização do local no capítulo 6.

2.2. O lote de cerâmicas para estudo

A análise pormenorizada do espólio, composto por 144 fragmentos, consistiu na colagem, na marcação e remarcação e no inventário das peças. Não procedemos à lavagem dos materiais, visto estes já se encontrarem lavados. No entanto, a este propósito, consideramos pertinente referenciar uma frase de Santos Rocha, focada sobretudo nos materiais⁷ que ainda possuam vestígios de pintura “(...) *sendo as pinturas raras e estando geralmente muito deterioradas, convém aproveitar todos os fragmentos de cerâmica mais fina que se encontrarem nas explorações, e lavar com o máximo cuidado principalmente aqueles que tiverem a pasta avermelhada e muito macia*” (ROCHA, 1971: 144).

A primeira etapa do nosso trabalho consistiu na marcação dos materiais estudados. Durante o processo de marcação, tentámos seguir as orientações referenciadas nas Normas de Inventário do Instituto dos Museus e da Conservação, mais concretamente o volume da “Cerâmica utilitária”. Este manual refere que, a identificação das peças não deve interferir com a visualização das mesmas em contexto museológico, ou seja, quando se encontram em exposição.

Todas as peças foram marcadas atendendo à sua orientação (isto é, ao facto de serem formas abertas ou fechadas). No caso de um fundo, a marca é feita na base do lado exterior da peça; deste modo, não ficará visível em caso de exposição. Por sua vez, num bordo de uma forma aberta, a marcação fica do lado exterior da peça, junto à zona fragmentada. É necessário referir que foi utilizado o mesmo processo em todas as peças.

A marcação das peças foi realizada, inicialmente, com a aplicação de verniz incolor, com o objetivo “*de regularizar a superfície e facilitar a escrita; por outro lado, impede que a tinta se infiltre na cerâmica*” (CRUZ e CORREIA, 2007: 19). Posteriormente, e de acordo com a tonalidade das superfícies, aplicámos tinta-da-china (nas mais cinzentas, tinta branca, e nas mais alaranjadas, tinta preta), passando por fim, uma camada de verniz Paraloid 72, de forma a ficar bem visível e permanecer no tempo, sem que comprometa o material. Importa também referir a reversibilidade do processo, visto que a marcação pode ser eliminada em qualquer altura com recurso a acetona ou a álcool.

Alguns dos fragmentos já se encontravam marcados. No caso daqueles que considerámos estarem com a marca muito proeminente, tentámos apagar e remarcar

⁷ Estes materiais com pintura a branco, referidos por Santos Rocha, foram enquadrados por ele como pertencentes à Idade do Ferro; todavia, neste trabalho, alguns desses materiais foram atribuídos à Época Islâmica.

corretamente as mesmas. Contudo, no caso do fragmento de uma bilha (11-A-027), ilustrado na figura 1, tal não foi possível, devido às características das três marcações anteriores, que foram assinaladas com caneta diretamente na peça. Pelo facto de este bordo possuir pintura em banda branca, ao tentarmos apagar as marcações, corríamos o risco de eliminar a decoração. Como tal, optámos por manter as marcações já existentes.

Como é também visível no exemplo abaixo exposto, constatámos que a marcação realizada durante a época de Santos Rocha consiste num pedaço de papel colado à peça (8253), contendo o número e, por vezes, também a identificação do respetivo período/povoado. Este arqueólogo manifestou preocupação em não marcar o fragmento por cima da pintura, cuidado não conferido durante as duas marcações posteriores - uma com a referência da estação e, novamente, com o número antigo (com marcação deficiente e pouco perceptível); e outra com um número conferido ao desenho desta peça (3.124). A marcação do novo número de inventário atribuído por nós ficou do lado interior da peça, não estando visível caso esta seja seleccionada para estar em exposição.



Figura 1: Fragmento de uma pequena bilha [número de inventário (11-A-027) e número antigo (8253)], que reúne quatro marcações, exemplo que mostra o que não se deve fazer.

De seguida, procedemos à organização dos fragmentos. Esta tarefa teve como primeiro critério definir a forma/função da peça - isto é: louça de cozinha, de armazenamento, de mesa ou cerâmica de construção; material de uso doméstico; e, por fim, os indeterminados, para quando não era perceptível a forma a que correspondia. O segundo critério considerado foi a forma e tipo, tendo sido identificadas as seguintes: alguidares, panelas, panelas/potes, potes, bilhas, cântaros/bilhas, jarrinhas, púcaros, púcaros/jarros, pratos, tigelas, testos, e telhas. Houve, no entanto, peças que não conseguimos classificar, como já referimos, que estão englobadas no grupo dos indeterminados, uma vez que devido às suas dimensões reduzidas, em princípio tratam-se de fragmentos de paredes.

Toda a informação obtida a partir do espólio foi inserida na base de dados do Programa Microsoft Access da instituição de acolhimento, de acordo com o modelo aí utilizado (*vide* anexo 3, fig. 4). Este modelo foi, posteriormente, aproveitado como base para a ficha de inventário desenvolvida por nós, que se fundamentou também no inventário utilizado em Mértola (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: Apêndice A) com a qual pretendemos simplificar os itens descritivos e elaborar o nosso próprio catálogo.

Na caracterização das peças, mais concretamente das pastas, não foi possível utilizar a tabela de cores de Munsell por já não existir no MMSR, tendo sido feita por nós a atribuição da cor.

Para a elaboração do catálogo foi feita fotografia e desenho. Posteriormente, a “tintagem” foi realizada com a ajuda do programa CorelDraw 12. Todos os fragmentos foram organizados, apresentando-se igualmente a respetiva descrição.

Para este estudo, foi imprescindível a consulta de bibliografia relacionada com a própria estação arqueológica e, também, com outros locais que detêm, como espólio, cerâmicas com as mesmas características. Pretendemos, assim, obter paralelos, com o intuito de delimitar cronologicamente o nosso conjunto através, por exemplo, da pesquisa dos diferentes tipos de recipientes e dos seus motivos decorativos (por exemplo, incisa, pintada ou com aplicações de cordões, puncionada ou golpeada, característicos de determinados períodos) e da representação em si (isto é, se possuem elementos geométricos ou qualquer outro motivo). Infelizmente, devido à dimensão reduzida da maioria dos fragmentos decorados, não nos foi possível abordar a orientação da mesma, ou seja, a maneira como se distribui a decoração pela peça.

Por fim, cada fragmento foi armazenado num saco com uma ficha de registo, por nós elaborada, de forma a não perder a informação de nenhum material. De realçar que as peças estavam armazenadas de forma aleatória e não individualizada, encontrando-se agora identificadas e juntas, de maneira a facilitar a consulta das mesmas. Quatro fragmentos do nosso estudo encontram-se, atualmente, na exposição permanente de Arqueologia do MMSR.

3. Santos Rocha e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha

3.1. Breve resumo biográfico do arqueólogo

3.1.1. Família e cargos exercidos

António Augusto dos Santos Rocha nasceu na Figueira da Foz, a 30 de Abril de 1853. Era filho de uma família relevante da mesma cidade. A sua mãe era D. Maria Adelaide de Souza e o seu pai, Manuel dos Santos Rocha, foi proprietário, capitão da Marinha Mercante e Vereador da Câmara.

Em 1875, Santos Rocha formou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra. Enquanto estudante, participou na “*secção de arqueologia do Instituto (...) de que era fundador seu tio, António dos Santos Pereira Jardim*” (FERREIRA, 1999: 14). Presume-se, portanto, que poderá ter havido uma influência familiar a despertá-lo para a Arqueologia.

De 1876 a 1881, foi provedor da Misericórdia. Em 1877, tornou-se Vereador da Câmara Municipal da Figueira da Foz, tendo sido Presidente da mesma por duas vezes: entre 1878 e 1880 e entre 1902 e 1904. Durante o seu primeiro mandato, acompanhou os trabalhos desenvolvidos por Nery Delgado, aquando da instalação da rede pública do abastecimento de água, aprendendo certamente com este grande nome da Geologia, que trabalhou, inclusivamente, noutras áreas, como a Arqueologia (IBID: 14).

Em 1880, casou com D. Maria Joana dos Santos Pereira Jardim, descendente de uma família influente.

De 1889 a 1891, foi Presidente e Secretário da Associação Comercial da Figueira da Foz. Exerceu ainda outros cargos distintos, tendo sido diretor do jornal *Correspondência da Figueira*; comendador da Ordem de Santiago; sócio do Instituto de Coimbra e da Sociedade Carlos Ribeiro do Porto; membro honorário da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses; e vogal delegado da Comissão dos Monumentos Nacionais. Para além disso, foi o fundador, conservador e primeiro diretor do Museu da Figueira da Foz.

A 28 de Março de 1910, com apenas 56 anos, esta figura ilustre morre na sua cidade.

3.1.2. Percurso na Arqueologia

Santos Rocha dedicou-se à investigação arqueológica desde novo, conquistando um papel fundamental na história da Figueira da Foz, devido não só à sua participação ativa na vida política, como também à descoberta de vários sítios arqueológicos na Figueira da Foz e nas zonas circundantes. O seu nome destaca-se ainda na arqueologia nacional pelas várias investigações realizadas, maioritariamente no Centro e Sul de Portugal. Exemplos disso são as diversas incursões que, entre 1894 e 1906, realizou ao Algarve e a outras zonas do país, com o objetivo de analisar monumentos e de proceder a estudos comparativos dos povoados.

Apesar de este arqueólogo ter desenvolvido a sua busca patrimonial um pouco por todo o país, a base principal do seu trabalho foi, sem dúvida, o vale interior do Mondego. Entre 1898 e 1899 são referidas várias explorações arqueológicas ao longo das margens do rio Mondego, incluindo Ereira, Brenha, Formoselha, Nossa Senhora do Desterro, Granja do Ulmeiro e as necrópoles neolíticas da Serra do Cabo Mondego (Várzea do Lírio e Alqueves), de onde recolhia os materiais mais significativos. Também em 1899 empreendeu numerosas viagens aos principais museus europeus, localizados, por exemplo, em Espanha, França, Suíça e Itália (Roma, Nápoles, Bolonha e Florença), na busca de paralelos, de forma a recolher informações/materiais que lhe permitissem completar o estudo do espólio por ele encontrado. O resultado de todos estes trabalhos encontra-se bem descrito nos relatórios de gerência da Sociedade Arqueológica da Figueira⁸.

Em Abril de 1899, Santos Rocha viu o seu trabalho reconhecido a nível internacional, recebendo um convite da revista *Bureau of American Ethnology* para publicar os trabalhos que desenvolveu na Sociedade Arqueológica da Figueira (*vide* anexo 1, fig. 1, extraído de FERREIRA, 1999: 16).

Ao longo de toda a sua actividade científica, verificou-se uma preocupação contínua em registar os trabalhos/achados, publicando, em revistas conceituadas, de extrema importância científica; posteriormente, essas publicações eram discutidas tanto em congressos nacionais, como internacionais. Entre as revistas em que publicou trabalhos incluem-se a *Portugalia*, *O Archeologo Português*, a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaies*, o *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha* e o *Boletim da Real Associação dos Arquitectos*

⁸ Em homenagem ao arqueólogo, esta Sociedade foi renomeada como Sociedade Arqueológica Santos Rocha, em 1903. No entanto, após a sua morte, em 1910, a Sociedade e o respetivo Boletim acabaram por não subsistir.

Civis e Archeologos Portugueses. O seu objetivo passava por dar a conhecer aos residentes a história das suas terras⁹.

Relativamente a livros, publicou: *A Décima de Juros segundo o Direito vigente* (1882), *Cartas de Andaluzia* (1886)¹⁰, *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho do Figueira* (1888), *Materiais para a História do Concelho da Figueira nos séculos XVII-XVIII* (1893), *Memórias sobre a Antiguidade* (1897), *O Museu Municipal da Figueira da Foz - Catálogo Geral* (1905-1909), *Estações Pré-Romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira* (1908).

Santos Rocha é descrito como um “(...) grande estudioso, que lia todos os alfarrábios, já alguns carcomidos pela traça (...)” (“Voz da Figueira”, 25/06/1953: 3), que trabalhava incessantemente nem que fosse “ao sol de fritar ovos nas costas, à chuva impertinente, mexeu, remexeu, revolveu, colhendo objectos de grande importância para a arqueologia peninsular” (BASTOS, 1908: 203).

Em 1971, realizou-se, em Coimbra, o II Congresso Nacional de Arqueologia, organizado pela Junta Nacional de Educação. Neste evento, António Vítor Guerra e O. da Veiga Ferreira apresentaram o trabalho “*Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz*”, onde é feito um resumo dos sítios identificados por Santos Rocha, respetivos tipos e materiais. Este trabalho constitui uma expressão clara de reconhecimento e admiração pela obra deste arqueólogo, patentes na seguinte expressão: “*Fantástico obreiro da arqueologia nacional [...] um dos melhores arqueólogos peninsulares*” (GUERRA E FERREIRA, 1971: 300-301). Ao mesmo tempo, Guerra e Ferreira pretenderam alertar para a degradação de Santa Olaia, apelando a que fossem tomadas medidas rapidamente, de modo a controlar a situação.

Segundo Ana Cristina Martins, uma das preocupações de Santos Rocha consta na “descentralização” das investigações, devido à singularidade e diversidade das várias regiões do país (MARTINS, 2012: 18). O seu trajeto comprova-o, através da pesquisa que desenvolveu na sua região.

⁹ A preocupação com a divulgação do seu trabalho fica patente na seguinte frase: “(...) muita força de vontade para explorar, e desenterrar fragmentos cerâmicos, juntá-los, colá-los por meio de betume, estudá-los, rotulá-los e reuni-los, com um amor indefesso à ciência (...)” (BASTOS, 1908: 207).

¹⁰ Trata-se do seu primeiro livro de carácter histórico, resultando da viagem a Andaluzia que fez em 1883 e que relata em forma de carta. Essa viagem cunhou a sua paixão pelo estudo da evolução humana e pelos vestígios materiais dela resultantes.

3.2. O Museu Municipal Santos Rocha

O Museu da Figueira foi criado a 6 de Maio de 1894, por Santos Rocha¹¹. Com a sua fundação, este arqueólogo pretendeu reunir todos os objetos que encontrara nas suas prospeções, trabalhos e intervenções, de maneira a poder dispô-los historicamente e a proporcionar a qualquer pessoa a possibilidade de ter acesso e conhecer melhor o passado de diversos lugares. Em síntese, o seu objetivo era, fundamentalmente, “(...) *conhecer mais a fundo a historia do nosso país, e a dos povos que em diferentes epochas vieram a esta parte da Península Ibérica!*” (CRUZ, 1896: 236).

Com o passar do tempo, as coleções de materiais tornaram-se cada vez mais vastas, pelo que o espaço disponível para armazenar as mesmas se foi tornando progressivamente mais diminuto. A necessidade de dispor de áreas maiores esteve na origem das quatro mudanças de sítio que se verificaram até ao momento atual. Inicialmente, de 1894 a 1899, o Museu esteve instalado na Casa do Paço da Figueira (*vide* anexo 1, fotografia 3). Entre 1899 e 1941, as coleções foram reinstaladas no andar nobre da Câmara Municipal da Figueira (*vide* anexo 1, fotografia 4), tendo posteriormente passado para o piso superior do edifício camarário, onde estiveram de 1945 a 1975 (*vide* anexo 1, fotografia 5).

Durante o início da década de 1960, iniciaram-se os trabalhos de preparação para a construção de um edifício próprio partilhado pelo Museu e pela Biblioteca Municipal, que contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Pretendeu-se, assim, dispor de espaço suficiente não apenas para as exposições, como também para o tratamento de conservação e restauro das peças. A reabertura do Museu aconteceu a 6 de Maio de 1979, oitenta e cinco anos depois da sua criação (RIBEIRO, 1994: 19). Apesar das diversas obras efetuadas, encontra-se ainda uma vasta e valiosa coleção nos acervos do museu, pelo facto de não existir espaço para a sua exposição (*vide* anexo 1, fotografia 6).

Quatro anos depois da criação do Museu, em 1898, nasceu a Sociedade Archeologica da Figueira (ROCHA, 1904: 3). Esta sociedade, segundo os próprios estatutos: “[...] *destina-se, em geral, ao estudo dos diversos ramos das sciencias archeologicas, procurando contribuir para a resolução dos problemas da prehistoria e da historia antiga do occidente da peninsula; e em especial, a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira [...]*” (IBID, 1898).

¹¹ A 30 de Março de 1910, dois dias após o falecimento de Santos Rocha, a Câmara Municipal da Figueira deliberou que o Museu passaria a denominar-se MMSR, nome que ainda mantém.

Em 1939, é criado o Grupo de Amigos do Museu, com as mesmas aspirações da Sociedade Arqueológica, numa perspectiva de continuidade do trabalho que Santos Rocha iniciou. Na mesma altura, António Vítor Guerra torna-se director do Museu, contribuindo financeiramente para o crescimento do acervo, sobretudo de obras de arte, como a pintura e a escultura (PEREIRA E CARDOSO, 1994: 48).

Em 1993, foi atribuído ao MMSR o Prémio de Melhor Museu do Ano, pela Associação Portuguesa de Museologia, o que demonstra a importância das suas coleções, bem como da própria instituição.

Atualmente, as coleções não se restringem apenas à arqueologia, englobando também áreas como pintura, escultura, arte sacra, epigrafia, cerâmica e vidro, etnografia, mobiliário, numismática, medalhística, armaria e traje. Adicionalmente, tem desenvolvido parcerias com instituições público-privadas, no sentido de promover junto da comunidade várias iniciativas, incluindo palestras sobre temas diversos, atividades pedagógicas e lúdicas e exposições temporárias, dando destaque aos artistas plásticos figueirenses e nacionais.

Neste sentido, o texto que se encontra na entrada do edifício é bem elucidativo: “O Museu Municipal Santos Rocha tem por missão recolher, conservar, proteger, investigar, interpretar e divulgar testemunhos materiais e imateriais, legados pelos antepassados ou representativos de identidades mais recentes, com valor arqueológico, etnográfico, artístico, ou qualquer outro valor patrimonial considerado relevante. É também sua missão estabelecer diálogos e experiências que apoiem, desafiem e estimulem os seus públicos na formação de conhecimentos, enquadrados nos diversos contextos histórico-culturais e fortalecer as relações com a comunidade em que se insere, colocando-se ao serviço da sociedade em geral” (Painel na entrada do MMSR).

Em suma, o MMSR visa, através da conjugação das várias actividades que desenvolve e dos recursos que detém, ter um papel ativo no desenvolvimento da cidadania. Como forma de retorno, empenha-se em captar visitantes da região e das áreas envolventes, e abre as suas portas a investigadores e estudantes, enquadrados em Estágios, como foi o nosso caso, proporcionando-nos as necessárias condições logísticas para desenvolvermos o trabalho que agora apresentamos.

4. O sítio arqueológico de Santa Olaia

4.1. Enquadramento geográfico

O outeiro de Santa Olaia, localizado entre Maiorca e Montemor-o-Velho¹², na margem direita do Mondego, propriedade da Quinta de Fôja, pertence à freguesia de Santana, concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra. Para além desse nome, foi conhecido, durante a Alta Idade Média, como *Angliata* (derivado de *Anguluata*, que designa um sítio com muitos ancoradouros; ALARCÃO, 2004: 14). É também denominado Santa Eulália ou Olaia/Ovaia, sendo estas últimas denominações populares (GUERRA, 1959: 397).

O nome do outeiro provém de uma capela que se encontra no alto do monte, consagrada a Santa Eulália (ROCHA, 1971: 19). Essa capela, referenciada em diversas fontes, localiza-se no planalto “(...) *na qual esteve antigamente o Castello*” (ANDRADE, 1898: 86).

O sítio arqueológico implanta-se numa zona calcária, de baixa altitude¹³ (entre os 20 e 25 metros), ocupando uma área não muito extensa, de configuração elipsoidal e com uma orientação O.N.O. e E.S.E. (ALVES, 1984: 159). É cercado, a meridional, por uma encosta íngreme, enquanto, a setentrional, o terreno se desenvolve em socalcos, onde se fixou o povoado. A leste, encontra-se uma depressão, que separa Santa Olaia do sítio arqueológico Monte de Ferrestelo (PEREIRA, 1996: 60). Esta depressão, vulgarmente conhecida por “poço”, dispunha de um porto (IBID, 1994: 41). Na altura, a navegabilidade do rio, aliada à amplitude do paleo-estuário do Mondego (superior à atual), possibilitava a existência de circulação marítima e de trocas comerciais¹⁴. De uma dessas transações resulta a flora existente em Santa Olaia, com presença de *quercion fagineae*, típica das margens do Mediterrâneo (ALVES, 1984: 159).

A proximidade de cursos de água, especificamente, o rio Mondego e o rio Fôja, (a 1,5 km para oeste) fez de Santa Olaia um sítio estratégico para o estabelecimento populacional. Durante muitos anos, Santa Olaia ficava totalmente cercada de água em determinadas épocas (vide anexo 2, figs. 2 e 3, extraído de PEREIRA, 2012: 123, figs. 2 e 3), tornando-se um “verdadeiro ilhéu” (ROCHA, 1971: 21). Relativamente àquele período, este local sofreu alterações substanciais, em parte devido à intervenção humana. Atualmente, é ladeado por

¹² Cujas coordenadas, através do sistema UTM (WGS84), são Longitude 523769,64 e Latitude 4446754,76. Este sítio possui o número 118 no Código Nacional de Sítio.

¹³ Vide anexo 2, fotografias de satélite 1 e 2.

¹⁴ “(...) *e ainda ha poucos annos havia tradições de que naquela fraga se viram grossas argolas, em que algumas embarcações se prendiam, com que as utilidades do commercio (...)*” (ANDRADE, 1898: 87).

extensos campos de arroz, tratando-se de terras de aluvião, que se caracterizam por ser bastante férteis.

Deste modo, o acesso ao povoado não é muito fácil para visitantes com determinadas limitações motoras. Para aceder à estação arqueológica existem duas entradas: a principal, preferencialmente utilizada por permitir o acesso à capela, e a secundária, localizada junto à depressão que separa os montes de Ferrestelo e Santa Olaia. Este segundo caminho foi criado aquando das escavações arqueológicas de 1984, realizadas no âmbito do Projeto de Conservação e Registo, como mencionado no relatório desse ano. Ambos os caminhos se encontram sinalizados, contendo placards com informação referente ao território (apresentando um roteiro a realizar nas imediações de Maiorca), à história (oferecendo um breve resumo da cronologia do sítio) e à flora locais.

4.2. Síntese dos trabalhos arqueológicos

Santos Rocha descobriu o sítio de Santa Olaia no século XIX (mais especificamente, em 1894) e explorou-o durante cerca de 14 anos, chegando em algumas zonas ao substrato geológico. Nas primeiras escavações coordenadas por este arqueólogo, foi utilizado o método estratigráfico, por camadas artificiais, que permite revelar características dos vários períodos cronológicos. Com o intuito de descobrir as primeiras ocupações deste lugar, algumas das estruturas medievais poderão ter sido destruídas.

Santa Olaia, devido ao seu valor arqueológico e natural, ganhou a classificação de Imóvel de Interesse Público com o Decreto nº 39.175 de 17 de Abril de 1953. Tal estatuto promove a protecção do sítio, impedindo construções que comprometam a estabilidade das estruturas existentes e respeitando a sua fisionomia. Apesar disso, ainda não existe, infelizmente, punição ativa para a prática de atos de vandalismo sobre este sítio e muitos outros do território nacional.

Em 1958, António Vítor Guerra participou no I Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Lisboa, onde apresentou uma síntese do trabalho realizado por Santos Rocha, dando especial ênfase ao estudo do sítio de Santa Olaia. Treze anos depois, alertou, novamente, para a necessidade de serem tomadas medidas de prevenção, dada a riqueza do local, “*a bem da cultura arqueológica portuguesa*” (GUERRA, 1971: 306).

Em 1972, a Liga para a Protecção da Natureza inclui o outeiro de Santa Olaia e do Monte Ferrestelo na lista dos locais a proteger em Portugal Continental. Esta medida foi consequência de um trabalho fitossociológico que defende que “*cet ensemble, inaccessible aux animaux et à peu près en dehors de l’influence anthropogène, revêt tous les attributs d’une végétation naturelle*”¹⁵ (J. BRAUN-BLANQUET, SILVA & ROSEIRA, 1956 *apud* PEREIRA e PAIVA, 1987: 8).

Durante as décadas de 80 e 90¹⁶, foram várias as intervenções em Santa Olaia dirigidas pela Dr.^a Isabel Pereira. Foi seu objetivo continuar os trabalhos iniciados por Santos Rocha, definindo os limites do sítio. Estas operações realizaram-se, por um lado, no contexto de emergência e, por outro, no de conservação. Neste âmbito, destaca-se o projeto de

¹⁵ Este conjunto, inacessível aos animais e protegido de influência antropológica, tem todos os atributos de uma vegetação natural.

¹⁶ Devido a fatores de ordem externa, não foi possível consultar os Relatórios de Escavação de 1989. Apenas os Relatórios das Escavação de 1984 e 1988 se encontram disponíveis no MMSR.

preservação do espaço que, em 1985, conduziu aos trabalhos de consolidação das estruturas arquitetónicas¹⁷.

Em 1984¹⁸, reiniciaram-se os trabalhos de limpeza no local, para identificar as estruturas descobertas por Santos Rocha¹⁹, definir os limites do povoado e resguardar o mesmo (PEREIRA, 1993: 287). Ao mesmo tempo, iniciaram-se as escavações do povoado, que mantiveram intactas as estruturas postas a descoberto anteriormente. Contudo, as estruturas medievais nessa altura encontradas foram destruídas com o objectivo de alcançar níveis habitacionais mais antigos, mais concretamente da Idade do Ferro (IBID, 1988), na medida em que se verifica a sobreposição de estruturas desde o século VIII-VII a.C. até à Época Medieval²⁰.

Ao longo do tempo, houve necessidade de criar infraestruturas que ligassem Coimbra e Figueira da Foz. Atendendo a isto, foram efetuadas diversas obras, incluindo a construção da Estrada Real Nº 49, de Geria a Buarcos; o alargamento e o desvio da Estrada Nacional 111; e, por fim, a edificação do Itinerário Principal Nº 3, atual A14, cuja obra foi finalizada nos anos 90. De modo a afetar o menos possível o local, foi necessário soterrar as estruturas associadas ao complexo industrial, na zona baixa do povoado (IBID, 1998: 4-5).

Para além do já mencionado, verificou-se uma alteração na hidrografia do Baixo Mondego. Aliado a isto, a densa florestação existente nos dois montes (Santa Olaia e Ferrestelo) invariavelmente transformou a estratigrafia existente. Houve, deste modo, um grande revolvimento de terras, que dificulta o processo de análise e de leitura estratigráfica (*vide* anexo 2, figs. 2 e 3, extraído de PEREIRA, 2012: 123, figs. 2 e 3).

Em 1997, foram realizadas sondagens no seguimento do Projeto de Implantação de Gás Natural, rede de Alfarelos - Figueira da Foz, de forma a não comprometer o sítio para a passagem da tubagem²¹.

Quatro anos depois, foi executado um acompanhamento arqueológico das obras de Emparcelamento do Perímetro Montemor - Ereira, que em nada afetou o sítio, não tendo sido detetados vestígios de ocupação humana na zona incidente²².

Por fim, a mais recente intervenção no local, em 2003, assinalou o restauro de algumas estruturas, a fim de consolidá-las, tendo sido aplicados materiais idênticos aos existentes na

¹⁷ <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=119034&vs=55782>.

¹⁸ Nas escavações realizadas nesse ano, foi utilizado o método estratigráfico, com quadrados de 3 x 3 metros, com recurso a “banquettes”. Em 1988, foram estabelecidos retângulos de 3 x 5 metros (PEREIRA, 1984 e 1988).

¹⁹ As estruturas descobertas por Santos Rocha tinham desaparecido quase completamente (PEREIRA, 1984: 8).

²⁰ <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2138083&vs=55782>.

²¹ <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=123778&vs=55782>.

²² <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2142924&vs=55782>.

constituição das mesmas, tanto na pedra como na argamassa, “*para garantir a estabilidade física*”²³.

Contudo, a destruição e a degradação do sítio é diária, denotando-se no abandono e, também, na curiosidade da população que vai “*removendo terras e provocando inconscientemente grandes prejuízos*” (IBID, 1993: 288). Deste modo, este sítio, devido à sua situação privilegiada e à visão periférica que detém, com um alto valor científico e ambiental, necessita de medidas urgentes de proteção e exploração.

²³ <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2684510&vs=55782>.

4.3. Os períodos de ocupação

Diversas características tornaram estratégica a posição geográfica de Santa Olaia: por um lado, o seu grande campo visual para as terras em seu redor, que permitia controlar o território envolvente; por outro, a existência de água potável no monte vizinho e a facilidade de obtenção de alimento através da caça e da pesca, que tornavam o sítio favorável para habitar.

Tais características explicam a ocupação de Santa Olaia desde o Neolítico, que perdurou durante a Idade do Ferro, a Época Romana e a Medieval. Santos Rocha, para além do período pré-histórico, fala mesmo de “*uns povoados sobrepostos*” e esclarece-nos sobre os principais períodos de ocupação: “*da segunda idade do ferro, epocha luso carthagineza, e a seguir, para a superfície, uma camada de restos romanos, e por ultimo ruínas de construcções que pertencem à Idade Média*” (ROCHA, 1906: 84).

A diversidade cronológica dos materiais encontrados permitiu a António Victor Guerra confirmar um total de seis períodos, bem distintos, que incluem uma fase neolítica, três pré-romanas, uma luso-romana e uma medieval (GUERRA, 1959: 399). Da estação Neolítica, foram recolhidos variados objetos, dos quais salientamos machados, punhais, furadores e alfinetes (GUERRA e FERREIRA, 1972: 50).

Mais recentemente, a Dr.^a Isabel Pereira demonstrou a existência de seis fases/ níveis de ocupação, definidos por “*três níveis culturais distintos e outros de ocupação contínua e intermediário: estabelecimento fenício arcaico, a primeira fixação habitacional fenícia, o desenvolvimento da ‘cidade’ e II Idade do Ferro. Outras épocas, fora do tema em estudo, documentam ocupação medieval e presença de cerâmica islâmica.*” (PEREIRA, 2012: 117).

Assim, a síntese dos resultados arqueológicos em Santa Olaia mostram bem a importância do sítio e a complexidade da sua estratigrafia que abrange épocas tão distintas como: a primeira fase de colonização fenícia arcaica (século IX-VIII a. C.); o estabelecimento fenício (século VIII a. C.); as primeiras construções que corresponde à segunda fase da colonização fenícia (século VII-VI a. C.); uma fase de consolidação fenícia (século VI-IV a. C.); IIª Idade do Ferro (século IV-III a. C.) e, por último, a Época Medieval e Islâmica (século XI), (IBID: 117, tabela; 126, fig. 9).

4.3.1. Idade do Ferro e Época Romana

A Idade do Ferro constitui a época melhor representada e documentada, face à sua duração, que resultou num vasto património de materiais. Aqui se incluem objetos em bronze e em ferro, cerâmicas feitas à mão e à roda, de pastas cinzentas e beges, peças de importação, com pinturas brancas ou de engobe vermelho, com formas exóticas e de influências orientais (GUERRA e FERREIRA, 1971: 300).

Durante a ocupação fenícia, que ocorreu entre os séculos VIII-VII a. C. e o século VI a. C., Santa Olaia funcionou como um entreposto comercial, fazendo a ligação entre o Litoral e o Interior. Nessa altura, quando se iniciou a circulação marítima, era exportado metal, sal e gado e, por sua vez, importados vidros e marfim.

A atividade metalúrgica está, igualmente, presente em áreas de fundição, onde se escavaram fornos de redução de metal, enquadrados na I.^a e II.^a Idade do Ferro, localizados em duas zonas: a) no planalto superior; b) na zona ribeirinha (PEREIRA, 2009: 66-69). Segundo a Dr.^a Isabel Pereira, em Santa Olaia era exclusivamente onde se fazia a transformação do metal, que posteriormente era exportado para o Médio Oriente, e não o “centro de fabrico de objetos metálicos” (IBID, 2012: 120).

O complexo habitacional desenvolvido em socalcos, era constituído por “*casas de planta rectangular ou quadrangular (...) as lareiras, situavam-se, no geral nos ângulos das casas. Eram zonas não bem delimitadas, com muitas cinzas e com grande concentração de cerâmica. (...) os pavimentos eram de terra batida, gordurosos e escorregadios. (...) outros pavimentos são feitos de conchas e argila. (...) outro notável conjunto de fornos ligados à metalurgia foi encontrado a norte, na zona baixa do povoado. Eram de forma e dimensões variadas – circulares, semi-circulares, cobertas de argila no interior e de pavimentos levemente inclinados*” (IBID, 1994: 41-42). Este pequeno excerto descreve o povoado no seu conjunto, incluindo a área industrial²⁴.

Para além das estruturas habitacionais, foram observadas estruturas amuralhadas, três construções de fases e dimensões distintas, uma primeira com base em muros de terra, a segunda construção, com datações do século VII a. C., por sua vez, foi edificada em pedra e finalizada em adobe, e uma estrutura mais recente, datada da época medieval (IBID, 2012: 119-120).

²⁴ Atualmente, esta área encontra-se soterrada, devido à construção da A14 (vide anexo 2, fotografias aéreas 1 e 2).

Relativamente à Época Romana, os vestígios são pouco numerosos. O espólio inclui telhas, peças em vidro, moedas, vasos de diversas dimensões e, também, na cerâmica, a *terra sigillata* clara. Como refere Santos Rocha, Santa Olaia “(...) *foi um castro lusitano, cujos habitantes receberam o baptismo da civilização romana*” (ROCHA, 1896: 226). Contudo, o acervo não é suficiente para permitir identificar o tipo de sítio que Santa Olaia foi durante este período.

4.3.2. Época Medieval

No que concerne ao Período Medieval, foram encontrados ténues restos de estruturas e espólio associado, sobretudo nas camadas mais superficiais. Entre as cerâmicas incluem-se fragmentos com decorações resultantes da aplicação do cordão plástico e outros com decoração incisa de linhas paralelas horizontais, por vezes acompanhadas de linhas em ziguezague, correspondente precisamente à ocupação medieval do sítio. Relativamente à origem da cerâmica com pintura a branco, levantaram-se dúvidas aquando da sua descoberta: “*Seriam árabes as louças pintadas de Santa Olaya? A afirmativa também não repugnava. Alli existiu um castello, que foi occupado pelos árabes (...)*” (ROCHA, 1896: 227). Veio a verificar-se que Santos Rocha tinha razão, visto certas peças, devido à sua forma e decoração, serem facilmente identificadas como islâmicas.

Há poucas referências aos materiais desta época em Santa Olaia, sobressaindo as moedas de prata como “*as mais importantes*” (IBID, 1971: 28), tendo sido algumas classificadas como de Afonso VI de Leão e Castela (AZEVEDO, 1908: 70), que reinou de 1065 até ao ano da sua morte, em 1109. Para além das moedas, ainda se conservam duas mós (depositadas no MMSR), e *in situ* poucos muros de alvenaria ordinária (pedra e cal) que, possivelmente, foram muralhas e duas torres quadrangulares.

Durante o Período Medieval, muitos castelos eram erigidos em sítios que já tinham tido ocupação anterior, isto é, proto-histórica ou coincidindo com o fim da Antiguidade (BAZZANA, 1992: 273). O mesmo sucedeu com o Castelo de Santa Olaia, embora existam divergências entre os historiadores quanto à cronologia de construção. Analisando a qualidade da edificação, alguns concluem ter sido obra dos romanos, atendendo também à existência, no mesmo local, de uma estátua em mármore de Juno (LEAL, 1875: 513). Outros autores defendem que o Castelo de Santa Olaia foi construído na Época Medieval. A verdade é que

esta estrutura defensiva, de que restam apenas ténues vestígios da muralha e de duas torres de planta quadrangular, identificadas na área escavada, deverá ter tido um papel importante na época da reconquista cristã, sendo um posto de vigia no vale do Mondego.

Uma das primeiras menções ao Castelo de Santa Olaia reporta ao ano de 1087, altura em que são mencionados, no testamento de D. Sesnando, os limites da propriedade do castelo, mais concretamente de Arazede à Murtinheira (L. P. Nº 19), (*vide* anexo 2, fotografia de satélite 3).

A 4 de Julho de 1116, os Almorávidas terão destruído o castelo, não deixando qualquer vestígio. Os seus habitantes foram mortos ou feitos prisioneiros e levados para África (BARROCA, 2005: 114 e GIL, 1963: 3428).

Contudo, o castelo foi de novo reedificado, tendo sido mandado restaurar por D. Teresa que, a 3 de Novembro²⁵ de 1122, o entrega ao Conde D. Fernando Peres de Trava, em troca do Castelo de Coja (L. P. Nº 560; LARCHER, 1935: 412).

Com a construção do Castelo de Leiria, em 1135, o Castelo de Santa Olaia perdeu a importância, na medida em que já que não servia como defesa, dado a “ameaça” estar localizada mais a sul (AZEVEDO, 1908: 74).

Em Dezembro de 1166, devido à falta de serventia, a área correspondente ao Castelo de Santa Olaia foi cedida por D. Afonso Henriques ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O rei instituiu no castelo a sede do Couto de Maiorca, da qual o Mosteiro usufruía através da cobrança de rendas e de portagens para a travessia no rio (ANDRADE, 1898: 87-89).

Segundo Santos Rocha, encontra-se por esclarecer a localização exata do Castelo de Santa Olaia. Pensando este autor que o núcleo central do castelo se poderá encontrar, possivelmente, no Monte do Ferrestelo, visto que, no Monte de Santa Olaia, apenas se encontravam as muralhas avançadas e o cemitério (ROCHA, 1971: 27-28; *vide* anexo 2, planta 2). Contudo, mais recentemente, segundo a Dr.^a Isabel Pereira, que elaborou a planta das estruturas habitacionais em ruína e, que inclusivamente, as diferenciou pelos diferentes períodos ocupacionais, foram também enquadradas nesta fase em estudo, para além, dos vestígios de muros, duas torres de planta quadrangular, correspondentes ao castelo medieval, localizadas no noroeste do sítio arqueológico (*vide* anexo 2, planta 1, extraído de PEREIRA, 2012: 126).

São várias as razões que justificam a escassa presença de estruturas que testemunham a presença do castelo. A principal prende-se com o facto de alguns dos seus materiais terem

²⁵ No Livro Preto, o mês referido para a doação do castelo é Novembro; para Fonseca e Andrade, terá sido em Dezembro (ANDRADE, 1898: 87).

sido aproveitados para a construção da Ponte do Barco²⁶ (no reinado de D. Manuel, em 1519) e da Capela de Santa Eulália (LEAL, 1875: 513). Mas também, com a criação de infraestruturas de estradas de ligação entre as localidades que, em 1969, resultou numa notícia no jornal local “Mar Alto”, sobre a paragem de escavadoras que estavam a destruir o local, em que o seu autor termina o discurso com um apelo: “*não podemos desbaratar o património cultural da Nação a troco duma pequena economia de verba*” (GIL, 1969).

Por outro lado, especula-se que a sua construção possa não ter sido muito imponente (ROCHA, 1971: 21), embora seja descrito como sendo “(...) *fortíssimo por natureza, e industria (...)*” (ANDRADE, 1898: 86).

Por fim, as várias intervenções realizadas no local vão apagando os vestígios do passado. Daí resultou que “(...) *foi como fumo este castello, de que nam há, nem ficou rasto*” (ANDRADE, 1898: 91), o que limita a informação que podemos recolher sobre este sítio, nomeadamente, o momento a partir do qual o Monte de Santa Olaia deixou de ser habitado. Contudo, como já referimos anteriormente, apesar dos vestígios do castelo serem muito reduzidos, as escavações permitiram identificar um tramo de muralha e duas torres.

²⁶ “*E para ajuda d’esta obra lhe deram os empreiteiros a pedra do celebre castello de Santa Olaia (...) os tempos sejam inimigos capitaes dos edificios (...)*” (ANDRADE, 1898: 91).

5. O estudo das cerâmicas medievais

Quando se analisam as cerâmicas recolhidas nas escavações arqueológicas, a localização do sítio e a contextualização estratigráfica são aspetos fundamentais a ter em conta, para uma melhor compreensão da evolução diacrónica do sítio.

Porém, para os materiais exumados nas escavações mais antigas de Santa Olaia, não existem referências estratigráficas muito específicas²⁷. Especificamente, em relação a quase todos os materiais medievais recolhidos por Santos Rocha, apenas se sabe que foram encontrados nas camadas superficiais, de acordo com a descrição que o autor apresenta no catálogo que elaborou (ROCHA, 1905-1909). Relativamente às escavações mais recentes, dirigidas pela Dr.^a Isabel Pereira, apenas cinco fragmentos apresentam a indicação do nível estratigráfico de onde foram recolhidos (nível 1 e 4), assim como o ano das intervenções (mais precisamente 1984, 1988 e 1989).

Normalmente, os materiais da época medieval recolhidos em Santa Olaia encontravam-se em níveis superiores e/ou superficiais, descritos essencialmente como terras aráveis, aproveitadas para a agricultura e, como tal, terras que já tinham sido “remexidas”²⁸, não se encontrando, por isso, os vestígios “*in situ*”.

O presente trabalho inclui as cerâmicas medievais de Santa Olaia recolhidas no âmbito das investigações de Santos Rocha e da Dr.^a Isabel Pereira. Analisámos o espólio que se encontra depositado no MMSR, tendo catalogado 144 fragmentos. Não sabemos, porém, quantos mais fragmentos poderão existir quer no acervo que se encontra ainda por tratar neste Museu, estando misturado com outros materiais, quer nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia.

Com base nas características da pasta, da cor e da composição, apercebemo-nos de que alguns fragmentos poderiam pertencer à mesma peça (embora sem colagens entre si), pelo que o conjunto analisado consistiu num total de 132 peças. Contudo, convém salientar que se trata apenas de um número aproximado, pois é possível que outros fragmentos de paredes também pertençam a uma das peças já existentes.

Foi exequível fazer a colagem de alguns fragmentos (6), havendo três peças que se encontram restauradas (09-A-129, 10-A-120 e 11-A-028), uma das quais está exposta na Sala de Arqueologia, incluída na exposição permanente do MMSR. O estado de conservação deste

²⁷ Dos cadernos de campo de Santos Rocha, apenas pudemos ver alguns esboços de desenhos com as respetivas medidas e pequenos textos informativos (*vide* anexo 1, fotografia 2).

²⁸ A descrição das camadas é mencionada nos Relatórios de escavações de Santa Olaia de 1984 e 1988.

conjunto é, em termos gerais, deficiente e incompleto, por diversos motivos, dos quais salientamos a segmentação das peças – alguns fragmentos são tão pequenos que não permitem identificar a forma, nem criar subtipos (possivelmente por se encontrarem nas camadas superiores, que foram sujeitos a práticas agrícolas). Adicionalmente, os níveis de cinzas, - certamente provocados pela Reconquista já que entre os fragmentos de cerâmica medieval apareceu uma ponta de virote de ferro que Pedro de Azevedo comenta juntamente com as moedas de prata de Afonso VI de Leão (AZEVEDO, 1908: 70) - marcaram as peças com queimado, alterando, deste modo, a coloração das superfícies das mesmas, assim como as próprias características das peças.

Para a elaboração do nosso catálogo, definimos uma série de itens, previamente selecionados, que iremos especificar em seguida:

1. Os fragmentos são designados pelo acrónimo St. Olaia, seguido do número de inventário atribuído, utilizando a metodologia praticada no MMSR para coleções (por exemplo: no nº 10-A-014, o 10 corresponde ao ano em que foi feito o inventário, o A ao facto de a coleção ser de Arqueologia, sendo 014 o número de ordem do fragmento). O número é atribuído aos fragmentos por ordem crescente. No entanto, no caso do inventário da catalogação de Santos Rocha²⁹, houve a necessidade de atribuir dois números: o antigo, referente ao seu catálogo, e o atual do Museu, por nós elaborado para todas as peças em estudo.
2. A forma e a respetiva função equivalem à identificação do fragmento em termos de tipologia.
3. As dimensões (por exemplo, bordo, fundo, espessura das paredes) são indicadas em milímetros.
4. A morfologia consiste numa descrição mais pormenorizada da peça, especificando o tipo de bordo, de lábio, de bojo e de fundo.
5. A técnica de fabrico é definida pela análise de diversas características das pastas, incluindo a cor, a consistência, a composição e o tipo de cozedura e/ou arrefecimento da peça (se ocorreram em atmosfera redutora ou oxidante).

²⁹ Dos materiais recolhidos por Santos Rocha, existem três peças com número antigo que não aparecem no Catálogo elaborado pelo mesmo, sendo esses números os seguintes: 6684, 6691 e 6896. Acontece também o contrário: seis peças citadas no catálogo não foram encontradas no MMSR: 2659, 4083, 6681, 6682, 6696 e 6700.

6. O tópic do historial do objeto enquadra algumas observações relacionadas com os fragmentos (por exemplo, informação de que dois deles pertencem à mesma peça).
7. A bibliografia, quando a peça não é inédita, corresponde maioritariamente aos materiais encontrados e publicados por Santos Rocha.
8. A decoração (incisa, impressa, com aplicação, entre outras...) é descrita, naturalmente, apenas nas peças que a possuem.
9. A cronologia, que neste estudo se agrupa na época medieval, inclui também os fragmentos de época islâmica.
10. Por fim, o registo gráfico é composto por fotografia e desenho, pelo menos para um exemplar de cada tipo e para os materiais mais significativos. O desenho foi elaborado à escala real manualmente e, posteriormente, tratado informaticamente com auxílio do Programa CorelDraw 12 para efeitos de “tintagem” e aprimoramento.

A maioria deste conjunto ficou depositada na gaveta 37 da Reserva do MMSR, permitindo assim uma fácil consulta; excetuam-se as quatro peças (09-A-129, 09-A-131, 09-A-132 e 09-A-135) que pertencem à exposição permanente do MMSR, e uma bilha (10-A-120) que, devido à sua dimensão e fragilidade, se optou por armazenar num local mais alto e espaçoso (fig. 2).



Figura 2: Bilha de bordo trilobado de média dimensão, muito fraturada, composta por 27 fragmentos (10-A-120).

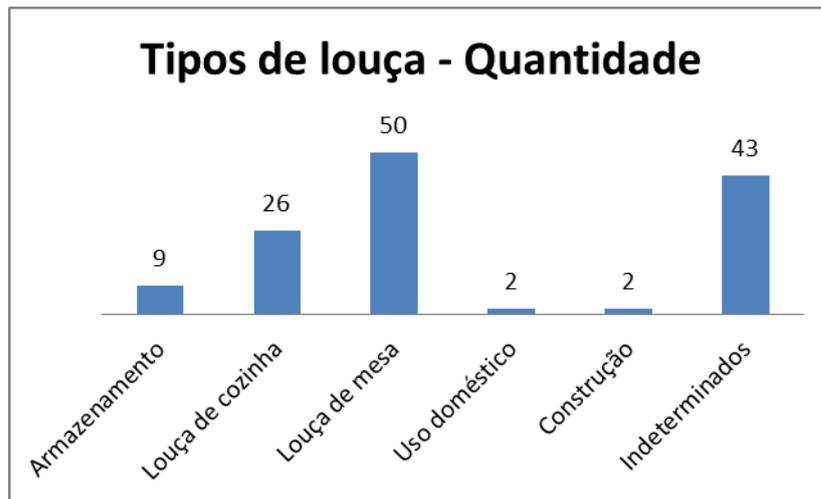


Gráfico 1: Tipos de louça e as respetivas quantidades de peças.

A coleção engloba uma diversidade de formas que podem agrupar-se em conjuntos de acordo com a função que desempenham: louça de cozinha (26 registos), de mesa (50 registos), de armazenamento (9 registos), de uso específico e material de construção, respetivamente 2 registos para cada um (gráfico 1). A função das peças é obtida atendendo às características métricas, formais e técnicas, como também às marcas de uso, como por exemplo o fogo (SOLAUN BUSTINZA, 2005: 61). Aparecem também materiais cuja forma não conseguimos definir (43 registos), como é o caso de fragmentos de bojo mais pequenos, que não possuem características específicas, determinantes para a inventariação.

Para a descrição morfológica conseguimos estabelecer 13 formas: alguidares, panelas, panelas/potes, potes, bilhas, cântaros/bilhas, jarrinhas, púcaros, púcaros/jarros, pratos, tigelas, testos e telhas.

Para a sua classificação tipológica, é essencial não só a observação visual como também a análise do tipo de material, da técnica de fabrico, da época, do contexto em que se inserem e, quando apresenta, da decoração (SALVATIERRA CUENCA e CASTILLO ARMENTEROS, 1999: 30). Adicionalmente, o tamanho da peça também ajuda na distinção dos diferentes tipos de forma (por exemplo, entre alguidares e tigelas).

A distribuição tipológica pelo território é constatada através de análises comparativas entre sítios arqueológicos, juntamente com a análise da composição das pastas (IBID: 39). Contudo, é evidente que existem diferenças de sítio para sítio, de região para região, e numa classificação geral não são detetadas as características que diferenciam cada local, ideia já defendida por Santos Rocha (MARTINS, 2012: 18).

Atendendo à tipologia, justifica-se debruçarmo-nos sobre o tema da nomenclatura das peças. Existe um conjunto variado de termos que é usado em acervos maiores para a divisão em subtipos; porém, constatámos a falta de um inventário de termos, unanimemente adotado, para ser aplicado em cerâmicas medievais cristãs, como é o caso de grande parte das cerâmicas em estudo.

As dificuldades na atribuição para as nomenclaturas cerâmicas medievais desde há muito têm sido discutidas, pela necessidade de igualar os termos descritivos: “*a uniformidade e, sobretudo, a sobreposição inequívoca do nome e do objecto a que se refere, assim como a definição rigorosa dos elementos designados por cada termo, é imprescindível para o correcto cruzamento dos dados (...)*” (TORRES, GÓMEZ-MARTÍNEZ e FERREIRA, 1997: 125).

No entanto, mais recentemente, e considerando a necessidade de uniformização de critérios, o Grupo CIGA (Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus) tem vindo a ultrapassar as disparidades existentes, para o que criou uma base de dados com todos os itens descritivos para o inventário completo da cerâmica islâmica do território nacional (BUGALHÃO *et al*, 2010: 455-476).

Em concreto, neste conjunto cerâmico, sendo pouco numeroso, pareceu-nos mais correto enquadrarmos as formas identificadas em compartimentos mais generalistas. Para a atribuição dos termos, apoiámo-nos na bibliografia consultada para os paralelos formais e decorativos, e também em artigos onde se encontram compilados inventários de tipologias, para posteriormente compararmos com a morfologia, a função e a dimensão das peças em análise.

Das 132 peças, 29 foram encontradas nas escavações dirigidas por Santos Rocha. Porém, 6 fragmentos não se encontravam indicados como pertencendo ao período medieval: o fragmento (11-A-017) estava agrupado com materiais do período romano e os restantes cinco (11-A-018, 11-A-019, 11-A-020, 11-A-021 e 11-A-027), que apresentavam vestígios de decoração pintada a branco, tinham sido inseridos cronologicamente na Idade do Ferro (fig. 3). Ao analisarmos as respetivas forma e decoração, concluímos que são características da época islâmica, pelo que os incluímos no presente trabalho.



Figura 3: Dois exemplos de peças que se encontravam marcadas como pertencendo ao espólio datado da Idade do Ferro (11-A-020 e 11-A-021)³⁰.

³⁰ ROCHA, 1905-1909: 122.

5.1. As formas e sua função

Este espólio cerâmico marcado por uma variedade de formas tem, contudo, ausência de outras tais como: talha e cantil (vasilhame de armazenamento e de transporte), almofariz (louça de cozinha), candil/candeia, fogareiro, braseiro (contentores de lume), copos e taças (louça de mesa), alcatruz (instrumentos de uso agrícola) e malhas ou peças de jogo (material de uso lúdico).

O lote em análise engloba maioritariamente formas fechadas. Neste grupo, inclui-se um total de setenta e sete peças, distribuídas pelas seguintes formas: bilhas, cântaros/bilhas, panelas, panelas/potes, potes, púcaros, púcaros/jarros e jarrinhas.

Por sua vez, as formas abertas estão apenas representadas no lote por oito peças, que abrangem as seguintes formas: alguidares, pratos e tigelas. Contudo, nem todas as peças se enquadram nas categorias de formas abertas ou fechadas, existindo dois testos, duas telhas e diversas peças de forma indeterminada. Este subconjunto constitui 33% do total das peças (gráfico 2), englobando, maioritariamente, pequenos fragmentos de bojo – os quais cremos que corresponderiam a formas fechadas.

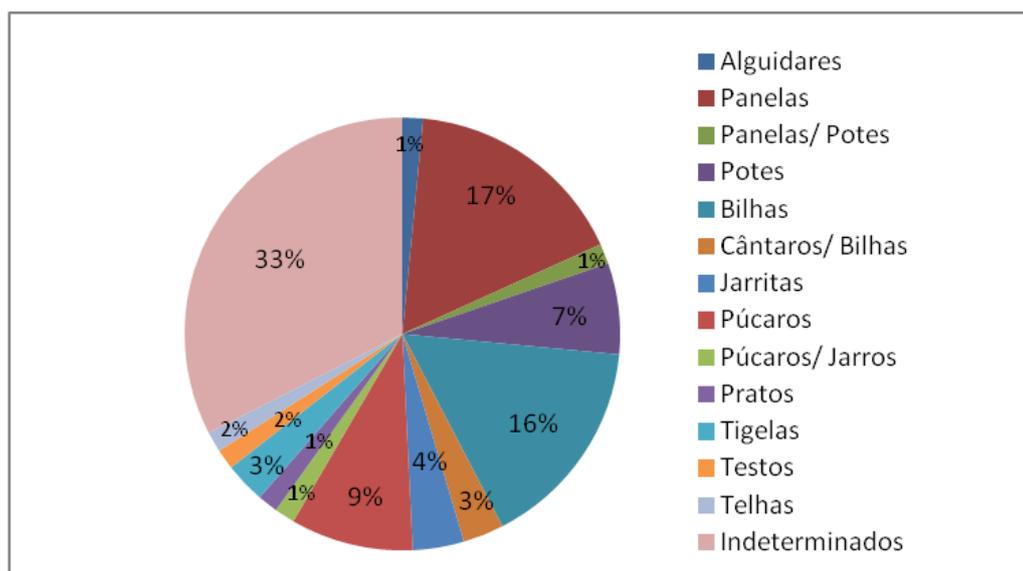


Gráfico 2: Gráfico respeitante à percentagem de peças para cada forma que identificámos.

5.1.1. Alguidares

Os alguidares são formas abertas de diferentes dimensões e caracterizam-se pelas suas paredes espessas. Estas peças são utilizadas em funções distintas, servindo, essencialmente, para a preparação dos alimentos; podem ajudar, igualmente, na realização de tarefas domésticas.

No nosso estudo, identificámos dois fragmentos de alguidares (10-A-062 e 11-A-004) de corpo troncocónico invertido. São ambos de pasta de núcleo cinzento, sendo a superfície de um acastanhada e do outro alaranjada - ou seja, foram fabricados através do mesmo procedimento de cozedura redutora e pós-cozedura oxidante, o que lhes conferiu uma tonalidade mais clara na superfície.

A decoração de ambos é idêntica. No fragmento (10-A-062), a decoração é composta por engobe e aplicação dos dois cordões plásticos digitados, um disposto na horizontal e outro na diagonal. Em relação ao outro fragmento (11-A-004), para além do engobe e da aplicação de dois cordões plásticos digitados de linhas paralelas, apresenta duas ondulações intercaladas com algumas incisões que se assemelham a um traço horizontal descontínuo.

O primeiro alguidar (10-A-062) assemelha-se a fragmentos de três sítios arqueológicos distintos. O primeiro é de Silves, constituindo o fragmento mais completo, apresentando bordo, sendo de pasta laranja e tendo a superfície interior brunida (GOMES, 2004: 495). Foi encontrado na Camada 8, considerada uma possível acumulação de entulhos, datada dos séculos VIII/IX, aquando do período omíada. Do ponto de vista decorativo, apresenta a interceção dos dois cordões plásticos, com dedadas do oleiro muito bem definidas, como o fragmento em estudo, que apresenta uma regularidade nas marcas, e em que é facilmente observado o negativo do tecido utilizado. Como justifica Rosa Varela Gomes, os cordões, para além da função decorativa, “*serviam para reforçar as paredes da vasilha*” (IBID: 474), dando-lhe mais força e resistência.

Este tipo decorativo de duplo cordão plástico digitado aparece igualmente no Alto Mondego, mais precisamente no sítio Penedo dos Mouros (Gouveia)³¹, com datações dos séculos IX-X (TENTE, 2010: 192, fig. IV.4.23, nº 56). Neste local, foram encontrados dois fundos de alguidar em disco, um deles, inclusivamente, com decoração impressa (IBID: 149), particularidade que não encontramos no nosso lote cerâmico.

³¹ Sítio que teve uma ocupação anterior (Neolítico antigo/ médio) e que só volta a ser habitado no século IX, embora durante pouco tempo: na centúria seguinte, foi abandonado após um incêndio (TENTE, 2010: 173).

Num sítio mais distante, em El Castro, mais concretamente em Castrogonzalo, na província de Zamora³², foi recolhido um fundo de “*tinaja*” (talha) decorado com dois cordões paralelos horizontais com datações dos séculos XII-XIII, que corresponde à cerâmica alto e plenomedieval (LARRÉN IZQUIERDO, 1989: 282, fig. III, nº 2). No alguidar (10-A-062), como já foi referido, para além de um dos cordões ter essa orientação, o outro cordão encontra-se na diagonal.

Para o outro alguidar (11-A-004), encontrámos paralelos em Conímbriga, incluindo um fragmento cujo perfil é mais convexo, apresentando o mesmo tipo decorativo de cordão plástico e unguiações. Nesse caso, até o próprio bordo, no lábio, possui decoração, informação que não é possível constatar no fragmento em estudo, devido à dimensão do mesmo. A peça de Conímbriga foi enquadrada no grupo dos Grés, inicialmente datadas do século V (ALARCÃO, 1975: planche XXXVII, nº 744). O grupo dos Grés inclui dois tipos: os argilosos e as argilas gresosas; estas, por sua vez, podem subdividir-se em quatro outros conjuntos que se distinguem pela composição das pastas (IBID, 1974: 112). Porém, nas revisões mais recentes, este tipo de alguidares integra-se na Fase II e III, datadas dos séculos VII-IX e X-XII, respetivamente (DE MAN, 2006: 150-157, 170, nºs 52 e 171, nº 23).

É de salientar a escassez, em Santa Olaia, deste tipo de peça, de corpo troncocónico invertido e de pastas grosseiras, estando ausentes, no conjunto analisado, os fundos de alguidar em disco, típicos dos séculos XI/XII, que nos poderiam ajudar a delimitar mais concretamente a cronologia para este conjunto.

5.1.2. Pânelas

Panela designa uma forma fechada que serve para a confeção de alimentos, sendo louça de cozinha destinada a ir ao fogo, tendo ou não asas, e possuindo um corpo esférico ou globular. Neste estudo, caracterizam-se pelo seu perfil curvo, em “S”. Apesar de dispormos apenas de pequenos fragmentos, trata-se de uma das formas mais representativas deste estudo, tal como as bilhas.

Dentro desta tipologia, há 24 fragmentos; contudo, devido às características semelhantes dos fragmentos (10-A-049, 10-A-050 e 10-A-051), enquadrámo-los no mesmo

³² Sítio defensivo que se localiza num antigo castro, onde há vestígios materiais líticos e da 1ª Idade do Ferro (LARRÉN IZQUIERDO, 1989: 267).

conjunto, por apresentarem as mesmas características de pastas e superfícies, e o mesmo perfil, perfazendo assim um total de 22 peças.

Atendendo à composição das pastas, vinte são heterogêneas, contrastando com apenas duas homogêneas; adicionalmente, treze são compactas e nove pouco compactas, todas com elementos não plásticos de calibre pequeno, das quais nove têm também elementos de granulometria média. Todas foram feitas a torno, mas uma destacou-se por ter sido feita em torno incerto. Pertencendo este tipo de recipientes ao grupo da louça de cozinha, são compreensíveis as evidentes marcas de queimado que quinze delas conservam. Em relação à tonalidade, quinze pastas apresentam núcleo cinzento, três alaranjado, dois acastanhado, um bege e um avermelhado.

Quanto às superfícies, onze são de tonalidade alaranjada, sete cinzentas, duas acastanhadas, uma bege e uma avermelhada. Podemos concluir que quinze tiveram uma cozedura redutora, das quais oito sofreram um arrefecimento oxidante, enquanto sete provêm de uma cozedura oxidante.

O diâmetro do bordo varia entre 80 e 220 mm. Os dezasseis fragmentos de bordo são extrovertidos, apesar de dois deles não serem tão acentuados. Sete são de lábio triangular, sete de lábio arredondado, um de lábio quadrangular, e um de lábio espessado. O perfil caracteriza-se maioritariamente por ser em “S”, sendo que nove fragmentos apresentam colo côncavo – todavia, um apenas ligeiramente -, dois colo troncocónico reto, um colo moldurado e um colo cilíndrico; dois de corpo globular; três fragmentos são de bojo. Este grupo engloba ainda três arranques de asa, duas asas e três fundos de base plana que pouco representam, encontrando-se mal conservados.

Apenas uma peça permitiu colagem. Devido à pequena dimensão dos fragmentos, inventariamos apenas um deles, o mais completo (11-A-029; fig. 4). Adicionalmente, uma peça foi restaurada (11-A-028; fig. 4). Ao realizar o catálogo para este estudo, deparámo-nos com a repetição, nestas duas peças, do número antigo, 6790, o que consideramos provir de um erro na marcação das peças, dado não estarmos de todo perante duas peças com o mesmo tipo de fabrico, apesar de terem a mesma dimensão e a tonalidade cinzenta.



Figura 4: Verifica-se claramente que as panelas (11-A-028 e 11-A-029) não resultaram do mesmo fabrico.

A decoração está pouco representada neste conjunto, havendo uma peça com decoração de cordão plástico digitado (10-A-033), uma com pintura em banda branca (11-A-018), duas com decoração golpeada (10-A-052 e 10-A-066) e uma com caneluras paralelas no colo (10-A-028).

Para o fragmento (10-A-026) existe um paralelo, de menores dimensões, de perfil semelhante, porém mais côncavo, de bordo em bisel externo, em Moncorvo, no sítio do Baldoeiro, assinalado na Fase II, isto é, da segunda metade do século XII (RODRIGUES, 1994: 92, BTor/R3-003-1387). Ambos apresentam pastas e superfícies cinzentas, o que denota uma cozedura redutora.

Para o fragmento (10-A-028), visualizámos em Conímbriga um jarro de colo mais reto, mas que apresenta igualmente a decoração com caneluras paralelas, enquadrado nas cerâmicas Grés (ALARCÃO, 1975: planche XLIII, nº 830). Este tipo de cerâmicas com caneluras aparece na Fase III, datada do século X-XII de Conímbriga (DE MAN, 2006: 171, nº 11).

No Cerro da Vila, em Vilamoura, apareceu uma panela com um colo canelado muito similar ao fragmento em estudo, mais completa, com uma asa. José Luís de Matos verificou que, em toda a superfície da peça, incluindo na asa, se podem detetar estrias e sulcos paralelos. Esta peça foi integrada nos séculos de IX-X (MATOS, 1991: 439, nº 0050).

O fragmento (10-A-028) assemelha-se muito às panelas valencianas, devido à curvatura do colo (se fosse de colo reto e vertical, estaríamos na presença de outra forma, como, por exemplo, uma jarrinha ou um púcaro).

No sítio de Castellar de Chilches, na província de Castellón, sítio com ocupação anterior (BAZZANA, 1992: Vol. 1, 273), foram descobertas “ollas” com colo esvasado e com

uma série de caneluras paralelas (IBID: Vol. 2, planche XV, nº 21). Também em Alcira, na província de Valência, sítio islâmico amuralhado (IBID: Vol. 1, 78), se encontram estas “ollas” com os colos cheios de caneluras até à zona do ombro, de bojos globulares que remontam ao período do IX-X (IBID: Vol. 2, planche XVII, nº 24).

Para o fragmento (10-A-033), encontramos uma peça similar no Pátio das Escolas, em Coimbra, datável da Reconquista. Este paralelo apresenta também lábio triangular com ressalto externo - apesar de não ser tão demarcado -, bordo espessado e colo cilíndrico; no entanto, diferencia-se pela sua pasta e superfície rosada (CATARINO e FILIPE, 2005: 83, IAPUC/2000 A1 UE 14-24), que são de cor cinzenta no fragmento (10-A-033).

Esta peça apresenta outro paralelo em Conímbriga, enquadrado na Fase III, datado entre os séculos X-XII (DE MAN, 2006: 172, nº 38); contudo, a peça em análise encontra-se mais completa. As peças têm o mesmo tamanho e tipo de bordo, com perfil em “S”; porém, no paralelo está ausente a decoração com a aplicação de cordão plástico digitado, possivelmente devido à reduzida dimensão da peça.

Mais a norte, em Moncorvo, mais precisamente em Baldoeiro, foi apresentada no trabalho de Miguel Carlos Rodrigues uma panela mais pequena, sem decoração, de cozedura oxidante, com uma particularidade: uma perfuração circular no colo, a qual foi enquadrada na Fase II, e datada da segunda metade do século XII (RODRIGUES, 1994: 91, BTor/R3-002-882).

O fragmento (10-A-041) tem paralelos em Coimbra, mais concretamente no Pátio das Escolas da Universidade, onde existe um fragmento de bordo semelhante, datado do século X/XI (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 373, fig. 9, nº 5); contudo, este apresenta decoração pintada, o que não acontece no fragmento em estudo.

Este tipo de perfil está igualmente presente em Viseu, nas escavações do Parque de Estacionamento da Silva Gaio, integrado nas painéis do subconjunto 1.1., caracterizado por pastas macias com elementos não plásticos como quartzos e micas, enquadráveis nas cronologias altomedievais, a partir do século VIII (RODRIGUES, 2012: 40, 91 e est. 1).

Também se encontram paralelos em Arouca, no sítio de S. João de Valinhas, onde foi encontrada, num enchimento de uma antiga vala, uma panela datada entre os séculos IX-XII (SILVA e RIBEIRO, 2006-2007: 87, fig. 11, nº 1), de diâmetro mais pequeno e com decoração no colo e no bojo de linhas incisivas horizontais e onduladas. O fragmento em análise não permite caracterizar a decoração da peça que integrava.

Para o fragmento (10-A-055), há equivalentes em Conímbriga, nomeadamente uma

panela de maiores dimensões; contudo, esta não detém as estrias interiores no corpo, provocadas pela rotação do torno alto. Foi enquadrada na Fase III, que corresponde aos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 172, nº 28).

Para além deste paralelo, existe em Vila Franca de Xira, no Monte do Senhor da Boa Morte (BANHA, 1998: 84, nº 6), uma panela de perfil semelhante ao objeto em análise, com as mesmas dimensões de bordo, divergindo no tipo de bordo (sendo este subtriangular) e no tipo de cozedura (uma vez que o exemplar foi feito num ambiente oxidante), com uma cronologia que abrange os séculos IX-X, entre o período emiral e califal.

O bordo (10-A-091) tem um paralelo num fragmento de Córdoba, enquadrado no período alto medieval, mais concretamente dos séculos VII-VIII (FUERTES SANTOS e HIDALGO PRIETO, 2003: 519, fig. 8, nº 113), com as mesmas características de pasta e de cozedura oxidante, embora haja diferença no diâmetro do bordo da peça, sendo essa ligeiramente mais pequena. Desde os séculos VII-VIII que aparecem panelas com o bordo de secção triangular, nomeadamente em Córdoba.

Em relação à panela (11-A-028), em Coimbra existe um paralelo semelhante do século X-XI (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 373, fig. 9, nº 6). Trata-se de uma peça com o mesmo tamanho, mas um pouco mais completa, com fragmentos do bordo, do bojo e do fundo, com um colo menos côncavo, sendo ambas de pastas e superfícies cinzentas.

Em Mértola, junto ao castelo, encontramos “*marmitas*” de perfil similar (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/CC/0102), de bordo vertical, de lábio arredondado, de colo cilíndrico, corpo globular, com o arranque de uma asa, feitas num ambiente oxidante, decoradas com engobe, um pouco maiores, em termos de dimensão de bordo, datadas do século X-XI, com base no estudo da estratigrafia.

No sítio de Barradas (Lagos), encontramos panelas com este tipo de perfil, bordo com inflexão e lábio boleado, de colo cilíndrico e de corpos globulares, enquadradas no grupo de panelas de uma asa ou grandes púcaras, com cozedura redutora e feitas manualmente ou a torno de baixa rotação intermitente, que foram datadas do período emiral (SILVA e SILVA, 2005: 78-79, fig. 15, nº 84).

Este fragmento encontra paralelo ainda no povoado medieval de Castellón, em Montefrío, Granada (MOTOS GUIRAO, 1991: 36-37; 1993: 214, fig. 2, nº 2). Relativamente aos materiais, ambos de pastas de núcleo cinzento, pertencem ao grupo das panelas com lábio extrovertido de perfil globular, com asas, e foram delimitadas entre o século IX-X.

Para o fragmento (11-A-029), temos paralelo no Pátio das Escolas, em Coimbra (CATARINO e FILIPE, 2005: 81, IAPUC/01 E 13 UE 25b -8-), numa peça muito semelhante, de perfil em “S”. Porém, sendo um fragmento muito reduzido, não nos permite recolher mais informações.

Em Conímbriga, há uma panela, com um diâmetro bocal mais pequeno, de bordo mais esvasado, de paredes mais espessas e, aparentemente, sem asa; a peça foi registada na Fase II, correspondente aos séculos VII-IX (DE MAN, 2006: 169, nº 10).

Com o mesmo perfil em “S” e as mesmas dimensões, mas sem apresentar asa, há também um paralelo, em Moncorvo, no Baldoeiro, datado da segunda metade do século XII, da Fase II (RODRIGUES, 1994: 92, BTor/R3-003-1414). Ambas as peças mostram pastas e superfícies escuras, negras, o que denota uma cozedura redutora ou, por outro lado, poderá dever-se ao facto de terem estado sujeitas a grandes temperaturas.

Também no Castelo de Mértola existem “*marmitas*” com este perfil, de bordo esvasado, lábio arredondado, colo cilíndrico, com asa de secção oval que arranca do bordo, menores dimensões e cozedura oxidante. Estas “*marmitas*” foram enquadradas no século X-XI, com base na estratigrafia (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/CC/0090).

Este tipo de recipiente de uso culinário não apresenta peças muito decoradas; são peças de perfil muito similar, de perfil em “S”, de bordo extrovertido, corpo globular e colo estrangulado, divergindo um fragmento (10-A-028) devido ao seu colo canelado.

5.1.3. Panelas / Potes

Apenas dois fragmentos se incluem nesta tipologia, com perfil semelhante, de bordos extrovertidos, um com 130 mm e outro de 180 mm de diâmetro, com lábio triangular e colo côncavo, um de pasta homogénea outro de pasta heterogénea, compactas e com elementos não plásticos pequenos, feitas a torno; apresentam pasta de núcleo cinzento, porém um tem as superfícies beges e o outro tem as superfícies amareladas. A cozedura de ambos foi feita em atmosfera redutora com arrefecimento oxidante.

A criação deste grupo deve-se ao facto de estes fragmentos, sem vestígios de queimado, tanto poderem pertencer a panelas como a potes.

O fragmento (10-A-030) encontra paralelo em peças de Conímbriga, enquadrados por Adriaan de Man, na fase III, que corresponde ao período entre os séculos X-XII (DE MAN,

2006: 172, nº 34), com o mesmo perfil, com as mesmas características no bordo e no lábio, com um sulco externo, mas com um diâmetro de maior dimensão (tratando-se assim de panelas maiores), divergindo também o colo, não tão côncavo, tão pronunciado.

Ainda para o mesmo fragmento temos paralelo, de perfil idêntico, em “S” e com as mesmas dimensões, em Moncorvo, no sítio do Baldoeiro, na Fase II, datado da segunda metade do século XII (RODRIGUES, 1994: 92, BTOR/R3-003-1387). Ambas apresentam pastas cinzentas, contudo a peça em análise sofreu um arrefecimento oxidante.

Para o outro fragmento de panela ou pote com o número (10-A-035), é possível encontrar várias cerâmicas com o perfil semelhante em Conímbriga (DE MAN, 2006: 172, nº 42), havendo um exemplo específico, também com uma saliência no lábio (no nosso caso a meio deste e no de Conímbriga no extremo), registado na fase III, correspondente aos séculos X-XII.

5.1.4. Potes

Considerámos dentro deste grupo, alguns fragmentos de forma fechada, de armazenamento de alimentos, que podem variar na dimensão, pequena ou mediana. No nosso estudo, os perfis são semelhantes e, apesar deste tipo de louça não ser normalmente utilizada para ir ao fogo, seis fragmentos possuem vestígios de queimado.

Atendendo às características das pastas, todas são heterogéneas, compactas, exceto uma, que é pouco compacta, com marcas de torno e elementos não plásticos pequenos e duas, inclusivamente, com desengordurantes de calibre médio. Evidencia-se também uma grande diversidade na tonalidade do núcleo das pastas, três alaranjadas, três cinzentas, uma amarelada, uma avermelhada, uma bege. Quanto às superfícies quatro são alaranjadas, duas amareladas, uma avermelhada, uma bege e uma cinzenta. Assim sendo, três provêm de uma cozedura redutora, das quais duas tiveram um arrefecimento oxidante, e seis resultam de uma cozedura oxidante.

Dentro desta tipologia temos nove bordos extrovertidos (um apenas ligeiramente), cinco são de lábio arredondado, dois em aba, um subtriangular e um semicircular. Atendendo ao colo, quatro são côncavos, dois são troncocónico reto e um é carenado.

A nível decorativo apenas um dos fragmentos apresenta engobe (10-A-034), apesar de

não sabermos realmente se pertence mesmo a este conjunto medieval, encontramos um paralelo em Conímbriga (DE MAN, 2006: 169, nº 10), com o mesmo perfil, sendo o primeiro mais pequeno, tendo este equivalente registado na fase II, correspondente aos séculos VII-IX.

Para os fragmentos (10-A-034, 10-A-038 e 10-A-108), temos um paralelo com o mesmo perfil em “S” com dimensões equivalentes, todos de cozedura oxidante, em Moncorvo, no Baldoeiro, agrupado na Fase II, datado da segunda metade do século XII (RODRIGUES, 1994: 92, BTOR/R3-003-1414).

O fragmento (10-A-103) encontra paralelo no Castelo de Mouros em Sintra, no sítio de São Pedro de Canaferrim, datado entre os séculos IX-XI (COELHO, 2000: 219, est. 1, fig. 7). Devido ao seu distinto perfil de bordo espessado, o pote (10-A-103) tem o colo ligeiramente mais côncavo, para além de terem sido confeccionados em ambientes de cozeduras diferentes, sendo este último redutor.

Para o fragmento (10-A-108) encontramos um paralelo em Conímbriga, com o mesmo perfil em “S”. O primeiro tem um diâmetro de bordo mais pequeno, para além de ser mais pronunciado e mais esvasado. O paralelo foi registado na fase II, que correspondente aos séculos VII-IX (DE MAN, 2006: 169, nº 10).

Estamos perante um grupo muito homogéneo, tal como as panelas, com perfis muito idênticos, com os mesmos tipos de especificidades.

5.1.5. Bilhas

Esta denominação compreende formas fechadas de dimensões diversificadas. Relativamente ao nosso trabalho, as dimensões de bordo podem variar entre os 80 mm e 170 mm, sendo normalmente de tamanho pequeno ou médio, destinadas sobretudo ao armazenamento e transporte de água, que podiam servir à mesa, com uma ou duas asas. O nosso conjunto possui um exemplar (10-A-120) com bico vertedor trilobado, uma característica muito frequente no período em análise.

Para este tipo de forma contamos com um conjunto de 26 fragmentos; no entanto, julgamos que correspondem apenas a 21 peças. Analisando as pastas, as superfícies e as decorações dos fragmentos (10-A-085 e 10-A-086), parece-nos pertencerem à mesma bilha/peça, uma vez que apresentam o mesmo motivo decorativo brunido, embora não

possibilitem colagem. O mesmo sucede nos fragmentos (10-A-116, 10-A-117, 10-A-118, 10-A-121 e na peça 10-A-120) que, embora não colando entre si, tudo indica pertencerem à mesma bilha de bordo trilobado. Esta hipótese parece-nos provável, até porque a peça com número de inventário (10-A-120), composta por 27 fragmentos, encontra-se mesmo assim incompleta, devido igualmente à sua dimensão, faltando o restante da asa, do bojo e do fundo.

No que respeita à composição das pastas, dezassete são heterogéneas enquanto que apenas quatro são homogéneas, sendo ainda dezoito compactas e apenas três pouco compactas. Todos os fragmentos apresentam elementos não plásticos de pequeno calibre e havendo inclusive oito com desengordurantes de calibre médio. As marcas com queimado aderente também se encontram presentes nesta tipologia, num total de seis, o que não seria de esperar visto não se tratar de formas para ir ao lume. Em doze peças estão ainda patentes as marcas feitas pelo torno durante o seu fabrico.

As pastas apresentam o núcleo de duas tonalidades diferentes: quinze fragmentos são cinzentos e seis são alaranjados, relativamente à cor das superfícies, cinco são cinzentas, quinze alaranjadas e uma acastanhada. Em suma, temos quinze peças cozidas em ambiente redutor, das quais dez tiveram um arrefecimento oxidante, e seis resultaram de um ambiente oxidante, o que lhes conferiu tonalidades mais claras.

Relativamente ao estudo dos elementos que compõe as peças (as asas, os bordos, os bojós e os fundos), verifica-se a ausência de fragmentos de fundo. Os fragmentos que possuímos distribuem-se do seguinte modo:

- 1) Dois fragmentos de asa e nove fragmentos de arranques de asa, com dimensões que variam entre 41 mm e 76 mm;
- 2) Dos seis fragmentos de bordo, dois são verticais, dois extrovertidos, um trilobado e um ligeiramente introvertido, sendo o lábio em três triangular, um quadrangular, um arredondado e um biselado;
- 3) Cinco fragmentos de colo, sendo três cilíndricos, um ligeiramente curvo e um de bordo trilobado;
- 4) Dois fragmentos de corpo, um ovóide e outro globular;
- 5) Seis fragmentos de bojo.

No campo decorativo existe uma diversidade de motivos, devido por um lado por se tratar de uma forma de servir à mesa, revertendo-se num maior cuidado com a ornamentação,

e por outro lado, sendo, adicionalmente, louça para o armazenamento de água, justificando-se a utilização do engobe e do brunido para impermeabilização, dos apliques de barro, e das marcas incisadas nas asas de maneira a torná-las mais resistentes³³. Assim, este grupo engloba os seguintes motivos decorativos:

- 1) Quatro fragmentos têm asas puncionadas (10-A-032, 10-A-056, 10-A-120 e 11-A-002).
- 2) Três fragmentos têm asas golpeadas (09-A-132, 10-A-064 e 10-A-105).
- 3) Dois fragmentos têm decoração incisada na asa e no bojo (10-A-032 e 10-A-086).
- 4) Um fragmento apresenta a aplicação do cordão plástico digitado no bojo (10-A-093).
- 5) Dois fragmentos têm caneluras no colo e na asa (10-A-120 e 11-A-019).
- 6) Dois fragmentos têm brunidos no bojo (10-A-086 e 10-A-111).
- 7) Dois fragmentos têm engobe (10-A-044 e 10-A-056).
- 8) Um apresenta as superfícies polidas (10-A-059).
- 9) Dois têm marcas de dedadas de oleiro [11-A-019 e 11-A-026 (fig. 5)]³⁴.
- 10) Três têm pintura no bojo, na asa e no bordo (11-A-002, 11-A-019 e 11-A-027³⁵), sendo que todas em banda branca e uma que apresenta, ainda, aparentemente, uma marca “pseudo-epigráfica”, ou mesmo parte de epígrafe de carácter profilático.

³³ Assunto sobre o qual nos iremos pronunciar mais à frente, no subcapítulo 5.3., dedicado às decorações.

³⁴ Os vestígios de dedadas do oleiro nas asas das bilhas poderão ter motivos funcionais, sempre que ocorram junto à junção entre a asa e o corpo da peça, ou motivos apenas decorativos.

³⁵ Os fragmentos (11-A-019 e 11-A-027) foram dois dos materiais descobertos durante as escavações de Santos Rocha e datados da Idade do Ferro, apesar das dúvidas do historiador.



Figura 5: Dois exemplos de fragmentos de asa que conservam as dedadas do oleiro (11-A-019 e 11-A-026).

A bibliografia para encontrar paralelos de peças com pintura a branco é mais abundante, naturalmente, no sul de Portugal, embora haja também exemplares na linha do Mondego, como Coimbra e Conímbriga e, mais recentemente, no Paço da Ega, concelho de Condeixa-a-Nova (REVEZ, 2012: 52-54).

Para o fragmento (11-A-027), encontrámos em Conímbriga uma grande variedade de exemplares com marcas decorativas a branco, como os traços verticais e horizontais, com pequenos círculos, entre outros (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: 152, planche XXXIII, n^{os} 1-6).

Mais a sul, no sítio do Monte do Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira, há uma peça com um perfil semelhante, um bordo de um cântaro de dimensão superior ao fragmento em análise, sendo ambos de bordo introvertido e de cozedura oxidante. Contudo, o de Vila Franca de Xira não possui decoração, foi datado do século XI, período califal (BANHA, 1998: 94, n^o 30).

Também em Mértola, existe uma jarrinha (de perfil diferente) com idêntica decoração, composta por algumas dedadas de pintura em banda branca, igualmente de cozedura oxidante, que foi datada do século XI (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/0002), a qual referimos apenas como paralelo decorativo.

Para o fragmento (10-A-064) existe um paralelo em Conímbriga, encontramos uma bilha com as mesmas dimensões de bordo, sem asa e a peça de Santa Olaia não possui a canelura no colo. Foi enquadrada por Adriaan de Man na fase III de Conímbriga, que por sua vez corresponde aos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 171, n^o 4).

Para a asa (10-A-032) encontramos um paralelo em Espanha (mais precisamente em Barcelona), com datações para os séculos IX-X, que exibem motivos decorativos incisos de pequenas punções em asas de bilhas (LÓPEZ MULLOR et alii, 2003: 59, fig. IX, nº 3). No entanto, essas punções apresentam uma dispersão/ orientação diferente da que surge na peça em estudo, que apenas apresenta, a meio da mesma, pequenos círculos e duas linhas incisivas verticais nos extremos da asa que, possivelmente, deveriam prolongar-se até à união da asa com o bojo.

Analisando o fragmento (10-A-077) verifica-se que possui no bordo um ressalto interior para o encaixe de uma tampa, tal como sucede no fragmento de bilha/jarro (10-A-074).

Em relação aos materiais (10-A-085 e 10-A-086), pequenos fragmentos de bojo, que possuem decoração com uma orientação específica, brunida na vertical e incisa na horizontal, encontram equivalentes nas cerâmicas Grés de Conímbriga, por exemplo, numa bilha de bordo trilobado, com duas zonas de decoração polida no colo, de linhas verticais paralelas e uma linha ziguezague, com tonalidade de pasta alaranjada (ALARCÃO, 1975: planche XLV, nº 855A).

Por sua vez, em Puente Castro (León), temos um exemplo de decoração semelhante mas aplicado noutra forma, uma panela, com decoração brunida em ziguezague, desde o colo à base da peça, datada do século IX-XI (MARTÍNEZ PEÑÍN, 2007: 203, fig. 9, nº 2).

Para a peça mais completa deste conjunto de bilhas (10-A-120), foi possível recolher mais informações. Essa peça já tinha sido marcado com o ano da escavação, realizada em 1984, assim como com o nível em que foi recolhido: 84 St. Olaia II (nível 1A³⁶), 84 St. Olaia II (nível 4³⁷), e 84 St. Olaia 14 (nível 4³⁸). Os fragmentos encontravam-se dispersos em níveis estratigráficos diferentes, nas camadas superiores, assim como nas não superficiais. Existem vários exemplos deste tipo de bilhas de bordo trilobado nas cerâmicas Grés de Conímbriga, algumas com polimento na superfície, com corpos mais bojudos e que, igualmente, apresentam asas com pequenas punções (ALARCÃO, 1975: planche XLV, nº 853 e planche XLVI, nº 856³⁹). Com perfil e decoração idêntica, porém sem bordo trilobado, integram-se nos exemplares da Fase III, dos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 171, nº 18).

³⁶ O nível 1A corresponde a uma bolsa proveniente da plantação de oliveiras (Relatório de Escavação de 1984).

³⁷ Este nível da Sondagem II não aparece na descrição das camadas no Relatório de Escavação de 1984.

³⁸ Este nível, tal como o número da Sondagem, não aparecem na descrição das camadas no Relatório de Escavação de 1984, acreditamos que corresponda à Sondagem II, e deste modo seja um erro de marcação.

³⁹ Apesar de não ser de bordo trilobado, o perfil é bastante semelhante ao da peça em estudo.

Também no Alto Mondego, no sítio de Penedo dos Mouros, no concelho de Gouveia, aparece este tipo de bilhas/jarros de bordo trilobado (TENETE, 2010: 197, fig. IV.4.28, nº 13), sendo o exemplar mais pequeno, composto pelo bordo e pelo colo, de cozedura oxidante, datados dos séculos IX-X.

Para a asa da bilha (11-A-019), não existe um paralelo completamente similar devido às suas características peculiares, da possível epígrafe de carácter profilático (mais comum nos bojos de bilhas), porém é possível encontrar em Conímbriga asas com decoração pintada com linhas horizontais e verticais a branco e a dedada do oleiro da colagem da asa ao bojo da peça (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: 130, planche XI, nº 57).

No caso da asa do fragmento (11-A-002), verifica-se a utilização de decoração mista, da qual encontramos equivalente em Coimbra, no Pátio das Escolas, que conjuga os mesmos motivos decorativos, punções com o duplo traço pintado a branco, datado dos séculos X-XII (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 376, fig. 14, nº 4).

Por fim, para o fragmento (10-A-123), existe um paralelo em Granada, mais precisamente em El Castellón (MOTOS GUIRAO, 1993: 219, fig. 6, nº 2). Apesar da distância da localização apresenta o mesmo perfil, sendo que a sua cronologia corresponde àquela que pensamos atribuir aos principais grupos, ou seja, aos séculos IX-X. Este tipo de perfil continua a existir em fases posteriores, sendo bastante comum na época almóada como se pode ver no exemplar quase completo de Mértola (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/0038).

Numa observação rápida a este tipo de recipientes nota-se uma diversidade morfológica, nomeadamente em relação às características de bordos e colos, permitindo distinguir os seguintes tipos de bordo: vertical, extrovertido, trilobado e introvertido; e dois tipos de colo: cilíndrico e ligeiramente curvo.

5.1.6. Cântaros / Bilhas

Esta denominação corresponde a peças de forma fechada, destinadas a transportar e armazenar líquidos, que engloba vasilhas de dimensões variáveis, normalmente de colo estrangulado, podendo ter uma ou duas asas.

As pastas dividem-se em heterogéneas, três exemplares e, uma homogénea, todas compactas, com elementos não plásticos pequenos. Relativamente à tonalidade do núcleo das pastas, três fragmentos são de coloração cinzenta e uma alaranjada. Por sua vez, as

superfícies⁴⁰ são alisadas, notando-se um polimento mais cuidado no fragmento (10-A-047) e apresentam cores cinzentas e alaranjadas. Significa isto que três exemplares tiveram cozeduras redutoras, tendo o fragmento (10-A-054) tido um arrefecimento oxidante, que lhe conferiu uma tonalidade mais clara na superfície, e o fragmento (10-A-047), uma cozedura e arrefecimento oxidantes.

Desta forma deparamo-nos com quatro peças⁴¹, sendo três fragmentos de bordo, um com diâmetro de 130 mm (10-A-047) e dois de 190 mm (10-A-016 e 10-A-054).

Os perfis são diferentes, sendo o (10-A-016), de bordo extrovertido, lábio arredondado e colo côncavo; o (10-A-047) de bordo ligeiramente extrovertido, igualmente de lábio arredondado, e colo cilíndrico; o (10-A-054), com um bordo mais introvertido, lábio semicircular e colo curvo moldurado. O fragmento (11-A-012) corresponde a uma parte do bojo, onde arranca a asa; desta maneira, os quatro fragmentos deste tipo de recipiente constituem peças distintas. No primeiro e no último caso, os fragmentos incluem o arranque de asa, sendo este, no primeiro um pouco diagonal e no último horizontal.

A decoração está presente, para além do polimento no fragmento (10-A-047), no arranque de asa (11-A-012) com aplicação de cordão plástico vertical, que faz a ligação da asa à peça. Para além do carácter decorativo, tem um carácter funcional, dando mais consolidação à asa, visto tratar-se de peças de médias a grandes dimensões.

O fragmento (10-A-016) permitiu colagem e encontrámos paralelos num exemplar de Conímbriga (DE MAN, 2006: 169, nº 10), com o mesmo perfil; no entanto, o fragmento é mais pequeno, não apresenta asa, o lábio é mais espesso e foi incluído por Adriaan de Man na fase II que, por sua vez, corresponde aos séculos VII-IX.

Para o fragmento (10-A-054), achámos um recipiente idêntico no Castelo de Montefrío, em Granada (MOTOS GUIRAO, 1993: 211, fig. 1, nº 5), com um perfil semelhante (contudo não tendo o colo moldurado), ostenta um pequeno rebordo exterior no lábio, de grandes dimensões, tendo sido classificado como uma tigela dos séculos IX-X.

5.1.7. Jarrinhas

Trata-se de uma forma típica do período islâmico, de colo alto, reto, corpo globular ou bitroncocónico, possuindo duas ou mais asas, que servia para levar à mesa, para conter

⁴⁰ Com queimado aderente, apesar de não serem peças de ir ao fogo.

⁴¹ Acreditamos que outros fragmentos de bojós possam pertencer a peças deste tipo.

líquidos e para beber.

Atendendo à composição das pastas, todas são heterogêneas, três compactas e duas pouco compactas, e foram fabricadas a torno. As tonalidades são claras e idênticas entre o núcleo e as superfícies das peças. Deste modo, três são de pasta e superfícies alaranjadas, uma de pasta e superfícies amareladas e uma de pasta e superfícies avermelhadas; portanto, as cinco terão resultado de uma cozedura oxidante.

Enquadramos nesta tipologia sete fragmentos (10-A-031, 10-A-042, 10-A-127, 10-A-128, 10-A-129, 11-A-015e o 11-A-020). Consideramos, porém, que se reduzem apenas a cinco peças, dado que os fragmentos (10-A-127, 10-A-128 e 10-A-129) podem pertencer à mesma e foram encontrados na escavação em 1988 na SONDA II (nível 1), como tal, na camada superficial, descrita como “terra arável”⁴². Dois dos fragmentos permitiram colagem, contudo não de forma a unir todo o conjunto.

O primeiro fragmento (10-A-031) e a jarrinha (10-A-129) têm o mesmo tipo de perfil, uma vez que ambas têm bordo vertical, lábio arredondado, colo cilíndrico e o corpo globular. Contudo, a primeira ainda conserva uma asa de secção romboidal, que arranca do bordo.

O segundo fragmento (10-A-042), apresenta um bordo ligeiramente extrovertido, de lábio arredondado, com colo cilíndrico e de asa um pouco diagonal de secção subrectangular, que não arranca do bordo mas do colo, num perfil muito comum na época islâmica.

A asa (11-A-015), que pode corresponder a uma jarrinha ou a um púcaro, tem a particularidade de apresentar um perfil de corpo de filiação islâmica. Contudo, a asa não é oval nem romboidal, mas em fita, com 24 mm de largura. Por outro lado, a decoração golpeada e unglada, mostra a dupla influência cristã e islâmica nesta peça. Em Coimbra, existem peças que conciliam as técnicas decorativas mistas, nomeadamente uma asa que, para além da pintura em banda branca, é puncionada, com cronologia dos séculos X-XII (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 376, fig.14, nº 4).

Por fim, a jarrinha (11-A-020), de bordo ligeiramente introvertido e de lábio biselado, apresenta colo ligeiramente curvo, num perfil e decoração claramente islâmicos.

O fragmento (10-A-129) encontra paralelo em Conímbriga, num recipiente semelhante, de jarrinhas ou púcaros (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: 130, planche XI, N^{os} 55-56), porém o de Santa Olaia não possui a decoração de pintura em banda branca vertical.

Também em Santarém, existem jarrinhas de perfil similar, com bordos mais

⁴² Informação obtida nos Relatórios de Escavação de 1988.

introvertidos, de lábios biselados que apresentam decoração pintada em banda branca vertical, com datações do século XI (SILVA, 2011: est. 25, fig. 278).

Ainda no sítio de São Pedro de Canaferrim, em Castelo de Mouros (Sintra), existe uma jarriinha, datada entre o século IX-XI (COELHO, 2000: 219, est. 1, fig. 13), semelhante ao fragmento (10-A-129), tendo ambas pastas claras.

Em Niebla (Huelva) existem jarriinhas com perfis similares, de colos altos retos e corpos globulares, algumas com presença de decoração de pintura a branco, todas de pastas avermelhadas e que foram integradas nos séculos X-XI (OLMO ENCISO, 1986: 136, fig.1. C e D).

No arranque de asa (11-A-015) temos presença de dois tipos de decoração incisa, decoração golpeada e com ungulações. Esta decoração é muito frequente nas asas deste período, que aparecem em vários sítios, como por exemplo, em Conímbriga (ALARCÃO, 1975: planche LXVI, N°2).

Para a jarriinha (11-A-020) existem duas referências diferentes para o sítio onde foi descoberta: a primeira referência é de Santos Rocha (ROCHA, 1905-1909: 122) que inclui esta peça nos materiais da Idade do Ferro, descobertos em Santa Olaia. Relativamente à sua cronologia, é claramente de época islâmica, mais concretamente, dos séculos IX/XI.

Apesar de esta peça estar publicada por Santos Rocha como sendo de Santa Olaia, no catálogo do centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira (FERREIRA e CARDOSO, 1999: 154, nº 89), a jarriinha foi inserida nos materiais exumados na Pedrulha, sendo-lhe atribuída uma cronologia Tardo-Romana.

Esta peça tem presença de decoração, pintura a branco de uma linha ondulada e de duas bandas horizontais no colo, e uma no bojo, o que permite identificar paralelos para um enquadramento cronológico mais específico. Para isso iremos enumerar um conjunto de sítios que comprovam a presença islâmica, começando por citar sítios com alguma proximidade geográfica, até à área do seu fabrico, no centro e sul do Gharb al-Ândalus.

Em Coimbra foi descoberto um púcaro que exhibe uma decoração com uma sequência de quatro linhas paralelas brancas no colo, quatro linhas em ziguezague seguidas de mais quatro linhas paralelas no corpo, de cozedura oxidante, datado do século X-XI (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 370, fig. 5, nº 1).

Em Conímbriga, existem vários fragmentos com o mesmo tipo decorativo, sendo as peças pertencentes a outras formas, potes. No primeiro exemplo, a decoração é de linhas

brancas verticais paralelas no colo, uma linha ondulada branca no ombro e três linhas horizontais no bojo. No segundo, a decoração é composta por duas linhas onduladas brancas no colo (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: planche X, 129, nº 32 e planche XI, 130, nº 36).

Em Santarém, existem jarrinhas com o mesmo tema decorativo em branco alternando linhas paralelas e linhas onduladas a branco, datadas dos séculos IX a XII, de perfil muito semelhante a este, igualmente de cozedura oxidante (VIEGAS e ARRUDA, 1999: 115, fig. 4, nº 1-2). No entanto, a decoração começa quase desde o lábio, com três linhas retas em banda branca seguidas de quatro onduladas. Mais recentemente, foram publicadas outras jarrinhas com pintura em banda branca, também de escavações da Alcáçova, apesar da dúvida quanto à cronologia, os dados indicam que se tratem de peças datáveis dos séculos XI-XII (SILVA, 2011: est. 25, fig. 278).

Em Vila Franca de Xira, mais precisamente na estação arqueológica Monte do Senhor da Boa Morte, surge um pequeno fragmento de jarrinha (BANHA, 1998: 89, nº 15), com um padrão mais semelhante a este, dado que a decoração começa no colo com uma linha ondulada branca que, possivelmente, continuaria com outras linhas paralelas no bojo; mas o fragmento é muito pequeno para ter essa informação.

No Castelo de Mouros em Sintra, mais precisamente no sítio de São Pedro de Canaferrim (COELHO, 2000: 222, est. 2, fig. 4), existe um cântaro, datado entre os séculos IX-XI que, apesar de não se tratar da mesma forma, serve como paralelo decorativo, ostentando duas linhas onduladas e três bandas brancas verticais.

A decoração com pintura em banda branca e ondulada também aparece no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês, em Lisboa, datada dos séculos XI-XII (BUGALHAO, GOMES e SOUSA, 2007: 341, fig. 25, nº 271).

Para este fragmento existem igualmente paralelos em Palmela (FERNANDES, 2004: 151, fig. 198, nº 9), com duas ou três linhas horizontais em banda branca no bordo e, no colo, três linhas onduladas; contudo, este fragmento, por ser pequeno, não apresenta a asa, de forma que não sabemos se ela teria decoração. Apesar disso, as características são muito semelhantes com o fragmento de Palmela que foi enquadrado no século X.

Foi encontrada também uma jarrinha em Moura, fruto de “recolhas ocasionais” que, comprovando a presença do período califal (MACIAS, 1993: 132), é outro paralelo semelhante ao fragmento em estudo sendo, porém, mais completo, pois apresenta asa, com o mesmo tipo decorativo de três linhas paralelas em banda branca seguidas de mais três linhas onduladas; foi datada dos séculos X-XI.

Do mesmo modo, também as escavações na “Cidade das Rosas”, em Serpa, mostraram fragmentos de jarras com motivos ondulados pintados a branco no colo e traços verticais no bordo (RETUERCE VELASCO, 1981: 89-90, fig. 5.B).

Em Mértola, mais precisamente na Alcáçova do castelo (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/0025), também existe uma jarrinha com o mesmo perfil e o mesmo tipo decorativo, com três traços horizontais no bordo e no ombro e três traços ondulados no colo, datada do século X-XI (fase mais antiga conhecida do estabelecimento islâmico), mas de pasta com tonalidade mais escura, avermelhada.

No lugar mais a sul, no Gharb al-Ândalus, no Cerro da Vila, em Vilamoura, Loulé (MATOS, 1991: 444, n° 0019), aparece uma jarrinha com um perfil similar, estando, todavia mais completa que a peça em estudo: caracteriza-se por ter um bordo arredondado, de colo ligeiramente convexo, uma asa e arranque de outra e possui, também, o padrão decorativo em bandas brancas paralelas no colo e no bojo com algumas pinceladas finas; com pasta de tonalidade avermelhada e acinzentada em algumas zonas, integra-se no período de IX-X.

Para o fragmento (10-A-031), há em Conímbriga (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: 130, planche XI, n^{os} 55-56), exemplares com a mesma forma, que apresentam ainda pintura de uma linha branca vertical.

Em Alcoutim, mais concretamente, no sítio de Castelo Velho, há uma peça classificada como jarrinha também muito similar, de colo alto e cilíndrico, com asa de secção romboidal e com corpo globular, como é peculiar, que pode apresentar ou não pintura a branco, é de pastas alaranjadas e foi integrada nos séculos X-XI (CATARINO, 2008: 48, est. 6, K6-3-351).

Para o fragmento (10-A-042), encontrámos paralelo na encosta do Castelo de Mértola numa peça da mesma forma, de bordo vertical curvo, de colo cilíndrico curvo, de corpo globular, de asa de secção oval, de cozedura oxidante, datada do século XII-XIII (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/CC/0175).

Estas duas últimas peças mostram evolução na colocação da asa, que na primeira, parte do bordo e na segunda, sai do colo e tem um perfil mais elevado, apontando a primeira, aparentemente, para uma cronologia mais antiga.

5.1.8. Púcaros

Os púcaros são formas fechadas, de pequenas dimensões, de uma única asa, utilizados para servir líquidos. Neste conjunto, apenas temos uma peça completa (09-A-129), que foi restaurada e se encontra na exposição permanente do MMSR; e uma permitiu colagem, enquanto que o restante material se encontra bastante fraturado. Trata-se de um grupo que engloba uma variedade de bordos, sendo, no entanto, mais típicos os verticais. O tamanho de diâmetro do bordo pode variar entre 80 mm e os 130 mm.

As pastas podem apresentar-se heterogêneas e compactas ou homogêneas muito ou pouco compactas. Todas têm desengordurantes de pequeno calibre e três apresentam elementos não plásticos de calibre médio. Todas conservam as marcas do torno e seis fragmentos possuem ainda marcas de queimado aderente. Atendendo à tonalidade dos núcleos das pastas, dez são cinzentas e duas alaranjadas; as superfícies apresentam as mesmas tonalidades, sendo oito cinzentas e quatro alaranjadas. Assim, verificamos que dez peças resultaram de uma cozedura redutora, em que duas tiveram um arrefecimento oxidante e, por sua vez, apenas duas provêm de uma cozedura e arrefecimento oxidantes.

Dentro desta tipologia enquadram-se doze fragmentos, visto que os inventariados com os números (10-A-081, 10-A-084, 10-A-130 e 10-A-131), pertencem aparentemente à mesma peça. Os dois últimos foram encontrados na Sondagem II (nível 4⁴³), na escavação de 1984, enquanto que os restantes se encontravam sem registo.

Analisando o perfil das peças há possibilidade de criar vários subtipos. Dos nove bordos, seis são extrovertidos, sendo dois apenas ligeiramente, dois verticais e um ligeiramente introvertido; atendendo ao lábio, seis têm lábio arredondado, dois têm biselado, e um ligeiramente em aba; relativamente ao colo, oito são cilíndricos, sendo um deles moldurado e um de colo ligeiramente convexo; dois fragmentos são de bojo e um corpo é bitroncocónico; este grupo apresenta dois fundos de base plana; um arranque de asa e uma asa completa.

A decoração surge em diversos padrões:

- 1) Três com aplicação de cordão plástico digitado no colo e no bojo (10-A-019, 10-A-065 e 11-A-010) nomeadamente no segundo fragmento observa-se a marca do

⁴³ Este nível da Sondagem II não aparece na descrição das camadas no Relatório de Escavação de 1984.

linho no próprio cordão;

- 2) Duas com caneluras no colo (10-A-046 e 10-A-131);
- 3) Três pintadas em banda branca vertical e horizontal no bojo, no bordo e no colo (10-A-083, 10-A-131 e 11-A-021);
- 4) Duas com engobe (10-A-083 e 10-A-131);
- 5) Duas com punções na asa e no bojo (10-A-131 e 11-A-021);
- 6) Três com polimento (10-A-018, 10-A-019 e 10-A-078);
- 7) Uma com ungulações no bojo (11-A-010);
- 8) Uma brunida no bojo (10-A-083).

Para o fragmento (10-A-017) encontramos paralelos num exemplar de Vale do Bôto, sítio próximo de Castro Marim, com presença romana e medieval (CATARINO, 1988: est. VIII, nº 1); a peça encontra-se quase completa, apresentando um corpo bojudo com paredes de curvatura convexa, é de cozedura oxidante (contrariamente ao púcaro em análise, feito num ambiente redutor), e inclusivamente, possui um colo mais direito. São peças típicas do período califal, que se mantiveram durante o século XI.

Outro paralelo pode ser encontrado em Cercadilla, datado de meados do século X a inícios do século XI (FUERTES SANTOS, 2010: 362, fig. 54, nº 1); a diferença existente entre os dois é a decoração, visto que o púcaro em estudo não apresenta pintura. Ambos têm um ressalto no interior do bordo para o encaixe de uma tampa.

Para a peça (10-A-131) foi encontrado num sítio geográfico próximo, em Conímbriga, um fragmento exposto nas Fouilles de Conímbriga (ALARCÃO e ETIENNE, 1976: 130, planche XI, nº 53), todavia com outro tipo de perfil, sem asa, mas com o mesmo género de decoração, de linhas em banda branca vertical e horizontal.

Em Mértola temos um paralelo decorativo numa jarrinha, datada do século IX-X (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/0018). No entanto, a decoração desta é em banda branca horizontal, enquanto o púcaro de Santa Olaia possui linhas verticais e diagonais. Existem nesse conjunto mais materiais como, por exemplo, outra jarrinha, também feita em ambiente redutor com posterior arrefecimento oxidante, com pintura em linha branca horizontal e linhas na vertical, com uma datação mais tardia, do século XI, mas também de perfil diferente (IBID: CR/PT/0019).

Nas escavações da Catedral de Zamora, surgem peças semelhantes, com um bordo

vertical, de corpo globular, de pastas mais claras, possuindo decoração de pintura em banda branca horizontal e vertical, atribuídas ao século X-XIII (LARRÉN IZQUIERDO e NUÑO GONZÁLEZ, 2005: 254, fig. 5, nº 91/2/101).

Em suma, esta peça concilia uma decoração mista, asas puncionadas de filiação cristã com pintura a branco de modelo islâmico. Para além da pintura, também a forma do púcaro, isto é, o seu perfil recorda os de época islâmica, com o bordo extrovertido e o lábio biselado.

Correspondendo ao fragmento (10-A-078) encontramos perfis semelhantes, embora em formas diferentes, em púcaros provenientes de Coimbra, mais concretamente do Pátio das Escolas, datados dos séculos X-XI (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 369, fig. 4, nº 3). Este tipo de peça pode corresponder às formas islâmicas mais antigas devido ao seu perfil com lábio arredondado, quase biselado.

Também em Conímbriga existem peças com as mesmas dimensões, registadas na fase III, dos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 171, nº 20); no entanto, parece-nos que o púcaro de Santa Olaia teria um corpo mais globular.

No pequeno fragmento de bojo (11-A-021), apenas podemos analisar os motivos decorativos, devido ao reduzido tamanho do mesmo. É, igualmente, o que se destaca devido à decoração mista que reúne pequenas punções no colo, que perfazem uma linha horizontal e, alguns traços pintados, em banda branca vertical, assim como horizontal, não permitindo uma maior interpretação em termos de orientação e extensão da mesma. A decoração pintada é composta por pequenas dedadas, como podemos ver numa jarrinha em Mértola, de pasta e cozedura oxidante, datada do século XI (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/002).

Também na Praça São Miguel, em Barcelona, há peças com uma ou mais linhas paralelas de pequenas punções, nomeadamente no colo, no ombro e também nos bordos, em louça de cozinha (panelas), a que foi atribuída uma cronologia para os séculos IX-XI (LÓPEZ MULLOR et alii, 2003: 61, fig. X, nº 5).

Deste modo, verifica-se uma uniformidade no perfil dos fragmentos expostos e uma diversidade nos motivos decorativos, que corresponde em alguns casos a uma dupla influência cristã e islâmica patente na mesma peça, como no exemplo anterior.

5.1.9. Púcaros / jarros

São formas fechadas de uma ou mais asas, utilizadas para servir líquidos, sendo que a diferença entre o púcaro e o jarro é essencialmente a dimensão da peça, normalmente de corpo globular. Contudo, houve alguma dificuldade em definir a tipologia devido aos tamanhos dos fragmentos e à falta de mais elementos que possam ajudar a esclarecer, como, por exemplo, a presença de uma ou duas asas, ou de um bordo com bico vertedor.

Dentro desta tipologia julgamos ter apenas dois fragmentos (10-A-023 e 10-A-074), em que as tonalidades do núcleo e das superfícies são uniformes, sendo no primeiro cinzenta, como tal, de cozedura redutora e, o segundo amarelada, por sua vez, de cozedura oxidante. O primeiro de pasta homogénea e, por sua vez, o segundo de pasta heterogénea, todavia, ambas são compactas, com elementos não plásticos de calibre pequeno e médio, feitas a torno.

Analisando o perfil da peça, o púcaro (10-A-023) possui bordo extrovertido afunilado, de lábio biselado interno com nítido sulco de tipo “barbela” e de colo cilíndrico. Por sua vez, o outro exemplar deste tipo (10-A-074), apresenta um bordo vertical, de lábio biselado, com o colo cilíndrico moldurado. Ambos possuem um ressalto interior, ou seja, um sulco interno de tipo “barbela”, utilizado para o encaixe de uma tampa ou de um testo⁴⁴.

A decoração está presente em ambas as peças sendo que na primeira, com uma linha incisa ondulada de duplo traço - tema decorativo muito frequente nas cerâmicas altomedievais e desde a época visigótica -, e com a aplicação de cordão plástico digitado, muito bem definido.

Na segunda peça, para além, da preocupação com o polimento das superfícies, inclui outros tipos decorativos: é composta pela aplicação de cordão plástico, o qual apresenta pequenas e quase impercetíveis unguiações que, por sua vez, completam uma linha paralela, bem como utilização de engobe de tonalidade escura, que se encontra um pouco desgastado, mal conservado, devido à constituição friável da pasta. Esta peça enquadra-se no grupo das típicas cerâmicas / jarros altomedievais, de bordo com perfil de tendência triangular, que podem apresentar colos moldurados com aplicação de cordões plásticos ou não. Contudo, apesar da nossa pesquisa bibliográfica, não encontramos uma peça similar, isto é, que reunisse todas as especificidades que este jarro contém: cordão plástico com incisão, engobe e alisamento.

Para o fragmento (10-A-023), foi possível encontrar vários paralelos de perfil e

⁴⁴ Tendo inclusivamente, neste conjunto, sido identificados dois testos.

decoreção. Por exemplo, nos acervos de Conímbriga encontra-se uma panela, com decoreção de duplo traço de linha incisa ondulada, enquadrado na fase III, ou seja, nos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 172, nº 45).

Também em Monte Aljão, na freguesia de Rio Torto, no concelho de Gouveia, encontramos outro exemplar com decoreção similar, de uma linha zig-zague e de uma linha horizontal, do mesmo modo inciso (TENETE, 2010: 110, fig. IV.1.34, nº 147 e 291).

Também no povoado de São Gens, na freguesia de Santa Maria de Celorico da Beira aparecem peças similares (IBID: 258, fig. IV.5.29, nº 440).

Este tipo de decoreção pode também ser encontrado em sítios altomedievais em Espanha, como se pode comprovar com os seguintes casos:

1) Em León, mais precisamente em Puente Castro, no “Castro de la Mota” (GUTIÉRREZ GONZÁLEZ e BENÉITEZ GONZÁLEZ, 1989: 249, fig. VI, nº 2 e 3), foram descobertas cerâmicas com este tipo de decoreção incisa e ondulada, de cozeduras redutoras como é o (10-A-023), datadas dos séculos X-XII.

2) Na Praça de São Miguel, em Barcelona (LÓPEZ MULLOR et alii, 2003: 61, fig. X, nº 11 e 13), em tipos de recipientes diferentes (duas panelas, com datações para os séculos IX-X, ou seja, com cronologias mais recuadas que no exemplo anterior) existem motivos decorativos incisos de linhas paralelas de número variável e, onduladas, que, num dos casos, alterna entre três linhas em zig-zague e linhas verticais que incidem no colo e no ombro da peça.

Em comparação com a peça em estudo, verifica-se uma linha incisa ondulada isolada, no colo, associada a um outro tipo ornamental, um cordão plástico digitado. Por sua vez, nos paralelos que possuem incisões, há um conjunto de linhas retas/onduladas, características do período altomedieval, datadas do século IX-X.

5.1.10. Pratos

São formas abertas para servir à mesa, de paredes pouco altas e esvasadas, pouco profundas, de fundo plano, recipiente muito aberto, neste caso sem pé. Pode ser uma forma individual ou atingir medidas maiores, como sucede nos casos em estudo, que se podem confundir com outras formas, como as saladeiras ou as frigideiras.

Dispomos apenas de dois fragmentos desta tipologia (10-A-058 e 10-A-122) e o segundo, devido à sua forma e dimensão, apresenta muitas dúvidas quanto à periodização medieval, porquanto na época romana também se utilizaram pratos com as mesmas características formais. No entanto, o exemplar de Santa Olaia pela particularidade da superfície interna com o brunido em espatulado horizontal remete-nos para formas similares do sul de Portugal na época islâmica, como por exemplo em “Vale do Bôto”, “Cidade das Rosas” (Serpa), Mesas do Castelinho (RETUERCE VELASCO, 1998: 82).

O primeiro, com diâmetro superior a 240 mm, tem o bordo extrovertido, lábio arredondado, e paredes esvasadas. A pasta é heterogénea, pouco compacta, com núcleo de cor cinzenta, e as superfícies amareladas, ou seja, foi produzido num ambiente redutor e com um arrefecimento oxidante.

Pelo contrário, o segundo apresenta um diâmetro maior, entre os 400 e 440 mm, sendo o bordo introvertido, de lábio arredondado e o corpo curvo. A pasta e as superfícies têm a mesma tonalidade acastanhada, tendo sido feito num ambiente oxidante, apresentando ainda vestígios de queimado nas superfícies. A superfície interior é brunida com reticulados horizontais e também apresenta engobe, para a impermeabilização da peça, justificável para a função que desempenhava.

Em Conímbriga, existem vários fragmentos semelhantes, classificados como frigideiras / sertãs, sendo de paredes convexas e bordos ligeiramente introvertidos, cujos diâmetros podiam atingir as medidas máximas de 360 mm (ALARCÃO, 1975: planche LIX, nº 1034).

Em Salir, existem igualmente pratos deste tipo, também com perfis curvos, mas de menores dimensões, já do período almóada, com tonalidades alaranjadas, castanho acinzentadas ou creme amareladas (CATARINO, 1997/98: 1191, est. CVII, nº 3).

Com este tipo decorativo, brunido reticulado na superfície interior, encontramos exemplares de uma grande malga/saladeira no Castelo Velho de Alcoutim (IBID: 1275, est. CXCIII), assim como, numa malga ou sertã no Castelo de Relíquias (IBID: 1289, est. CCVII).

5.1.11. Tigelas

As tigelas são recipientes de forma aberta que podem servir para a confeção e apresentação dos alimentos na mesa. Optámos por incluir nesta forma peças com diâmetros de abertura diferentes que podem ir das pequenas tigelas de 130 mm de abertura às grandes tigelas (por vezes também designadas como frigideiras ou como caçoilas), que podem atingir os 250 mm de abertura. Por outro lado, o exemplar (11-A-006) apresenta um perfil idêntico ao de alguns alguidares, tendo porém uma abertura de reduzidas dimensões (130 mm). O perfil do corpo também pode variar entre paredes curvo-convexo ou com carena a meio do corpo.

As pastas são heterogéneas, três compactas e uma pouco compacta, com elementos não plásticos de calibre pequeno e médio. As tonalidades da pasta são de núcleo cinzento, por sua vez, as superfícies podem ser cinzentas ou alaranjadas (10-A-075 e 11-A-006). Consequentemente, todas as tigelas foram produzidas num ambiente redutor, dos quais duas sofreram arrefecimento oxidante.

Temos neste estudo quatro fragmentos que apresentam algumas particularidades e diversidades nos perfis: dois exemplares apresentam bordo ligeiramente extrovertido, um introvertido e um protobífido; um de lábio biselado, um arredondado e outro plano; dois de paredes esvasadas, um de corpo curvo e um carenado.

A tigela (10-A-092) apresenta a superfície interior com alisamento e não tem decoração na superfície externa. As outras (10-A-069, 10-A-075 e 11-A-006) têm aplicação de cordão plástico digitado na superfície externa, sendo que a segunda apresenta a decoração ao nível da carena, inexistente nos outros fragmentos.

Para o fragmento (10-A-069) encontramos uma tigela muito similar no sítio arqueológico de Baldoeiro, em Moncorvo, enquadrado na Fase II, ou seja, da segunda metade do século XII (RODRIGUES, 1994: 36 e 84, BTor/R3-002-1242). Ambos os fragmentos apresentam uma cozedura redutora, sendo as pastas e as superfícies de tonalidade cinzenta e o mesmo padrão decorativo com cordão plástico digitado.

Em Viseu, as escavações no Museu Grão Vasco, revelaram tigelas hemisféricas semelhantes, integradas no subconjunto 3.1.a., de cronologia plenomedieval, fabricadas com pastas macias e argilosas (RODRIGUES, 2012: 47-48, est. VII).

Com uma cronologia um pouco mais tardia, do século XII-XIII, há um fragmento do sítio arqueológico da Rua de Zapatería, em Zamora (TURINA GÓMEZ, 1994: 54, fig. 13, nº 6). A peça é muito semelhante, com o mesmo tipo de perfil, de cozedura e de decoração,

embora mais completa, de bordo envasado, de lábio biselado, com paredes de perfil curvo e fundo plano, com uma asa.

Em relação ao fragmento (10-A-092), encontramos paralelos em Benavente (província de Zamora), onde constam cerâmicas medievais do século XII (LARRÉN IZQUIERDO, 1989: 283, fig. IV, nº 6). Estas apresentam cozeduras oxidantes, ao contrário dos fragmentos de Santa Olaia, que são de cozedura redutora.

O fragmento (10-A-075) tem paralelo numa tigela da fase III de Santa Cruz da Vilarça, no concelho de Moncorvo, datada do final do século XIII e inícios do século XIV (RODRIGUES, 1994: 100, SCV/A1-005-842). Este tem, contudo, um diâmetro do bordo menor, de 135 mm, e com uma cronologia mais tardia à que nós atribuímos ao nosso fragmento.

Os bordos proto bífidios aparecem, no entanto, em outras áreas geográficas e com cronologias mais recuadas, por exemplo, o alguidar, proveniente de El Zambo, um sítio de cronologia emiral (GUTIÉRREZ LLORET, 1996: 180, fig. 78, nº 5).

Para os fragmentos (10-A-075 e 11-A-006), existem mais dois paralelos, em Conímbriga, contudo foram classificados de pequenos alguidares. O primeiro assemelha-se ao número 742, com um diâmetro de bordo de 280 mm, e “*bordo em forma de cabeça de prego*” (ALARCÃO, 1975: 104). Os alguidares de Conímbriga, integrados no grupo de Grés (IBID: planche XXXVII, nº 742 e 743), assemelham-se a estas tigelas, na decoração, com uma linha horizontal de cordão plástico digitado. Contudo, estes exemplos até no bordo, interior e exteriormente, apresentam decoração com ungulações e puncionada. Estes materiais têm uma cronologia dos séculos VII-IX (DE MAN, 2006: 150-156).

5.1.12. Testos

Esta forma é a única que incluímos no grupo do material de uso específico, destinado a tapar/cobrir recipientes como panelas, bilhas, jarros ou púcaros. Nela foram identificados apenas dois exemplares, os quais apresentam uma pega em forma de mamilo ao centro, normalmente designada por pedúnculo central.

O primeiro apresenta uma base plana, com um diâmetro de 52 mm; a pasta e as superfícies são homogéneas, alaranjadas, de cozedura oxidante e com marcas de queimado.

O segundo possui uma pasta mais heterogénea, com núcleo de tonalidade cinzenta, e as superfícies alaranjadas, de cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Ambos os testos (10-A-125 e 10-A-126) se encontram muito fraturados, sendo de dimensões muito reduzidas, com ausência de bordo, que não permitem grandes ilações.

Neste estudo, há algumas formas, como panelas ou potes, que apresentam no lábio um sulco interno para encaixe dos testos, o mesmo acontecendo na panela (10-A-033), na bilha (10-A-077) e no púcaro/jarro (10-A-074).

Os dois fragmentos podem encontrar inúmeros paralelos. Damos como exemplo uma tampa, datada entre os séculos IX-XI, encontrada no Castelo de Mouros, mais precisamente no sítio de São Pedro de Canaferrim, em Sintra (COELHO, 2000: 219, est. 1, fig. 21), sendo o diâmetro de fundo maior.

Também existe peça idêntica na Alcáçova do Castelo de Mértola, com uma base de 33 mm, de corpo troncocónico invertido, de cozedura oxidante, datada do século XII (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/BR/0009).

Segundo Retuerce, esta tipologia de testo surge desde o século IX, com o pedúnculo central, em pastas e superfícies de tonalidades acastanhadas, mas também cinzentas. Os nossos exemplares assemelham-se à forma que ele considerou ser H 3A (RETUERCE VELASCO, 1998: FORMA H.03A, nº 365).

5.1.13. Telhas/ Ímbrices

Peças em forma de meia cana, semi-cilíndricas, utilizadas na constituição dos telhados, como também utilizadas em canalizações para o escoamento de águas.

No conjunto analisado apenas constam dois fragmentos. Têm pastas heterogéneas, pouco compactas, com elementos não plásticos de calibre pequeno, mas sobretudo médio, de pastas e superfícies alaranjadas, correspondentes a uma cozedura oxidante. Um dos fragmentos foi integrado, por Santos Rocha, na secção luso-romana.

A reduzida frequência de materiais de construção pode relacionar-se com a escassez de estruturas habitacionais no interior do recinto fortificado, ou, por outro lado, porque na altura das escavações, na época de Santos Rocha e em épocas posteriores, não tenha sido uma prioridade a recolha deste tipo de achados, reunindo-se somente dois exemplares como

testemunho.

5.1.14. Indeterminados

Dentro desta categoria temos 43 fragmentos para os quais, devido ao seu reduzido tamanho, não foi possível identificar a que forma pertenceram. Neste grupo existe um fragmento de bordo introvertido de lábio biselado, um de corpo alto, vinte e oito de bojo, sete asas e seis arranques de asa, sendo vinte e oito peças de pastas heterogéneas e as restantes quinze, de pasta homogéneas. No que se refere a compactidade, trinta e seis fragmentos são de pastas compactas e, apenas sete, de pastas pouco compactas. Na sua maioria apresentam elementos não plásticos de granulometria pequena, tendo apenas dez fragmentos com elementos de calibre médio.

Relativamente à tonalidade do núcleo das pastas e das superfícies podemos dividi-los do seguinte modo:

- 1) Um de pasta de núcleo cinzento e superfícies beges,
- 2) Um de pasta de núcleo cinzento e superfícies amareladas,
- 3) Um de pasta e superfícies amareladas,
- 4) Dois de pasta de núcleo cinzento e superfícies acastanhadas,
- 5) Doze de pasta e superfícies alaranjadas,
- 6) Treze de pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas,
- 7) Treze de pasta e superfícies cinzentas.

Ou seja, as pastas variam entre três tonalidades, sendo na sua maioria cinzenta, alaranjada e uma amarelada. Relativamente às cores das superfícies, existe um maior leque, para além das alaranjadas, as mais representadas, podem ser cinzentas, amareladas, acastanhadas e beges.

Deste modo, treze foram cozidos num ambiente oxidante e trinta em ambiente redutor, dos quais dezassete sofreram arrefecimento oxidante. Dos 43 fragmentos, vinte e sete foram

feitos a torno, as asas são modeladas e, entre os bojos, catorze possuem marcas de queimado aderente.

Relativamente à decoração, este é o grupo com mais expressão, devido provavelmente ao facto de ser o grupo mais numeroso, sendo que:

- 1) Onze fragmentos têm cordão plástico digitado no bojo (10-A-071, 10-A-072, 10-A-094, 10-A-112, 10-A-132, 11-A-007, 11-A-008, 11-A-009, 11-A-022, 11-A-023 e 11-A-024);
- 2) Sete têm decoração golpeada na asa (10-A-027, 10-A-067, 10-A-073, 10-A-080, 11-A-001, 11-A-003 e 11-A-014);
- 3) Seis são decorados com engobe (09-A-131, 10-A-082, 10-A-101, 10-A-109, 10-A-124 e 11-A-014);
- 4) Cinco têm pintura em banda branca na asa ou no bojo (09-A-135, 10-A-082, 10-A-104, 10-A-124 e 11-A-013);
- 5) Cinco com punções na asa (09-A-131, 09-A-135, 10-A-024, 10-A-104 e 11-A-013);
- 6) Três com linhas incisadas no bojo (11-A-008, 11-A-016 e 11-A-022);
- 7) Uma com caneluras paralelas no bojo (11-A-005);
- 8) Uma com polimento na superfície externa (10-A-020);
- 9) Uma com unguiações no bojo (11-A-025).

Podemos verificar que existem três cerâmicas que apresentam decoração mista, isto é, reúnem a pintura em banda branca com punções, a primeira típica do período islâmico e a segunda nitidamente cristã (09-A-135, 10-A-104 e 11-A-013).

Existem ainda alguns fragmentos que apresentam certas particularidades das quais destacamos:

- O fragmento (10-A-080) com decoração golpeada na asa, que foi encontrado nas camadas superficiais, portanto as mais recentes do sítio⁴⁵;

⁴⁵ Esta peça com o número de inventário St. Olaia B/E 2 (nível 1), encontrava-se na Banquette Este da Sondagem II, uma terra preta de cultura (Relatório de Escavação de 1984).

- O bojo (10-A-099) caracteriza-se por ter paredes muito finas, possivelmente também devido ao desgaste, sendo o único fragmento deste conjunto com estas características;
- No fragmento (10-A-124), conhecemos o contexto onde foi descoberta a peça – nível 1⁴⁶-, 89 St. Olaia 1 e possui pintura de três bandas brancas verticais. Tal como este, também o fragmento (10-A-082) possui pintura em banda branca, ondulada, sendo portanto peças que marcam a presença da época islâmica no local;
- No fragmento (10-A-132) há aplicação de dois cordões plásticos digitados paralelos, podendo observar-se o negativo do tecido;
- Nos fragmentos (11-A-023 e 11-A-024) há vestígios de marca de dedadas do oleiro.

Para o fragmento (11-A-005), encontramos alguns paralelos, por exemplo, em Coimbra, onde são frequentes os bojós com caneluras em diferentes formas, desde panelas, bilhas e púcaros (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 369-374).

Também na província de Valência (Espanha), no sítio de Santa Fé de Oliva, com presença islâmica, datado do século X/XII (BAZZANA, 1992: VOL.1, nº 124), apresenta bilhas e jarrinhas com caneluras desde o colo até a meio do bojo (IBID: VOL. 2, planche CCLXXVII, fig. 405, nº 2).

Duas peças (11-A-008 e 11-A-016) apresentam uma decoração incisa, a primeira com uma linha incisa reta e a outra peça, para além da linha incisa reta, ostenta uma linha ondulada de duplo traço.

Para o primeiro bojo, que manifesta quase o dobro da espessura (com 12 mm) do outro fragmento, encontramos um exemplar em Conímbriga, o qual corresponde a uma panela. Todavia, relevamos unicamente o paralelo decorativo, dado desconhecermos a que forma pertence o fragmento (11-A-008). Este paralelo com duplo traço de linha ondulada, correspondente aos séculos X-XII (DE MAN, 2006: 172, nº 45).

Em Espanha, mais exatamente, na Praça de São Miguel, em Barcelona, foram encontradas duas panelas, com datações para os séculos IX-X, com motivos decorativos incisos de linhas paralelas e onduladas, de número variável, sendo que, num dos casos, estamos perante uma alternância de três linhas em ziguezague e de linhas verticais que incidem no colo e no ombro da peça (LÓPEZ MULLOR et alii, 2003: 61, fig. X, nº 11 e 13).

⁴⁶ Como já foi anteriormente referido, não tivemos acesso ao Relatório de Escavações do respetivo ano.

A comparação com o fragmento (11-A-008) não é possível, uma vez que, em consequência das suas dimensões reduzidas, desconhecemos a extensão e a orientação do padrão decorativo. Apesar de diminutos os fragmentos aqui analisados corresponderiam todos a formas fechadas.

Para o segundo bojo encontrámos dois exemplares com decoração similar no lugar de Monte Aljão, na freguesia de Rio Torto, no concelho de Gouveia, com uma linha ziguezague e uma linha horizontal (TENTE, 2010: 110, fig. IV.1.34, n^{os} 147 e 291). Surge também em São Gens⁴⁷, na freguesia de Santa Maria, decoração semelhante (IBID: 258, fig. IV.5.29, n^o 440).

Pelas pastas e tratamentos de superfície (alguns com polimento), podemos fazer corresponder a exemplares de bilhas, enquanto que outros seriam de panelas, de púcaros, ou de jarrinhas. Por outro lado, as decorações podem induzir-nos para a tipologia da peça: fragmentos com pintura a branco, de possíveis jarrinhas (10-A-124); asas puncionadas, de possíveis panelas e bilhas; decorações mistas, puncionadas e pintadas (09-A-135, 10-A-104) e sobretudo, decorações com aplicações de cordão plástico que aparecem numa grande variedade de formas (10-A-071, 10-A-072, 10-A-094).

⁴⁷ Sítio com ocupação desde o neolítico ou calcolítico, com vestígios romanos e de um povoado fortificado altomedieval (TENTE, 2010: 203).

5.2. As pastas e os tratamentos de superfície

Neste subcapítulo comentamos os tipos de cozedura e, conseqüentemente, as tonalidades que adquirem as pastas e as superfícies das peças depois de cozidas. A cozedura permite que a peça se torne resistente, mais sólida e que, deste modo, possa servir e conservar-se por mais tempo. Depois de preparada/moldada, a peça é cozida, podendo essa cozedura ser efetuada em dois ambientes diferentes que, posteriormente, se refletem em tonalidades de pastas e superfícies distintas: ambiente oxidante ou ambiente redutor.

A cozedura redutora, muito representada nos materiais em análise, consiste num processo em que a entrada de ar é reduzida, havendo carência de oxigénio no forno, pelo que dela resultam peças com tonalidades mais negras ou cinzentas (fig. 6). Por sua vez, na cozedura em ambiente oxidante o fornecimento de oxigénio não é restringido, ou seja, havendo entrada franca de ar no forno, as pastas cozidas apresentam cores mais claras, amareladas, alaranjadas, avermelhadas até ao tom acastanhado (fig. 6). Desta maneira, “a designação de oxidante e redutora provêm do tipo de atmosfera que se cria à volta das cerâmicas dentro do forno” (PINTO, 1999: 71).



Figura 6: Exemplos dos dois tipos de cozedura, o primeiro fragmento de púcaro/jarro (10-A-023) de cozedura redutora e, o segundo fragmento de bilha (10-A-032), feito num ambiente oxidante.

No entanto, quando é feita a análise de uma peça no seu todo, verificamos que a tonalidade pode não ser homogénea. Esse facto é consequência de diversos fatores, dos quais salientamos: 1) a abertura ou fecho do forno durante o processo de cozedura; 2) a sobreposição de peças; 3) a desigualdade na espessura das paredes da peça, por exemplo entre o bordo e o bojo, que se traduz em tons mais claros ou mais escuros; 4) as diferenças na temperatura ou na duração da cozedura (PINTO, 1999: 71-72).

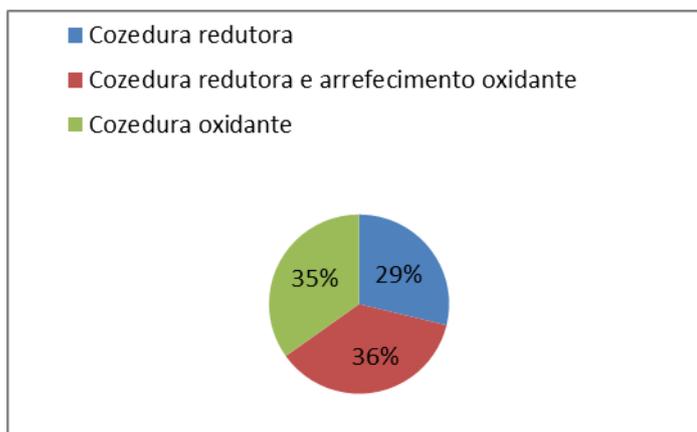


Gráfico 3: Gráfico referente ao tipo de cozedura em termos percentuais.

Analisando o gráfico 3, verificamos que a cozedura redutora é uma constante, numericamente composta por oitenta e seis fragmentos, embora quarenta e oito destes tenham tido um arrefecimento oxidante. Ou seja, trata-se de cozeduras mistas, em que decorreu com restrição de entrada de oxigénio mas, na fase final da cozedura, foi permitida entrada de oxigénio no forno para assegurar o arrefecimento mais rápido das peças, pelo que as superfícies das mesmas ficaram com tons mais claros, alaranjadas ou castanho/avermelhadas, refletindo-se num total de noventa e quatro peças, das quais quarenta e oito têm o núcleo de tonalidade escura.

Para além disso, após análise do fabrico de todas as peças constatámos que existem algumas formas associadas a determinados tipos de cozedura. Deste modo, com cozedura e arrefecimentos redutores encontram-se as seguintes formas: os púcaros (exceto os fragmentos 10-A-046 e 11-A-021 de cozedura oxidante) e as tigelas (exceto as 10-A-075 e 11-A-006 que tiveram um arrefecimento oxidante).

Por sua vez, as formas que tiveram o mesmo processo de cozedura redutora divergindo

apenas no arrefecimento, que sucedeu num ambiente oxidante são os alguidares, e as panelas/potes.

Nas peças obtidas através de uma cozedura oxidante estão incluídas essencialmente, as seguintes formas: as jarrinhas e as telhas.

Para além da análise da relação entre as diferentes formas e o respetivo tipo de cozedura, é também interessante elaborar uma pesquisa atendendo à relação entre as tonalidades das pastas e as das superfícies. O grupo é composto por seis tonalidades diferentes, desde o bege, tom mais claro, passando pelo amarelado, o alaranjado, o avermelhado e o acastanhado, até ao tom mais escuro, o cinzento, havendo, assim, um conjunto homogéneo de pastas e de superfícies cinzentas e um grupo mais heterogéneo, de pastas e de superfícies oxidantes.

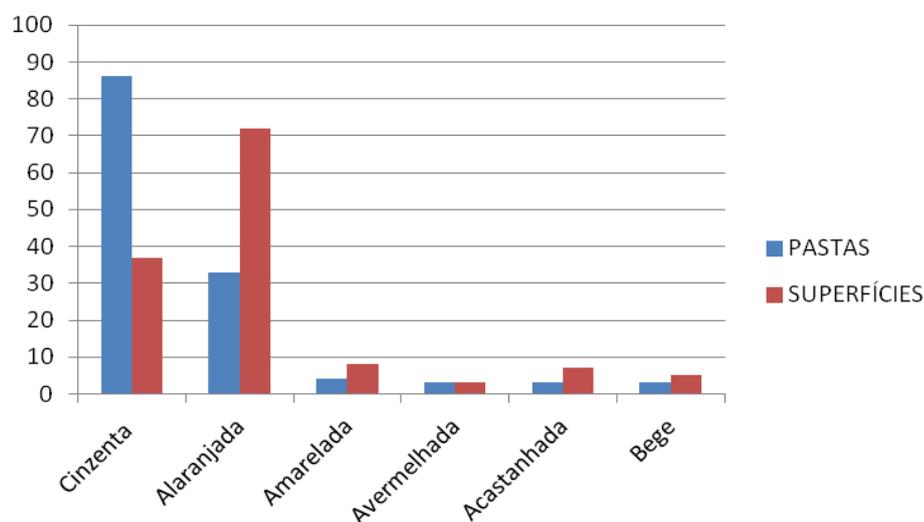


Gráfico 4: Gráfico referente às tonalidades das pastas e das superfícies de todas as peças deste conjunto.

Assim, como está patente no gráfico 4 onde são discriminadas as cores das pastas e das superfícies, verifica-se um predomínio dos tons cinzentos nas pastas e, pelo contrário, no caso das superfícies, a cor alaranjada é a que mais se destaca, o que é coerente com os resultados encontrados para as condições de cozedura.

Atendendo ainda à constituição das peças, a granulometria dos elementos não plásticos apresenta dimensões desiguais, podendo significar a utilização de matérias-primas específicas nos diversos locais de produção. Todas as peças possuem elementos não plásticos de pequeno calibre, na sua maioria com presença de mica, facilmente detetada devido à sua coloração

brilhante. Por sua vez, das 132 peças, apenas 40 conservam ainda desengordurantes com dimensões medianas (referimo-nos essencialmente a fragmentos de quartzo). Nessas 40 peças estão incluídas as panelas, as bilhas, as telhas e os alguidares, isto é, formas de maior dimensão, de fabricos mais grosseiros e, como tal, necessitando de ter maior resistência, sobretudo devido à função que desempenham.

Quanto às superfícies dos fragmentos, é necessário referir que estão sujeitas a outras modificações, devido à sua exposição a algumas condicionantes como a humidade, o sol e a temperatura, entre outras. Em resultado das próprias funções que desempenham as peças, como, por exemplo, é o caso das panelas, que estão sujeitas ao lume, a cor pode ser alterada, apresentando marcas de queimado. Assim, em formas utilizadas na cozinha é perfeitamente natural que isso se verifique, tratando-se de peças destinadas a cozinhar, em que o fogo poderá atingir altas temperaturas. No entanto, o mesmo se verificou em materiais que não estão funcionalmente sujeitos ao lume, mas de contextos de mesa, deixando marcas nas peças, alterando a sua coloração, para um tom mais escuro. Referimo-nos especificamente ao queimado, facilmente perceptível e irregular, que, de todo o conjunto em análise, se observa em 59 peças.

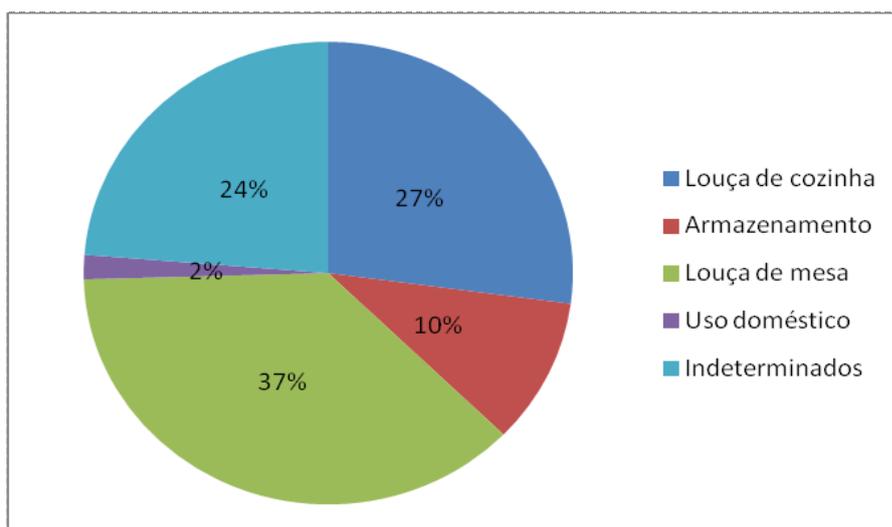


Gráfico 5: Gráfico referente à percentagem das marcas de queimado nos diferentes tipos de louça.

Analisando o último gráfico verificamos que é o grupo de cerâmica de mesa que tem maior percentagem de peças com vestígios de queimado, ao qual se segue a louça de cozinha e, posteriormente, o grupo de formas indeterminadas. Das 13 tipologias, são apenas três, as que não têm presença de queimado, duas panelas/potes, dois púcaros/jarros e as duas telhas.

Poderá haver várias explicações para a falta de marcas de queimado nestas peças. No caso dos dois fragmentos de panelas/potes torna-se evidente a dupla funcionalidade de algumas peças com perfis semelhantes, umas servindo para cozinhar e outras apenas para armazenar alimentos. Por sua vez, no caso dos púcaros / jarros e telhas não são, normalmente, sujeitas ao fogo e, deste modo, justifica-se a ausência de vestígios de queimado.



Figura 7: Exemplos de paredes com queimado (10-A-125 e 10-A-129).

5.3. As decorações

A análise deve englobar o estudo dos padrões e representações decorativas patentes nas cerâmicas. Deste conjunto de 132 peças, 75 apresentam um ou mais tipos decorativos, estando estes, portanto, bem representados.

Podemos dividir as técnicas e os padrões decorativos observados neste conjunto nos seguintes tipos: pintada, incisa, brunida, puncionada, golpeada, com engobe, com unguiações, com dedadas, com caneluras, com polimento, com aplicação de cordão plástico. A decoração surge em quase todos os tipos de louça, desde a louça de cozinha, de mesa, até mesmo, na louça de armazenamento, embora em menor expressão, exceto no material de construção e do material de uso doméstico.

Atendendo à quantidade de decorações que aparecem por peça, comprovámos que existem 48 com apenas um tipo decorativo; 22 com dois tipos diferentes (por exemplo, punções com pintura); duas com três padrões diferentes (por exemplo, engobe, pintura em banda branca e brunida) e três com quatro tipos de decoração (engobe, pintura em banda branca, punções e canelura). Incluídas nas formas que têm apenas uma decoração por peça, encontram-se panelas, potes, cântaros/ bilhas e tigelas.

Como também se verificou que há tipos decorativos que se encontram sempre na mesma parte do fragmento, dando como exemplo a decoração puncionada e golpeada, visível nas asas de formas de grandes dimensões, exceto no púcaro (11-A-021) que se encontra no colo. De igual modo, se constata que, quando são aplicados os cordões de barro na peça, de forma a aumentar a sua resistência, se encontram, normalmente, no bojo da mesma.

Deste modo, a decoração tem dupla funcionalidade, como efeito estético, mas sobretudo, como complemento funcional da peça, atendendo ao objetivo de cada forma, assunto sobre o qual nos iremos debruçar em cada subtipo decorativo.

Observando o gráfico 6, verificamos que as panelas/potes, as telhas e os testos são as únicas formas que não são decoradas, facto que se pode explicar por várias razões, como, por exemplo, por se tratarem de peças de cozinha e de construção que, regularmente, não se encontram decoradas e, no caso da louça de cozinha não haver esse cuidado, patente na despreocupação com o resultado final das peças.

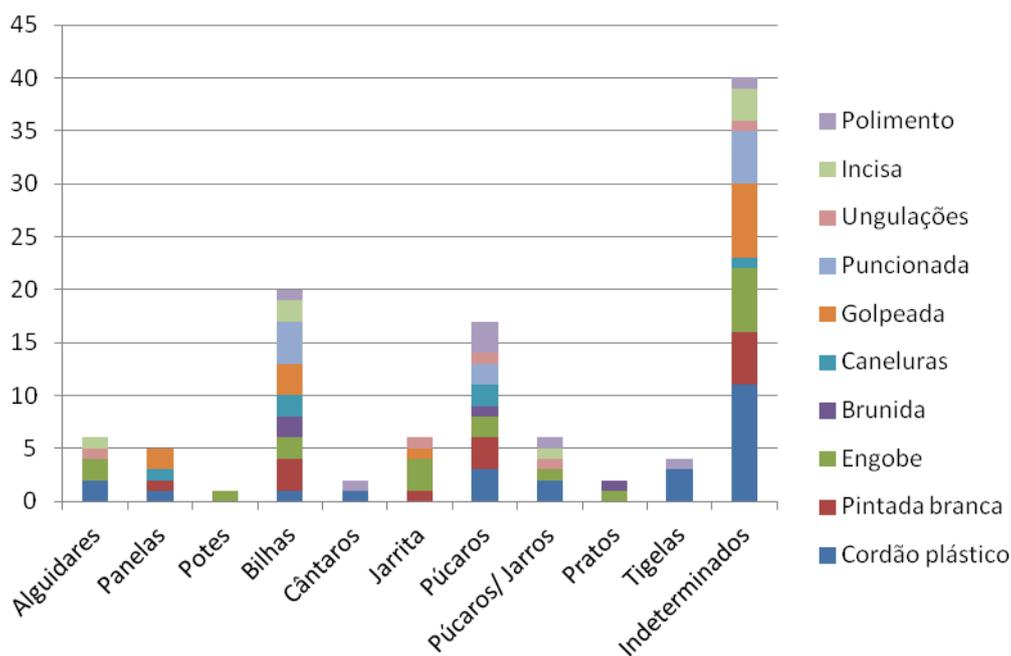


Gráfico 6: Gráfico referente aos diversos tipos de decoração que cada forma possui.

Procedemos de seguida à descrição pormenorizada de cada padrão decorativo em cada tipologia de louça e particularizaremos como e onde se manifesta.

No grupo da louça de transporte e armazenamento existe apenas um pote com decoração com engobe alaranjado na superfície interna da peça (10-A-034).

Na louça de cozinha encontram-se onze decorações, com apenas sete motivos diferentes, em duas formas distintas: nos dois corpos de alguidares e em cinco panelas. Nos alguidares um possui uma decoração com aplicação de cordão plástico e engobe alaranjado na superfície exterior da peça (10-A-062) e outro inclui, para além do cordão plástico e do engobe alaranjado, ungulações e linhas incisas na superfície externa (11-A-004). Nas panelas, duas apresentam decoração golpeada na asa (10-A-052 e 10-A-066), uma com caneluras paralelas no colo, designado de colo canelado (10-A-028), uma com pintura em banda branca com três linhas verticais no bojo (11-A-018) e uma com aplicação do cordão plástico no bojo (10-A-033).

Na louça de mesa, há 36 peças com decoração; por um lado, visto serem peças de servir à mesa, torna-se evidente terem mais tipos decorativos, por outro devido à própria função que desempenham. Nas bilhas existe uma grande variedade de decorações. As peças com um tipo decorativo são as seguintes: uma com cordão plástico digitado no bojo (10-A-093), uma com pintura em banda branca horizontal no colo (11-A-027), uma com engobe

escuro (10-A-044), três asas são golpeadas (09-A-132, 10-A-064 e 10-A-105), uma com polimento (10-A-059) e uma com brunido vertical no bojo (10-A-111). O grupo das bilhas engloba cinco peças com dois tipos decorativos: uma asa com incisão de dois sulcos paralelos e punções alinhadas (10-A-032); uma com três sulcos paralelos incisos e linhas, igualmente paralelas, brunidas (10-A-086); uma puncionada na asa e com engobe (10-A-056); uma com canelura no colo e puncionada na asa (10-A-120) e, por fim, um bojo com pintura em banda branca vertical e a asa puncionada (11-A-002). Com três tipos decorativos existe apenas um exemplar de uma asa (11-A-019): com duas linhas e uma “pseudo-epígrafe” de tipo profilático pintada a branco, com três caneluras verticais e uma dedada do oleiro bem delineada.

No grupo dos cântaros/bilhas, duas peças têm decoração, uma com aplicação de cordão plástico vertical na asa (11-A-012) e uma com polimento na superfície externa (10-A-047).

No grupo das jarrinhas existem quatro fragmentos com decoração, em que dois têm na superfície externa engobe escuro (10-A-031 e 10-A-042); uma asa é golpeada e com unguações (11-A-015) e um colo de jarrinha apresenta ainda engobe escuro na superfície externa e pintado com uma linha ondulada e duas bandas brancas e uma linha horizontal no bojo (11-A-020).

No grupo dos púcaros são quatro os fragmentos que apresentam um tipo decorativo, um com cordão plástico digitado no colo (10-A-065), um com caneluras no colo (10-A-046) e dois têm as superfícies polidas (10-A-018 e 10-A-078). Por sua vez, três púcaros apresentam dois tipos decorativos, um com aplicação de cordão plástico digitado e unguações no bojo (11-A-010); um com a superfície externa polida e com aplicação do cordão plástico digitado no colo (10-A-019) e um pintado em banda branca vertical e horizontal no colo e no bojo, mas também apresenta uma linha de pequenas punções paralelas no colo (11-A-021). Com três tipos decorativos existe apenas um púcaro com decoração brunida, com engobe escuro e pintado em banda branca vertical no bojo (10-A-083). Por fim, este grupo engloba uma peça com quatro tipos decorativos diferentes: engobe escuro na superfície externa, pintado em banda branca vertical e diagonal (no bordo, no colo e no bojo), com uma canelura no colo e na asa pequenas punções (10-A-131).

O púcaro/jarro (10-A-023) tem uma decoração de linha incisa ondulada de duplo traço e, ainda, aplicação de cordão plástico digitado no colo, e o outro fragmento (10-A-074) tem igualmente aplicação de cordão plástico, contudo ungulado, com engobe escuro e as

superfícies polidas.

Um prato (10-A-122) apresenta a superfície interna com brunido espatulado e engobe. No grupo das tigelas todas são decoradas, uma com a superfície interior polida (10-A-092) e três com aplicação de cordão plástico digitado no corpo (10-A-069, 10-A-075 e 11-A-006).

No segmento dos indeterminados existem 31 fragmentos com decoração. Vinte e dois possuem só um tipo decorativo: um puncionado na asa (10-A-024), seis asas são golpeadas (10-A-027, 10-A-067, 10-A-073, 10-A-080, 11-A-001, 11-A-003), nove com aplicação de cordão plástico digitado no bojo (10-A-071, 10-A-072, 10-A-094, 10-A-112, 11-A-007, 11-A-009, 11-A-023 e 11-A-024), [um deles com dois cordões plásticos digitados paralelos (10-A-132)]; um com caneluras paralelas no bojo (11-A-005), um com uma linha incisa ondulada e uma reta no bojo (11-A-016), um com a superfície externa polida (10-A-020), dois com engobe, um acastanhado, o outro mais escuro (10-A-101, 10-A-109) e um com unguiações no bojo (11-A-025).

Com dois tipos decorativos há nove fragmentos: um com engobe escuro e puncionado na asa (09-A-131); um com engobe escuro e pintura em banda branca ondulada no bojo (10-A-082), um igualmente com engobe escuro mas pintado com três bandas brancas verticais no bojo (10-A-124); três asas com pintura em banda branca e puncionadas (09-A-135, 10-A-104, 11-A-013), um com decoração incisa reta e com aplicação de cordão plástico digitado no bojo (11-A-008), um com uma linha incisa ondulada e com um cordão plástico digitado no colo (11-A-022); e, por fim, um com engobe vermelho e golpeado na asa (11-A-014).

Em suma, podemos verificar que existem decorações associadas a determinadas formas, pelo que nos parece importante descrever cada tipo decorativo. Para além de a decoração poder ser feita por diferentes métodos, como por exemplo, a decoração incisa sobre a superfície (procedimento que pode anteceder a cozedura e cujo efeito é obtido com a ajuda de um instrumento pontiagudo), a decoração através de aplicação (quando é acrescentada alguma coisa à peça antes da cozedura) e também pode surgir sob a forma de coloração, com pintura ou engobe (esta última com o objetivo de servir de impermeabilizante). Deste modo, parece-nos útil especificar cada um deles.

Começando pela decoração brunida, pouco expressa neste conjunto, que é criada através da utilização de um instrumento sobre a peça já seca, com o intuito de ser impermeabilizante. Esta ação confere à peça um alisamento especial, por vezes, formando bandas ou reticulados. Surge em três formas diferentes, num total de quatro fragmentos de louça de mesa: em dois bojos de bilhas (10-A-085 e 10-A-111), no bojo de um púcaro (10-A-

083) e no prato (10-A-122). Em três fragmentos, esta decoração está associada a outros motivos decorativos, como é o caso da decoração incisa, de pintura e engobe. Ao contrário do polimento que cobre toda a superfície, nestas peças é evidente a orientação da decoração em linhas paralelas verticais, como se verifica na bilha (10-A-086) ou horizontais, como no prato (10-A-122). O As cerâmicas brunidas ou espatuladas são como refere Manuel Retuerce, as que apresentam total ou parcialmente um alisamento mediante objeto duro, de madeira ou couro (RETUERCE VELASCO, 1998: 405).

O polimento é outro efeito decorativo, que pode ocorrer nas superfícies (interna ou externa), e está patente em sete peças de servir à mesa, das oito que existem neste conjunto. Normalmente é um tipo decorativo que surge isolado, na bilha (10-A-059), no cântaro / bilha (10-A-047), na forma indeterminada (10-A-020), nos púcaros (10-A-018 e 10-A-078), na tigela (10-A-092), havendo apenas duas peças em que surge com a aplicação de cordão plástico, num púcaro (10-A-019) e num púcaro/ jarro (10-A-074), que apresenta cordão plástico, com unguiações e as superfícies engobadas. Tal como a decoração brunida, também a decoração através do polimento serve como impermeabilizante, estando associada, normalmente, a recipientes que contenham líquidos.

A decoração incisa de uma linha reta ou ondulada é obtida através de instrumento afiado, que permite diferentes configurações ou representações. Esta ornamentação tem de ser feita antes da cozedura, enquanto a pasta não seca. Pode aparecer relacionado com outras decorações (como por exemplo, a aplicação do cordão plástico, brunida, engobe, unguiações, punções) e está patente em sete fragmentos: um alguidar [(11-A-004), único fragmento de louça de cozinha com este tipo]; duas bilhas (10-A-032 e 10-A-086), um púcaro/ jarro (10-A-023), do grupo de louça de mesa, e mais três peças do grupo de fragmentos não identificados (11-A-016, 11-A-008 e 11-A-022).

A decoração puncionada e a golpeada, resultado da aplicação de um instrumento afiado sobre a peça, são utilizadas neste conjunto, intencionalmente, nas asas, sobretudo em peças de maiores dimensões, como as bilhas e panelas, ocorrendo com direções, profundidades e tamanhos desiguais.

A decoração puncionada patente no grupo da louça de mesa, por exemplo nas bilhas (10-A-032, 10-A-056, 10-A-120, 11-A-002), nos púcaros (10-A-131 e 11-A-021), e em cinco fragmentos de forma indeterminada (09-A-131, 09-A-135, 10-A-024, 10-A-104 e 11-A-013). Este motivo decorativo está essencialmente articulado com outras decorações, como nos fragmentos com decoração com pintura a branco ou com engobe, surgindo isoladamente

apenas num fragmento (10-A-024) dos onze com esta decoração. No púcaro (11-A-021) aparece de forma particular, por ser o único fragmento em que a decoração não surge na asa mas no colo estrangulado da peça, e com uma configuração triangular.

Por sua vez, a decoração golpeada surge sempre em asas de formas de maiores dimensões como as painéis (10-A-052 e 10-A-066) e as bilhas (09-A-132, 10-A-064 e 10-A-105). Das treze peças com este motivo de decoração apenas duas têm associado outros motivos [na (11-A-015) com unguiações e, na (11-A-014) com engobe]. Segundo Adriaan De Man, este padrão decorativo teve início na deterioração das pastas e das cozeduras, maioritariamente manifestado nas asas, onde é necessário suportar maiores pressões (DE MAN, 2006: 162).

A decoração com unguiações origina uma configuração semelhante à anterior, mas em vez de ser utilizado um instrumento, é utilizada a unha do oleiro para marcar a peça, enquanto a pasta ainda está fresca. Em todos os fragmentos que possuem esta decoração, os traços estão orientados paralelamente, criando assim um motivo decorativo. Este padrão aparece relacionado a outras decorações e surge em peças específicas de média dimensão: no alguidar (11-A-004), no púcaro/ jarro (10-A-074), na jarrinha (11-A-015), no púcaro (11-A-010) e numa forma indeterminada (11-A-025); exceto neste último fragmento em que aparece isoladamente, não havendo a certeza dado a reduzida dimensão do mesmo.

Uma bilha (11-A-019) apresenta ainda uma decoração através de uma dedada do oleiro na asa, que pode ter uma de duas interpretações: como decoração digitada, ou como efeito da pressão exercida para garantir a união da asa ao bojo da peça (visto tratar-se da marca do próprio dedo do oleiro, enquanto a pasta ainda está fresca). Para além desta decoração, o fragmento é também pintado e tem três caneluras paralelas, sendo uma das peças particulares deste conjunto. Existe ainda outra bilha (11-A-026) que ostenta a marca de duas dedadas do oleiro para a junção da asa ao bojo, acreditamos que, neste caso, tenha sido apenas funcional.

A decoração com caneluras aparece na superfície exterior das peças, formando linhas paralelas ou onduladas. Este tipo decorativo surge em seis peças de grandes dimensões: de forma muito evidente, numa painél de colo canelado (10-A-028), num púcaro (10-A-046), numa asa de uma bilha (11-A-019), e numa forma indeterminada (11-A-005); como também, pode ocorrer apenas uma canelura no colo, como constatamos em duas peças, uma bilha (10-A-120) e um púcaro (10-A-131).

A decoração através da aplicação de cordão plástico, como o próprio nome indica,

consiste no acrescento de um cordão de barro à peça, depois de esta ser moldada mas antes de ser cozida; o cordão é, normalmente, digitado, ficando registada a impressão do dedo do oleiro coberto pelo tecido do linho no cordão, deixando, deste modo, a marca em negativo na peça (10-A-093, 10-A-065, 10-A-023, 11-A-009). No entanto, pode não ser digitado, como é o caso do púcaro/ jarro (10-A-074) em que o cordão é ungulado.

Assim, esta técnica decorativa caracteriza-se por ser utilizada em várias formas, tanto na louça de mesa (nas bilhas, nos púcaros e nas tigelas), como de cozinha (nos alguidares e nas panelas), ou seja, em peças de médias e grandes dimensões. A orientação pode variar, dando como exemplo, o caso do cântaro / bilha (11-A-012), em que se encontra na vertical e no alguidar (10-A-062), em que um está disposto na horizontal e outro na diagonal; todos os outros se encontram na horizontal. Também ocorre na mesma peça ter a aplicação de dois cordões (10-A-062, 11-A-004 e 10-A-132). Dos 24 fragmentos onde surge este motivo decorativo, apenas sete conciliam com outros tipos (com engobe, com incisões). Esta é, sem dúvida, a decoração com mais expressão, e que continua a ser, inclusivamente, utilizado atualmente.

A decoração pode também incluir a alteração de coloração, como a pintura, neste conjunto, monocromática, apenas com a utilização de pigmentos brancos ou como o engobe sobre as superfícies das peças.

Existem 18 peças com engobe, maioritariamente escuro, podendo no entanto assumir cores mais claras, desde o alaranjado, ao avermelhado até ao acastanhado. É uma característica da louça de mesa, estando associada aos púcaros, às jarrinhas, às bilhas, aos pratos, mas também patente em alguidares e nos potes. Desta maneira, o engobe assume uma dupla função, como caráter estético, mas essencialmente, funcional, servindo de impermeabilizante para as formas que contêm líquidos. Em doze peças surge conjuntamente com outros tipos decorativos (com aplicação de cordão plástico, brunida, incisa, com punções, com pintura a branco).

Neste conjunto, a pintura está presente em treze peças, obtida através da utilização de pigmentos brancos para pintar as superfícies. Exceptuando dois casos, aparece acompanhada de outros padrões decorativos, e tem maior incidência no serviço de mesa. A orientação da decoração tanto pode ser vertical como horizontal, havendo inclusive um púcaro (10-A-131) em que é na diagonal. Adicionalmente, pode ser em linha reta horizontal, em banda de uma (a mais utilizada), duas ou três linhas brancas. Menos expressa encontra-se a linha ondulada, com apenas dois casos (10-A-082 e 11-A-020). Este grupo de cerâmicas pintadas apresenta

uma asa de uma bilha em particular (11-A-019) com uma “pseudo-inscrição” de tipo profilático.

Nas cerâmicas islâmicas, a decoração predominante é a pintura em banda branca, podendo assumir várias formas geométricas, normalmente através de uma sequência de duas, três ou quatro bandas verticais, horizontais e diagonais, ou onduladas (FERNANDES, 2004: 180).

Esta técnica decorativa pode ser encontrada com mais frequência no sul do Gharb al-Ândalus, como por exemplo, em Silves e Mértola, que correspondem ao período que vai desde o século VIII/IX, altura da entrada na Península Ibérica dos muçulmanos, sendo, no entanto, sobretudo a partir do século X, que ocorre com mais assiduidade, devido à ampla divulgação geográfica, à inovação, aos novos valores culturais, ou seja, ao processo de islamização da produção cerâmica local. Este tipo decorativo sobrepôs-se a todas as outras técnicas ornamentais do sudoeste peninsular durante o período do domínio islâmico (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: 562). Para além, das cidades do sul, surge identicamente em sítios onde a influência islâmica foi menos duradoura e intensiva, como em Coimbra (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 347).

Por sua vez, também há decorações associadas ao período medieval cristão como é o caso das asas puncionadas e golpeadas em peças de núcleo cinzento, enquadrados normalmente nos séculos X-XII.

Porém, no conjunto de materiais analisado verificamos, por um lado, a utilização de técnicas de decoração mista, que conciliam a decoração puncionada ou golpeada, de influência cristã com a pintura a branco, associada à fase islâmica, e, por outro lado, peças de perfil islâmico com decoração cristã como é o caso da jarrinha (11-A-015). A explicação poderá resultar da convivência de grupos sócio-culturais distintos, mas em sintonia com os mesmos modelos de consumo cerâmico de produção local ou regional, já que estamos numa região de “fronteira”.

Também em Coimbra já foram encontradas e publicadas peças de perfil islâmico com motivos decorativos cristãos e vice-versa. O que confirma a posição geográfica de Coimbra na “Marca Inferior” (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 347-355).

A maioria das cerâmicas permitiu o encontro de paralelos, tratando-se de peças de fabrico comum, com ausência de vidrados, que aparentam uma cronologia entre os séculos IX-XI/XII, com muitas equivalências formais, decorativas e de fabrico para outras regiões peninsulares. As decorações confinam, para além do seu valor estético e cultural, um aspeto

funcional. Assim, a decoração encerra um carácter utilitário, ou seja, beneficia a função da peça, como acontece, no caso de recipientes que servem para guardar líquidos, por exemplo as bilhas e as jarrinhas, em que as superfícies são engobadas e/ou brunidas, com o intuito de as impermeabilizar. Outro exemplo, é o da aplicação de cordões de barro nas superfícies das peças, que têm função decorativa e de reforço das paredes.

5.4. Análise do conjunto

A cerâmica é reflexo dos hábitos da sociedade que a fabrica e utiliza, empregue nas mais diversas atividades da vida quotidiana: para podermos beber, comer, cozinhar, transportar, guardar e, inclusivamente, para construir. A produção cerâmica é, normalmente, em série, seja em olarias locais ou regionais, seja importada de áreas geográficas mais distantes do local de consumo. O resultado dessa análise possibilita tirar ilações, informações sobre o método de produção, de distribuição, a época de fabrico, mas sobretudo, a base económica do povo que a fabricou, de acordo com a qualidade e a variedade morfológica da mesma. Deste modo, através da observação e do estudo dos aspetos formais, funcionais e decorativos, conseguimos, juntamente com apoio bibliográfico de paralelos, responder a algumas questões colocadas no início de um estudo cerâmico.

Assim, é essencial a investigação dos artefactos exumados em escavações, independentemente do tipo de projeto arqueológico, para que se possa contextualizar o sítio nas suas múltiplas valências cronológicas, funcionais e culturais, de modo a não ficar esquecido o quotidiano das populações que aí habitaram. É preciso, portanto, haver após um trabalho de campo, uma posterior investigação de gabinete, imprescindível para um apoio de base para outras investigações, permitindo comparações e confirmando, ou refutando, a periodização e o tipo de ocupação propostas.

Contudo, neste estudo, à falta de uma informação detalhada dos contextos de ocupação medieval, apenas podemos referir que as cerâmicas desta época se encontravam em níveis superficiais e de revolvimentos, pelo que a análise se centrou mais na pesquisa de paralelos. Estes, porém, nem sempre conseguem responder às dúvidas colocadas inicialmente.

De referir que, em cada lugar, podemos encontrar fabricos locais, ou seja, cerâmica comum. Por um lado, esta aparece em maior quantidade, nos mais diversos e distantes sítios, no entanto, revelando datações apenas aproximadas. Por outro lado, também existem peças utilizadas durante um amplo período, sem características específicas evidentes, tornando difícil a atribuição de uma cronologia muito segura, sem o recurso a análises microscópicas e químicas (TENENTE, 2010: 70).

O mesmo sucede nos padrões decorativos. Por exemplo, a aplicação de cordões plásticos digitados, ou não, nas paredes de recipientes de maiores dimensões começou a ser usual na cerâmica medieval cristã, com a finalidade, por um lado, de facilitar a sua utilização

e, por outro, de “*diminuir os inconvenientes do choque mecânico da peça*” (BARROCA, 2012: 100-102). Todavia ainda hoje, é possível ver a aplicação desse motivo decorativo.

É, pois, muito importante que se proceda à investigação, o mais exaustiva possível, de acervos cerâmicos, pois isso pode permitir a identificação das diferentes fases de ocupação de um arqueossítio e respetivos contextos, de forma a obter-se uma leitura sincrónica e diacrónica do mesmo.

Consideramos, assim, serem fulcrais os estudos cerâmicos, como o presente, que abarca o conjunto material medieval do sítio arqueológico de Santa Olaia, que ainda não tinha sido alvo de investigação. O mesmo não acontecendo para o espólio enquadrado nas fases pré-romanas, já amplamente divulgado, seguramente devido à importância da sua ocupação fenícia e, precisamente, por ser o “*primeiro sítio orientalizante identificado em Portugal*” (MARTINS, 2012: 20).

Deste modo, pareceu-nos enriquecedor debruçarmo-nos sobre a época medieval, cristã e islâmica, de forma a revelar a função habitacional e/ou defensiva que Santa Olaia deteve durante a fase de Reconquista. Esta fase foi marcada por alternância de poderes entre cristãos e muçulmanos, sendo que Santa Olaia continua a ter a função de castelo na época imediatamente posterior à Reconquista, acabando por ser abandonado em data incerta, mas seguramente nos séculos XII-XIII, atendendo a algumas das cerâmicas mais tardias identificadas nas escavações. Atualmente, para além dos vestígios pré-romanos, apenas restam ténues estruturas medievais, compostas por muros e tramos de muralhas, incluindo duas torres, como também a capela de Santa Eulália, no cimo desse planalto.

Pela dimensão do conjunto, acreditamos que, na Idade Média, aí se tenha estabelecido um grupo reduzido de habitantes porque, caso contrário, isso se refletiria na maior quantidade e diversidade de vestígios habitacionais e cerâmicos. Mas, sobretudo, Santa Olaia serviu como defesa durante a fase da Reconquista, era a atalaia de Montemor-o-Velho e de Coimbra, protegendo o vale do Mondego, devido à sua posição geográfica estratégica sobre o rio e o litoral.

A posição estratégica de Santa Olaia está bem patente, desde a Idade do Ferro, com uma ocupação que pode remontar aos séculos IX-VIII a. C. (PEREIRA, 2012: 117), estando erigida num ilhéu, facto que permitia a circulação marítima, com a finalidade de realizar trocas, entre o interior beirão e o litoral com vista ao comércio com o Oriente.

Essa posição estratégica manteve-se na Idade Média, não só em relação ao rio e ao litoral, apesar das alterações da linha de costa e do vale do Mondego, mas também em relação

ao seu posicionamento de “fronteira” entre cristãos e muçulmanos. E esta realidade está presente no conjunto do material arqueológico exumado durante as escavações.

Assim, é exequível dividir as cerâmicas em dois grupos distintos:

1. O primeiro, composto por cerâmicas próprias do “mundo” cristão, altomedieval. São caracterizadas pelas superfícies de tonalidades escuras, normalmente, de núcleo cinzento, resultado de cozeduras redutoras, obtidas através de um processo de pouca entrada de oxigénio no forno. É um grupo homogéneo, com pouca variedade formal, em que se verifica, tal como em outros sítios da mesma época, uma “*redução drástica da qualidade*” (BARROCA, 2012: 100). Por sua vez, em termos decorativos, encontramos peças de maior dimensão com aplicação de cordões plásticos, de “*forma a facilitar o manuseamento da peça*” (IBID: 101); as asas das panelas, das bilhas e de outros recipientes são golpeadas e puncionadas, aspeto que, segundo Adriaan de Man, se deve à necessidade de suportar maiores pressões, defendendo, inclusivamente, que “*os golpes podem atestar um puro recurso tecnológico, sem causas imediatamente estéticas*” (DE MAN, 2006: 162).

2. O segundo, composto por cerâmicas de pastas de núcleo redutor ou oxidante, mas de superfícies oxidantes, castanhas, avermelhadas e, sobretudo, alaranjadas, que se filiam nas produções islâmicas. Por sua vez, apresenta um maior cuidado no fabrico, as superfícies são mais alisadas e regulares, de tonalidades homogéneas. Atendendo ao ponto de vista formal, à introdução de novas formas, como sendo o caso das jarrinhas, de perfil peculiar, de colo cilíndrico reto e corpo globular e a diminuição das formas abertas (CATARINO, 2012: 102). Em termos decorativos encontram-se ausentes os vidrados, frequentes a partir do período califal, que correspondem aos séculos X/XI. Todavia, ainda incluído neste período, o conjunto abarca alguns fragmentos com pintura em banda branca, em linha reta e ondulada na vertical, mas principalmente na horizontal, sobre superfícies engobadas, como é o caso das jarrinhas e dos púcaros. Consiste num grupo mais apurado, em que se verifica uma maior preocupação com o produto final da peça.

No que diz respeito ao repertório formal, este conjunto engloba uma maior expressividade e diversidade de formas fechadas (panelas, panelas/potes, bilhas, cântaros,

púcaros, púcaros/jarro, potes, jarrinhas), sendo que algumas são tipicamente cristãs (*vide* 11-A-028, 11-A-002) e outras islâmicas (*vide* 10-A-123, 11-A-019). Para as primeiras, verifica-se claramente nos perfis das panelas e dos potes em “S”, de bordos extrovertidos e colos estrangulados. Para as islâmicas, as jarrinhas são as peças mais claramente islâmicas, tanto pela pasta e superfícies alaranjadas, como pelo perfil de colo cilíndrico e decoração (*vide* 10-A-031). Outras, porém, como os púcaros, podem revelar a dupla influência, cristã e islâmica, devido à conciliação de decoração puncionada (nas asas) e com pintura a branco nas superfícies engobadas (*vide* 10-A-131).

Menos significativo é o conjunto de formas abertas (alguidares, pratos e tigelas), no qual são mais evidentes as peças relacionadas com o “mundo” cristão (*vide* 11-A-006) e menos expressivas as influências islâmicas (*vide* 10-A-058).

A análise nem sempre permitiu, porém, a definição formal porquanto muitos fragmentos se reduziram a paredes e asas (gráfico 7), com ausência de características distintivas, e suas reduzidas dimensões. Assim, a elevada percentagem de materiais de forma indeterminada reduz, conseqüentemente, o número de formas identificadas, e desta maneira, circunscreve a variedade tipológica.

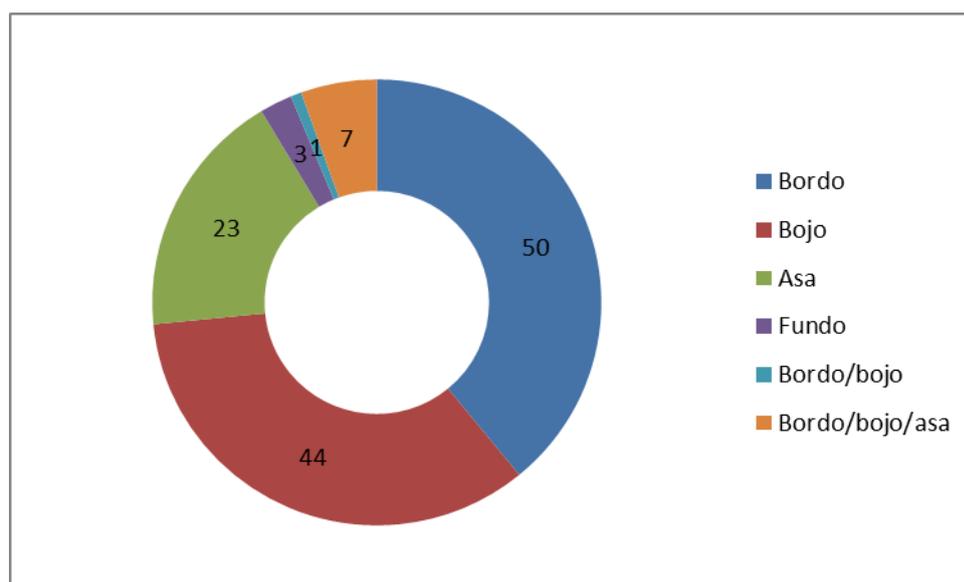


Gráfico 7: Divisão do objeto nas diferentes componentes.

Contudo, foi difícil individualizar as formas, porque o perfil das cerâmicas pode ser semelhante em recipientes diferentes e com funções desiguais, um exemplo expressivo desta situação está patente na dupla funcionalidade das panelas/potes, que apesar de não apresentarem marcas de fuligem, facto que sucede na louça de ir ao lume, podem ter um diâmetro que se insere em ambos os grupos.

Do mesmo modo, houve dificuldades na distinção de fabricos a torno lento (torneta) e a torno alto, não tendo sido realizada a separação entre os dois. Também não foram efetuadas análises microscópicas das pastas; mas, neste caso, identificaram-se vários elementos não plásticos na sua constituição, sendo os principais, a presença de elementos micáceos e de quartzo. Estes elementos ajudam a compreender e delimitar geograficamente as produções locais e regionais, distinguindo-as de fabricos exógenos, como por exemplo, as cerâmicas oxidantes islâmicas, certamente importadas.

Para os tipos de fabrico constatou-se uma maior presença de cozeduras com arrefecimento oxidante (71%), dos quais 35% têm núcleo e superfícies castanhas, avermelhadas ou alaranjadas e 36% apenas o arrefecimento oxidante. Analisando as cozeduras redutoras (65%), apenas 29% correspondem a núcleo e superfície cinzenta, sendo os restantes 36% de núcleo cinzento e superfícies claras.

Quanto ao tratamento de superfícies, podemos verificar que a maioria se apresenta apenas alisada, sendo que dezoito fragmentos apresentam engobe, oito têm polimento e apenas quatro são brunidas. É relevante salientar que aparecem vestígios de queimado em cinquenta e nove fragmentos, que incluem tanto peças de cozinha, sujeitas a lume e ao fogo, como de mesa. Neste último caso, podemos inferir que as mesmas também serviram para cozinhar, ou que estiveram sujeitas ao fogo.

Todos estes aspetos acima referidos são importantes para a análise das cerâmicas. Como referem Vicente Salvatierra Cuenca e Juan Carlos Castillo Armenteros (1999: 30), para o estudo de materiais arqueológicos é essencial que se estabeleçam como paralelos não só o conjunto material propriamente dito, como também o contexto arqueológico em que este se insere, o tipo de estruturas com que se relaciona, o tipo de sedimentos e a diversidade de objetos associados, de forma a podermos apoiar e extrair conclusões históricas. Neste sentido, apesar de os contextos arqueológicos e o tipo de estruturas e sedimentos não ter sido fácil de perceber através dos dados que tínhamos disponíveis, conseguimos, pelo estudo e pesquisa de paralelos, identificar o enquadramento cronológico, comparando o espólio de Santa Olaia com o de outros sítios arqueológicos.

Para isso, a nossa pesquisa revelou-se produtiva pois conseguimos encontrar um significativo número de paralelos formais e decorativos, tanto no norte cristão como no sul islâmico. Contudo, devido à proximidade geográfica de Santa Olaia com Coimbra e Conímbriga (as conhecidas “Grés”) consideramos mais relevante a similitude entre as cerâmicas destas duas cidades e as por nós analisadas.

Para as cerâmicas medievais cristãs focamo-nos essencialmente em Conímbriga, onde existem materiais com perfil e decoração semelhante aos de Santa Olaia, neste caso, incisa, puncionada, golpeada, ou com aplicação de cordão plástico digitado (ALARCÃO, 1975: planche XLVII, 3; planche XL, 786; planche L, 911A, 913 e 915). Também em Coimbra, foram publicados vários materiais que apresentam perfil e decoração similar aos de Conímbriga e aos por nós estudados. Neste caso podemos apontar sobretudo o conjunto das panelas de perfil em “S” e das bilhas. Do ponto de vista decorativo, as peças com asas puncionadas e com pintura a branco na pança refletem a dupla influência cristã e islâmica, e a “*posição geográfica de Coimbra na fronteira da Marca Inferior*” (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 355). Mais a norte, no arqueossítio do Baldoeiro (na região do Moncorvo), encontramos muito exemplares para a cerâmica de pasta de núcleo cinzento, com decoração através da aplicação do cordão plástico digitado. Tal como Santa Olaia, este povoado teve uma ocupação até ao século XII, inícios do século XIII (RODRIGUES, 1994: 8).

Para as cerâmicas islâmicas, os paralelos também se encontram nas cidades supracitadas, Coimbra e Conímbriga, mas sobretudo no sul Gharb al-Ândalus, onde seriam produzidas. Em Mértola, com um vasto acervo cerâmico estudado, foi possível encontrar paralelos formais para as bilhas, para os púcaros e para as jarrinhas e decorativos para as formas com presença de pintura em bandas brancas horizontais e onduladas no colo, nas asas e no bojo (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 2004: CR/PT/0025).

Por fim, conjugando os paralelos encontrados com os dados estratigráficos disponíveis, e apesar de algumas camadas serem de revolvimentos, nomeadamente pela prática de agricultura, foi possível aferir cronologias.

Das 132 peças estudadas, apenas 5 indicavam o nível estratigráfico de proveniência: ao nível 1 correspondem três fragmentos, uma asa golpeada, um de bojo pertencente a uma forma indeterminada, com engobe e pintura em banda branca, e fragmentos de jarrinha (10-A-080, 10-A-124 e 10-A-129); ao nível 4, pertencem a bilha (10-A-120) e o púcaro (10-A-131). Para o primeiro nível, a asa golpeada poderá ser um indicador da fase final da ocupação do sítio; contudo, aparecem também aí, cerâmicas de filiação islâmica. Para a camada inferior (nível 4), as asas com pequenas punções, tanto na bilha como no púcaro, assim como as suas características formais e a decoração pintada (púcaro), podem remeter-nos para uma cronologia mais recuada, entre os séculos IX-X a XI.

Apesar da exígua indicação estratigráfica, o conjunto analisado pode enquadrar-se, pelos paralelos encontrados, num especto cronológico entre os séculos IX-X e XII-XIII. O

primeiro grupo representado inclui alguidares, tigelas, potes e panelas, com cronologias em torno do século IX-X. Como também, os púcaros e as jarrinhas de colos cilíndricos encontram paralelos em contextos emirais e califais.

Por outro lado, entre as peças de cronologia mais avançada, correspondentes aos séculos X-XIII, incluem as panelas e os potes de perfil em “S” encontrados também no sítio do Baldoeiro, em Moncorvo, em Conímbriga e em Coimbra, ou seja, sobretudo no norte peninsular cristão, correspondendo à fase da Reconquista.

Por fim, este momento final parece corresponder à data histórica do sítio, visto que, pelas indicações documentadas, no início do século XII, mais precisamente em 1122, a pedido de D. Teresa, o castelo estava restaurado. Todavia, após a construção do Castelo de Leiria, em 1135, o Castelo de Santa Olaia deixa de exercer a sua função de defesa, até porque nessa data, a linha fronteira se localizava mais a sul, na bacia do Tejo.

6. Conclusões e Propostas de Dinamização

A análise deste acervo cerâmico enriqueceu-nos em vários aspetos, dado que com a realização do estágio foi possível pôr em prática todos os passos necessários aquando de uma análise cerâmica, desde a marcação, a inventariação, a colagem e a catalogação das peças, preparando-as para uma exposição. O estudo cerâmico teve, não só, como objetivo principal o conhecimento dos hábitos quotidianos das populações que usufruíram deste lugar, como também datar o momento da sua deposição, ou seja, da ocupação e abandono medieval de Santa Olaia.

Inicialmente, tinham sido apenas selecionadas as cerâmicas exumadas por Santos Rocha; contudo, verificou-se que seria mais proveitoso incluir os restantes materiais provenientes das escavações mais recentes. Deste modo, alguns dos materiais que Santos Rocha identificou como sendo de época luso-romana e da Idade do Ferro, foram agora reclassificados como pertencendo ao “mundo” medieval, devido à forma e à típica decoração que apresentam. Contudo, já na época das primeiras escavações, Santos Rocha tinha identificado algumas cerâmicas como sendo medievais e inclui-as no respetivo catálogo (ROCHA, 1905-1909: n.º 2659, 4083, 6681, 6682, 6696 e 6700). Porém, quando tentámos estudá-las não as encontramos nem em exposição, nem nos acervos do Museu⁴⁸.

Assim, a presença de cerâmica medieval cristã e de filiação islâmica em Santa Olaia, demonstra bem a ocupação do sítio neste período, facto já percecionado por Santos Rocha quando refere a sobreposição dos povoados que aí encontrou: “*as estações acumuladas na área da exploração são actualmente seis (...)*” (ROCHA, 1971: 26), mais especificamente, “*da segunda idade do ferro, epocha luso carthagineza, e a seguir, para a superfície, uma camada de restos romanos, e por último ruínas de construções que pertencem à Idade Média*” (IBID, 1906: 84). Na verdade, o autor apenas não menciona a primeira Idade do Ferro, com a ocupação fenícia, única época considerada por Ana Margarida Arruda, quando afirma que “*a ocupação de Santa Olaia é, assim, na totalidade, da Idade do Ferro, estando intimamente relacionada com a presença de colonizadores fenícios na fachada atlântica da Península Ibérica*” (ARRUDA, 2012: 305).

Na época medieval, Santa Olaia não terá sido um grande aglomerado populacional, mas sim um ponto estratégico da defesa do litoral e do Mondego. No entanto, para esta época

⁴⁸ Possivelmente, pelo facto de as etiquetas de marcação se terem descolado dos fragmentos, ou por os mesmos pertencerem ao conjunto que está no Museu Nacional de Arqueologia.

estão relacionadas marcas de tramos de muralha, muros e duas torres de planta quadrangular, conforme se pode verificar na planta (*vide* anexo 2, planta 1, extraído de PEREIRA, 2012: 126).

Analisando, por sua vez, a produção cerâmica medieval verificamos um predomínio de formas de fechadas, de cozeduras redutoras, porém, com uma pós-cozedura oxidante, que podemos agrupar do seguinte modo:

1) o primeiro grupo é marcado por cerâmicas medievais cristãs, sobretudo, por recipientes para confeccionar e conservar os alimentos, de pastas e superfícies cinzentas, fabricadas num ambiente redutor, no local de consumo ou nesta região, para a satisfação das necessidades diárias. Por um lado, consiste num conjunto homogêneo pela pouca variedade formal que o compõe; mas, por outro lado, possui pastas heterogêneas, de tonalidades e superfícies irregulares, sem grandes acabamentos finais, em que a decoração normalmente é composta por linhas incisivas, pequenas punções ou golpes nas asas e aplicação do cordão plástico nos recipientes de maiores dimensões, frequentes no Norte Peninsular;

2) o segundo grupo é caracterizado pelas cerâmicas islâmicas, engloba pastas oxidantes, maioritariamente, de núcleo alaranjado, com superfícies polidas, engobadas e pintadas em bandas a branco, revelando um melhor aperfeiçoamento no fabrico, possivelmente importadas do sul do Gharb al-Ândalus, que se enquadram nas épocas emiral/califal e reinos de taifas, ou seja, nos séculos IX-XI;

3) o terceiro grupo consiste na coexistência de particularidades de filiação cristã e islâmica, visto termos neste conjunto variadas formas com decoração pintada e com puncionamentos nas asas, tal como acontece em Coimbra (CATARINO, FILIPE e SANTOS, 2009: 355).

Apesar da escassa informação estratigráfica, já Santos Rocha nos informava que a camada superior do terreno continha terras escuras, com abundantes materiais romanos (certamente incluindo neles os medievais) e que “*os rudes guerreiros da Idade Média aproveitavam o lugar como ponto estratégico*” (ROCHA, 1971: 24). Por outro lado, e tendo em consideração o estudo das cerâmicas e a evidência de tramos de muralha medieval, foi possível confirmar a ocupação nesse período, embora a delimitação cronológica que propomos, à falta de contextos seguros⁴⁹, seja feita apenas através do estabelecimento de paralelos em conjuntos cerâmicos idênticos, provenientes de sítios geograficamente mais ou

⁴⁹ Como referem Vicente Salvatierra Cuenca e Juan Carlos Castillo Armenteros (1999: 29), a cerâmica consiste na “*interpretação dos contextos arqueológicos no sentido histórico*”.

menos próximos, e sobretudo, Conímbriga e Coimbra, que agrupam os três grupos de cerâmicas acima referidos.

Deste modo, com base no conjunto cerâmico e nos seus paralelos, julgamos que estamos perante um espectro cronológico datado, genericamente, entre os séculos IX/XI até aos séculos XII/XIII. Para a primeira cronologia apontada tomámos como referência as cerâmicas enquadradas na matriz islâmica, as peças com asas levemente puncionadas, com decoração incisa e com decoração mista (puncionada e pintada). Por sua vez, a última cronologia abrange as cerâmicas com asas golpeadas, as panelas de bordo mais moldurado e todas as cerâmicas de pastas e superfícies cinzentas, que caracterizam o período medieval cristão pós Reconquista.

Estas cronologias parecem coincidir com as fases de conquista e reconquista da “linha” do Mondego, consumada em definitivo no século XI. A primeira referência ao castelo data do século IX, quando o Rei de Leão o conquista, em 848; no século XI, depois da reconquista de Coimbra, não há informações sobre o castelo mas, em 1121, terá sido tomado pelos muçulmanos, para logo voltar à posse cristã. Ainda de acordo com a documentação, no século XII, o Castelo de Santa Olaia foi doado por D. Teresa, em 1122, ao conde Fernando Peres de Trava; posteriormente, em 1166, D. Afonso Henriques doa-o ao Mosteiro de Santa Cruz (LARCHER, 1935: 401-423), sendo que o seu abandono deve ter começado nos finais deste século ou inícios do seguinte, o que estará de acordo com as cerâmicas mais tardias aí identificadas.

Deste modo, com este trabalho pretendemos sistematizar alguns conhecimentos sobre as cerâmicas medievais de Santa Olaia, embora outras questões tenham ficado por esclarecer, nomeadamente pelo facto de não ter sido tratado todo o espólio (cerâmicos, metais e outros). Afinal esta é a primeira abordagem na análise das cerâmicas medievais de Santa Olaia, que esperamos contribua para uma melhor preparação para trabalhos futuros.

É sobejamente conhecido o papel de Santa Olaia na Idade do Ferro, mas o seu castelo também teve um papel fulcral na época da reconquista cristã e na fundação da nacionalidade, com um amplo domínio desde Arazede à Murtinheira (*vide* anexo 2, fotografia de satélite 3), devido às características estratégicas do local, permitindo a vigilância dos movimentos da reconquista, protegendo a zona do Baixo Mondego, tal como Montemor-o-Velho, Coimbra, Ega e Condeixa-a-Velha/Conímbriga (*vide* anexo 2, fotografia de satélite 4).

Em suma, Santa Olaia é um sítio rico em património natural e cultural, que tem vindo a ver o seu passado cada vez mais danificado, devido às condições naturais a que está sujeito,

das quais destacamos a humidade, a temperatura e a poluição, mas sobretudo à ação humana, dado que houve um aproveitamento de pedras, sobretudo do castelo, para outras construções (por exemplo, Ponte do Barco e da Capela de Santa Eulália). Também a criação de infraestruturas, como as estradas que estabelecem a ligação entre Coimbra e Figueira da Foz, provocaram graves danos, neste caso incluindo nos vestígios da Idade do Ferro. Por isso, torna-se crucial delimitar a área, limpar a estação, sem comprometer a cobertura vegetal, estudar o espaço com uma equipa interdisciplinar que analise o sítio e crie novas dinâmicas para que receba cada vez mais visitantes e atividades, mas sobretudo, para que não se perca mais informação de um lugar tão importante.

.....

Por fim, considerando a importância desta estação não podemos deixar de tecer algumas notas finais. Pelo estado de degradação em que Santa Olaia se encontra no presente torna-se impreterível a sua conservação e manutenção, com o objetivo de receber cada vez mais visitantes. Para isso é necessário reunir um conjunto de condições para possibilitar a sua “rentabilização” enquanto espaço arqueológico e educativo que interage com a sociedade na qual se insere.

O primeiro passo a ser dado nesse sentido será a criação de uma equipa multidisciplinar, constituída por arqueólogos, historiadores, botânicos, geólogos, técnicos de turismo, técnicos de conservação e restauro, entre outros profissionais. Essa equipa deverá articular-se com os poderes administrativos locais, com a Quinta de Fôja, com o Museu Municipal Dr. Santos Rocha e a própria Câmara Municipal da Figueira da Foz, de forma a reabilitar o local.

Os profissionais acima referidos poderão elaborar um projecto em que se inclua a criação de estruturas de acesso, conservação e vigilância. Referimo-nos especificamente a instalações sanitárias, melhoria das passagens que permitem o acesso ao local, de maneira a possibilitar/ facilitar a visita a qualquer cidadão, independentemente das suas condições físicas/ motoras. Para apelar a população julgamos que a instalação de um parque de estacionamento, de uma ciclovia que se estenda de Quinhendros até ao *terminus* de Santa Olaia, com possível prolongamento com Ereira e/ou Maiorca. Esta estrutura de lazer possibilita o reaproveitamento de estruturas já existentes e proporciona a conjugação da vertente desportiva, à vertente ambiental e cultural.

Tendo em conta que as últimas intervenções, realizadas na década de 90, as estruturas postas a descoberto apresentam desgaste próprio do contacto com os fatores de ordem natural (humidade e temperatura) e antrópica, torna-se fulcral a limpeza das estruturas e respetiva consolidação, ou até mesmo o levantamento de alguns muros através da utilização de materiais compatíveis e existentes no local. A identificação através de sinalética (que não seja produzida em materiais perecíveis) que possua uma linguagem comum para que o visitante consiga interpretar o complexo arqueológico e as suas várias ocupações.

Atendendo que, por vezes, a população mais jovem tende a não valorizar o legado patrimonial da sua terra, é importante intensificar a vigilância do espaço como forma de prevenção a atos de vandalismo, incluindo a vedação deste lugar.

A parceria com as instituições locais acima referidas, assim como com instituições de solidariedade locais, associações recreativas e ou desportivas, as escolas, os lares, vai proporcionar uma maior divulgação/ conhecimento do papel determinante que Santa Olaia teve no dinamismo ocupacional/ comercial das povoações que constituem a planície do Baixo Mondego.

Para complementar essa ligação com a comunidade local, poderia ser criado um centro educativo, que se instalaria na capela de Santa Eulália, contudo seria necessário realizar obras de recuperação que possibilitassem essa atividade. Desta forma, para além de um centro educativo, temos a presença religiosa associada (ainda que só do ponto de vista estrutural).

Ao reaproveitar esse mesmo edifício será possível a realização de exposições de materiais ou fotográficas, de palestras, de visitas de estudo e de outras atividades que permitam o conhecimento, não só do espólio material, como também do património imaterial/ paisagístico.

Para rematar esta ideia, e tendo em conta que a informática é uma ferramenta essencial para a divulgação de projetos e ideias, a criação de um site interativo, iria permitir conhecer Santa Olaia nas suas várias fases ocupacionais, através de recriações em 3D, acompanhadas de textos, fotografias e de outros elementos que ajudem a compreender a evolução da paisagem ao longo do tempo.

Claro está que estas infraestruturas de apoio antes de serem implementadas devem ser sujeitas a um estudo que permita perceber o quanto podem interferir com a estabilidade do complexo arqueológico em si.

Estas são algumas iniciativas que consideramos pertinentes, não só para incentivar o turismo na região, mas também para que se criem postos de trabalho, para um incentivo à economia local.

7. Bibliografia⁵⁰

- ALARCÃO, Jorge de (1974) – “Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga”, Suplemento da *Biblos*, nº 8, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (1975) – “La céramique commune locale et régionale”, *Fouilles de Conímbriga*, Volume V, Paris, Mission Archéologique Française au Portugal, Musée Monographique de Conímbriga.
- ALARCÃO, Jorge de, ETIENNE, Robert (1976) – “Céramiques diverses et verres”, *Fouilles de Conímbriga*, Volume VI, Paris, Mission Archéologique Française au Portugal, Musée Monographique de Conímbriga.
- ALARCÃO, Jorge de (2004) – “In Território Colimbrie: Lugares Velhos (e alguns deles deslembados do Mondego)”. In *Trabalhos de Arqueologia*, nº 38, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- ALVES, Victor F. S. Simões (1984) – “Aspectos da colonização púnica no território português. O “Castro” de Santa Olaia”. In *Beira Alta*, Viseu, nº 43, 1-2, pp. 159-169.
- ANDRADE, António Correia da Fonseca (1898) – “Em que se trata do Castello de Santa Olaia, Governadores e Alcaldes mores que teve, e noticias de quem eram, e suas qualidades”. In *Collecção de Elementos para a História do Concelho da Figueira*, 1ª parte, Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, Bibliotheca da “Gazeta da Figueira” I, pp. 86-89.
- ANDRADE, António Correia da Fonseca (1898) – “Em que se dá noticia do como se arruinou o celebre e antigo Castello de Santa Olaya e da causa que houve para se fazer a ponte do Barco”. In *Collecção de Elementos para a História do Concelho da Figueira*, 1ª parte, Figueira da Foz: Imprensa Lusitana, Bibliotheca da “Gazeta da Figueira” I, pp. 90-92.
- ARRUDA, Ana Margarida (2012) – “Santa Olaia”. In *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Coord. Jorge de Alarcão e Mário Barroca, Porto: Figueirinhas, pp. 305.
- AZEVEDO, Pedro (1908) – “O Castello de Santa Eulalia”. In *O Archeologo Português*, vol. XIII, nºs 1 a 6, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 67-75.
- BANHA, Carlos Manuel (1998) – “As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar”, In *Boletim Cultural Cira 7*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, (1995-1997), coord. Clara Frayão Camacho com a colaboração de Ana Cristina Calais e Maria Miguel Lucas, pp. 75-109.

⁵⁰ Por motivos profissionais, não foi possível recolher bibliografia além da que é referida no fim do trabalho. A maioria das referências citadas pode ser consultada no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e no MMSR.

- BARROCA, Mário Jorge (2005) – “O Castelo de Montemor-O-Velho nos séculos X a XIII”. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (séculos VIII a XIII)*, coord. Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina Fernandes, Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Palmela, pp. 111-121.
- BARROCA, Mário (2012) – “Cerâmica Medieval Cristã”. In *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Coord. Jorge de Alarcão e Mário Barroca, Porto: Figueirinhas, pp. 100-102.
- BASTOS, José Timóteo da Silva (1908) – “Dr. Augusto dos Santos Rocha”. In *Perfis de Intelectuais: visitas e passeios*, Lisboa: Ed. do A., pp. 199-209.
- BAZZANA, André (1992) - *Maisons d’Al-Andalus: habitat medieval et structures du peuplement dans l’Espagne Orientale*. Madrid: Casa de Velázquez, Volume 1 e 2.
- BUGALHAO, Jacinta, GOMES, Sofia e SOUSA, Maria João (2007) – “Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa Islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês)”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, número 1, volume 10, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 317-343.
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel; GOMES, Ana; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÁCIO, Isabel; LOPES, Gonçalo e SANTOS, Constança (2009) – “CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus”. In *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 10, Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve, (Silves – 22, 23 e 24 Outubro 2009), Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-476.
- CARTARIO, Luís de Abreu (1999) – “Sociedade Arqueológica da Figueira: Biografias dos Sócios”, In *Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: Centenário*, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, coord. Ana Margarida Ferreira e Ana Paula Cardoso, Figueira da Foz, pp. 93-127.
- CASTILLO ARMENTEROS, Juan Carlos e SALVATIERRA CUENCA, Vicente (1999) – “Sistematizaciones y tipologias: Viente años de investigación”. In *Arqueologia y Territorio Medieval*, nº 6, Jaén: Universidad de Jaén, p. 29-44.
- CATARINO, Helena (1988) – *Para o estudo da ocupação Muçulmana no Algarve Oriental (Concelhos de Alcoutim e Castro Marim)*, Prova de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [policopiado].
- CATARINO, Helena, (1997/98) – “O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados”. In *Al-‘Ulyã*, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, nº6, Vol.1 - 3, Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

- CATARINO, Helena (2008) – “Cerâmicas Islâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha”. In *Actas das 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu estudo*, (Tondela, 24-27 de Outubro de 2000), ED. Câmara Municipal de Tondela, Porto, pp. 33-48.
- CATARINO, Helena (2012) – “Cerâmica Medieval Islâmica”. In *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Coord. Jorge de Alarcão e Mário Barroca, Porto: Figueirinhas, pp. 102-107.
- CATARINO, Helena e FILIPE, Sónia (2005) – “Madinat Qulumbriya: arqueologia numa cidade da fronteira”. In *Al-Ândalus Espaço de Mudança. Balanço de 25 anos de História e Arqueologia Medievais*, Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen. Seminário internacional (Mértola, 16, 17 e 18 de Maio de 2005), Campo Arqueológico de Mértola (CAM), pp. 73-86.
- CATARINO, Helena, FILIPE, Sónia e SANTOS, Constança (2009) – “Coimbra Islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos”. In *XELB: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, nº 9 (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Ândalus; síntese e perspectivas de estudo), Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 333-378.
- COELHO, Catarina (2000) – “A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, número 1, Volume 3, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 207-225.
- CRUZ, Maria Das Dores, e CORREIA, Virgílio Hipólito (2007) - “Cerâmica utilitária: Arqueologia”. In *Normas de inventário*, Lisboa: Instituto de Museus e da Conservação, 1ª edição.
- CRUZ, P. Belchior da (1896) – “Museu Municipal da Figueira da Foz”. In *O Archeologo Português*, Collecção illustrada de Materiaes e Noticias, Museu Ethnográfico Português, vol.II, nº 10 e 11, pp. 234-236.
- DE MAN, Adriaan (2006) – *Conímbriga do Baixo Império à Alta Idade Média*, Lisboa: Ed. Sílabo.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2004) – *O Castelo de Palmela: Do Islâmico ao Medieval Cristão*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Edições Colibri.
- FERREIRA, Ana Margarida (1999) – “Santos Rocha e a Sociedade Arqueológica”, In *Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: Centenário*, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, coord. Ana Margarida Ferreira e Ana Paula Cardoso, Figueira da Foz, pp. 13-17.

- FERREIRA, Ana Margarida e CARDOSO, Ana Paula (1999) – “Catálogo”, In *Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910: Centenário*, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Coord. Ana Margarida Ferreira e Ana Paula Cardoso, Figueira da Foz.
- FUERTES SANTOS, M. del Camino; HIDALGO PRIETO, Rafael (2003) – “Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Córdoba”. In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica, Anejos de AEspA XXVIII*, Archivo español de Arqueología, Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 505-540.
- FUERTES SANTOS, M. del Camino (2010) – *La Cerámica Medieval de Cercadilla, Córdoba. Tipología, decoración y función*. Arqueología, Monografías, Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.
- GOMES, Rosa Varela (2004) – “Silves (Xelb) – Uma cidade do Gharb al-Andalus: a Alcáçova”. In *Trabalhos de Arqueologia*, nº 35, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (2004) – *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción y Comercio*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidad Complutense de Madrid [policopiado].
- GUERRA, António Victor (1959) – “O Outeiro de Santa Olaia e a Arqueologia Portuguesa”. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.1, (Lisboa, 15-20 de Dezembro de 1958), Instituto de Alta Cultura, pp. 397-399.
- GUERRA, António Victor (1971) – “O Outeiro de Santa Olaia e a Arqueologia Portuguesa (II)”. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.1, Coimbra: Junta Nacional da Educação, Ministério da Educação Nacional, pp. 305-306.
- GUERRA, António Victor, FERREIRA, O. da Veiga (1971) – “Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz”. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.1, Coimbra: Junta Nacional da Educação, Ministério da Educação Nacional, pp. 297-303.
- GUERRA, António Victor e FERREIRA, O. da Veiga, (1972) – “A importância da estação neolítica de Santa Olaia para o estudo do Neolítico em Portugal”. In *Arqueologia e História*, Série 9, vol.4, Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, Lisboa, pp. 49-59.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino e BENÉITEZ GONZÁLEZ, Carmen (1989) – “La cerámica Medieval de León”, In *La cerámica medieval en el Norte y Noroeste de la Península Iberica: aproximacion a su estudio*, Universidad de Leon, Secretariado de Publicaciones, pp. 211-260.

- GUTIÉRREZ Lloret, Sonia (1996) – *La Cora de Tudmir de la Antigüedad tardía al Mundo Islâmico: Poblamiento y Cultura Material*, Collection de la Casa de Velázquez 57, Madrid.
- LARCHER, Jorge das Neves (1935) – *Castelos de Portugal, Distrito de Coimbra*, Instituto Português de História, Arqueologia e Etnografia, Tipografia da Atlântida, Coimbra, Vol.II, pp. 401-422.
- LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia (1989) – “Notas sobre cerâmica medieval de la Provincia de Zamora”. In *La ceramica medieval en el Norte y Noroeste de la Peninsula Iberica: aproximacion a su estudio*, Leon, Universidad de Leon, Secretariado de Publicaciones, coord. José Avelino Gutiérrez González e Ramón Bohigas Roldán, pp. 261-284.
- LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia e NUÑO GONZÁLEZ, Jaime (2005) – “Cerâmicas pintadas andalusies en la ciudad de Zamora”. In *Al-Ândalus espaço de mudança. Balanço de 25 anos de História e Arqueologia medievais*, Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen. Seminário internacional, (Mértola, 16, 17 e 18 de Maio de 2005), Campo Arqueológico de Mértola (CAM), pp. 244-255.
- LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho (1875) – *Portugal Antigo e Moderno, Dicionario geográfico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, histórico, biográfico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Volume 5, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Cota d’Armas, pp. 507-523.
- LÓPEZ MULLOR, A., FIERRO MACÍA, J., ENRICH HOJA, J. Y J., SALES CARBONELL, J., HEREDIA BERCERO, J. B. de (2003) - “Cerâmica altomedieval en la provincia de Barcelona. Siglos VII – X”. In *Cerâmicas Tardorromanas y Altomedievales en la Península Ibérica, Anejos de AEspA XXVIII*, pp. 41-65.
- MACIAS, Santiago (1994) – “Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um estudo histórico e arqueológico”. In *Arqueologia Medieval*, volume 2, Campo Arqueológico de Mértola (CAM), Porto: Edições Afrontamento, pp.127-157.
- MADEIRA, José Luís (2002) – “O desenho na Arqueologia”, Cadernos de Arqueologia e Arte 5, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MARTÍNEZ PEÑÍN, Raquel (2007) – “La producción cerâmica medieval del Castrum Ludeorm (Puente Castro, León): análisis de los materiales de la campaña de 1999”. In *Arqueologia y Território Medieval 14*, Universidad de Jaén, pp.163-207.

- MARTINS, Ana Cristina (2012) – “António Augusto dos Santos Rocha (1853-1910) e a Arqueologia na viragem do novo século”. In *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu tempo*, Coord. Raquel Vilaça e Sónia Pinto, Figueira da Foz, Edição Casino Figueira, pp. 13-39.
- MATOS, José Luís de (1991) – “Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila”. In *Actas do IV Congresso - Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola (CAM), (Lisboa, 16-22 de Novembro 1987), pp. 429-456.
- MOTOS GUIRAO, Encarnación (1991) – *El Poblado Medieval de “El Castellón” (Montefrío, Granada), Estudio de sus materiales*, Monografía Arte y Arqueología, Granada: Universidad de Granada.
- MOTOS GUIRAO, Encarnación, (1993) – “La cerâmica altomedieval de “El Castellón (Montefrío, Granada)””. In *La cerâmica altomedieval en el sur de Al-Andalus, Monografía Arte y Arqueología*, Universidad de Granada, Disputación provincial de Granada, Ayuntamiento de Salobreña, Granada, pp. 207-237.
- OLMO ENCISO, Lauro (1986) – “Cerâmica común de época hispano musulmana en Niebla”. In *Segundo Coloquio Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, (Toledo em 1981), Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, 1ª ed. Madrid, Coord. Juan Zozaya, pp.135-139.
- PEREIRA, Isabel (1984) - *Relatório de escavações, Santa Olaia*, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz.
- PEREIRA, Isabel (1988) - *Relatório de escavações, Santa Olaia*, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz.
- PEREIRA, Isabel, (1993) – “Figueira da Foz. Santa Olaia”. In *Estudos Orientais: os Fenícios no território português*, Instituto Oriental, Universidade Nova de Lisboa, Vol. 4, Lisboa, pp. 285-304.
- PEREIRA, Isabel (1994) – *Idade do Ferro: Catálogo*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais, Museu, pp. 41-60.
- PEREIRA, Isabel (1996) – “Santa Olaia”. In *De Ulisses a Viriato, O primeiro milénio a. C.*, Jorge Alarcão (ccord.), Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 60-65.
- PEREIRA, Isabel (Coord.) (1998) – “Trabalhos Arqueológicos de emergência em Santa Olaia e Ferrestelo (Figueira da Foz). In *Intervenção arqueológica de emergência em Santa Olaia e Ferrestelo (Figueira da Foz)*, vol.1 [unpublished site report].

- PEREIRA, Isabel (2009) – “As actividades metalúrgicas na I.^a e II.^a Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz”. In *Conimbriga XLVIII*, pp. 61-79.
- PEREIRA, Isabel (2012) – “Santos Rocha e o estudo da Idade do Ferro em Portugal”. In *Santos Rocha, a Arqueologia e a Sociedade do seu tempo*, Coord. Raquel Vilaça e Sónia Pinto, Figueira da Foz, Edição Casino Figueira, pp. 115-131.
- PEREIRA, Isabel e Paiva, Jorge (1987) – “Santa Olaia, Ferrestelo: Musealização”. Trabalho apresentado no âmbito do *Seminário Musealização de Sítios*, Departamento de Etnologia do Instituto do Património Cultural, Centro de Formação e Estudos (Coimbra, 19-24 Outubro de 1987).
- PEREIRA, Isabel e CARDOSO, Ana Paula Câmara (1994) – “Museu Municipal Dr. Santos Rocha - Notícia Histórica”. In *Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Centenário (1894-1994)*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais, Museu, pp. 27-72.
- PINTO, Inês Vaz (1999) – *A Cerâmica Comum de São Cucufate*, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História da Universidade Lusíada, Lisboa, 2 Volumes, [policopiado].
- RETUERCE VELASCO, Manuel (1981) – “Cerâmica islâmica de la “Cidade das Rosas”, Serpa (Portugal)”. In *II Coloquio Ceramica Medieval del Mediterraneo Occidental*, Toledo, pp. 85-92.
- RETUERCE VELASCO, Manuel (1998) – *La Cerámica Andalusí de la Meseta*, Tomo I e II, CRAN Estudios, Madrid.
- REVEZ, Ana Lima (2012) – “Trabalhos arqueológicos no Projecto de Recuperação do Paço da Ega (2007-2009)”. In *Arqueologia Medieval* 12, Porto: Edições Afrontamento, pp. 41-57.
- RIBEIRO, Adelaide de Almeida (1994) – “O Museu e a Escola”. In *Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Centenário (1894-1994)*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais, Museu, pp.19-21.
- ROCHA, António dos Santos, (1896) – “As louças pintadas do Castro de Santa Olaia”. In *O Archeologo Português*, Collecção illustrada de Materiaes e Noticias, Museu Ethnográfico Português, vol. II, nº 10 e 11, pp. 226-228.
- ROCHA, António dos Santos, (1898) – *Estatutos da Sociedade Archeologica da Figueira*, Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.

- ROCHA, António dos Santos (1904) – “A Sociedade Archeologica Santos Rocha e o seu Boletim”. In *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, Sociedade Archeologica Santos Rocha, nº1, 5ª sessão plenária, Figueira da Foz: Imprensa Lusitana de Augusto Veiga, pp. 3-5.
- ROCHA, António dos Santos (1905-1909) – Notícia Histórica do Museu. *O Museu Municipal da Figueira da Foz: Catálogo Geral*, Figueira: Imprensa Lusitana, com additamento nº 1 e nº 2.
- ROCHA, António dos Santos (1906) – “Estação neolithica de Santa Olaia”. In *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, Sociedade Archeologica Santos Rocha, Tomo I, nº 3, Figueira da Foz: Imprensa Lusitana de Augusto Veiga, pp. 84-86.
- ROCHA, António dos Santos (1971) – “Estações Pré-Romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira”. In *Memórias e explorações Arqueológicas*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, Vol. 2.
- RODRIGUES, Miguel Carlos (1994) – *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (sécs. XII e XIII)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [policopiado].
- RODRIGUES, Patrícia (2012) – *Cerâmicas Medievais do Morro da Sé de Viseu: Fossas-lixreira do Pátio do Museu Grão Vasco*, Coimbra, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, António e SILVA, Ricardo (2005) – “Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 8, número 2, Instituto Português de Arqueologia, pp. 55-106.
- SILVA, António Manuel, RIBEIRO, Manuela (2006-2007) – “Cerâmica Medieval das escavações no Castelo de Arouca: Ensaio de análise morfotipológica”. In *Portvgalia*, Nova Série, Vol. XXVII - XVIII, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 69-88.
- SILVA, Marta Cristina (2011) – *A Cerâmica Islâmica da Alcáçova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 39, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [policopiado].
- SOLAUN BISTINZA, Jose Luis (2005) – *La Cerâmica Medieval en el País Vasco (Siglos VIII-XIII): Sistematización, evolución y distribución de la producción*, EKOB: Colección de património Cultural Vasco, Vitoria-Gasteiz.

- TENTE, Catarina (2010) – *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego: Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [policopiado].
- TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana e FERREIRA, Manuela (2003) – “Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos”. In *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, (Tondela, 28 a 31 de Outubro de 1997), Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 125-134.
- TURINA GÓMEZ, Araceli (1994) – *Cerámica Medieval y Moderna de Zamora*, Zamora: Junta de Castilla y León, Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo (C.S.I.C.).
- VIEGAS, Catarina e ARRUDA, Ana Margarida (1999) – “Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, número 2, Volume 2, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp 105-186.

Fontes manuscritas e impressas:

- COSTA, Avelino e RODRIGUES, Manuel (Coord.), (1999) – *Livro Preto Cartulário da Sé de Coimbra*, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, Texto Integral, Edição Crítica.
- GIL, A. M. Gomes (1963) – “Santa Olaia”. In *O Figueirense*, ano 45º, nº 3427 a 3430 de 29-VI e de 6, 13 e 20-VIII, p. 3428.
- GIL, A. M. Gomes (1969) – “Santa Eulália – As escavadoras começaram a destruir valores arqueológicos!”. In *Mar Alto*, ano VI, nº 171.
- ROCHA, António dos Santos, (1898/1901) – *Livro de apontamentos de explorações arqueológicas, 12 de Julho de 1898/ 28 de Maio de 1901*.

Outras fontes:

- Carta Militar de Portugal, folha nº 239.
- Fotografias (anexo 2, 3-5) cedidas pelo Museu Municipal Dr. Santos Rocha (AMN-2423, 2425, 240).
- S/A - “O Outeiro de Santa Olaia”, In *A Voz da Figueira*, ano 1, nº 26, 25 de Junho de 1953, pp. 3-4.
- S/A - Pannel da entrada do Museu Municipal Dr. Santos Rocha.

- S/A – "Roteiro do Museu Municipal Dr. Santos Rocha", 1982 (desdobrável).
- S/A - "Santa Olaia – Futura Musealização do sítio arqueológico". In *Santa Olaia – Proposta de Musealização do sítio*, Divisão de Acção Cultural, Biblioteca, Museu e Arquivos, Departamento de Cultura, Educação e Acção Social, Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Sites:

- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=119034&vs=55782>
- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2138083&vs=55782>
- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=123778&vs=55782>
- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2142924&vs=55782>
- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2684510&vs=55782>
- <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=imagens.resultados&subsid=2656296&vs=55782>
- <http://www.GoogleEarth.com>

Anexos

1. Santos Rocha e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha	101
• Fotografias 1, 2, 3, 4, 5, 6	
• Figura 1	
2. Santa Olaia	108
• Fotografias de satélite 1, 2, 3, 4	
• Fotografias aéreas 1, 2	
• Mapas 1, 2	
• Figuras 2, 3	
• Plantas 1, 2	
3. Cerâmicas medievais de Santa Olaia	116
• Figura 4	
• Fotografias 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15	
4. Catálogo	122
4.1. Alguidares	123
4.2. Panelas	124
4.3. Panelas/Potes	131
4.4. Potes	132
4.5. Bilhas	135
4.6. Cântaros/Bilhas	143
4.7. Jarrinhas	145
4.8. Púcaros	148
4.9. Púcaros/Jarros	154
4.10. Pratos	155
4.11. Tigelas	156
4.12. Testos	158
4.13. Telhas/Ímbrices	159
4.14. Indeterminados	159
5. Calendário dos trabalhos (dia, hora, descrição)	171

Anexos 1. Santos Rocha e o Museu Municipal Dr. Santos Rocha



Fotografia 1: António Augusto dos Santos Rocha (extraído de FERREIRA, 1999: 13).

SMITHSONIAN INSTITUTION
BUREAU OF AMERICAN ETHNOLOGY

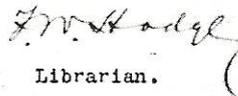
WASHINGTON, April 20th, 1899.

Sociedade Archeologia da Figueira,
Dr A. dos Santos Rocha,
Porto, Portugal.

Gentlemen:

I have the honor to propose that the annual reports of the Bureau of American Ethnology be sent to you regularly as issued in exchange for the publications of the Sociedade Archeologia da Figueira. If the exchange meets your approval we should be very glad to receive as complete a set of the publications of the Sociedade as it is practicable for you to furnish, for which an equivalent in the published works of this Bureau will be sent to you.

Yours with respect,


Librarian.

Exchange address:
Bureau of American Ethnology,
Washington, D. C., U.S.A.

Figura 1: Convite da revista *Bureau of American Ethnology* para a publicação dos seus trabalhos desenvolvidos na Sociedade Archeológica da Figueira (extraído de FERREIRA, 1999: 16).



Fotografia 2: Fotografia do caderno de campo de Santos Rocha, onde se apresenta um esboço de uma planta do sítio em estudo.



Fotografia 3: Secção de arqueologia, Casa do Paço nos anos de 1894-1899 (extraído de MMSR, AMN-2423).



Fotografia 4: Arqueologia Histórica, nos anos de 1899-1941, na Sala de Sub-seccção época luso-romana (extraído de MMSR, AMN-2425).



Fotografia 5: Sala da cerâmica durante os anos de 1945-1975 (extraído de MMSR, AMN-240).



Fotografia 6: Coleção de Arqueologia, foto tirada em 1979, quando o Museu já possuía edifício próprio (reprodução de um postal do MMSR).

Anexos 2. Santa Olaia



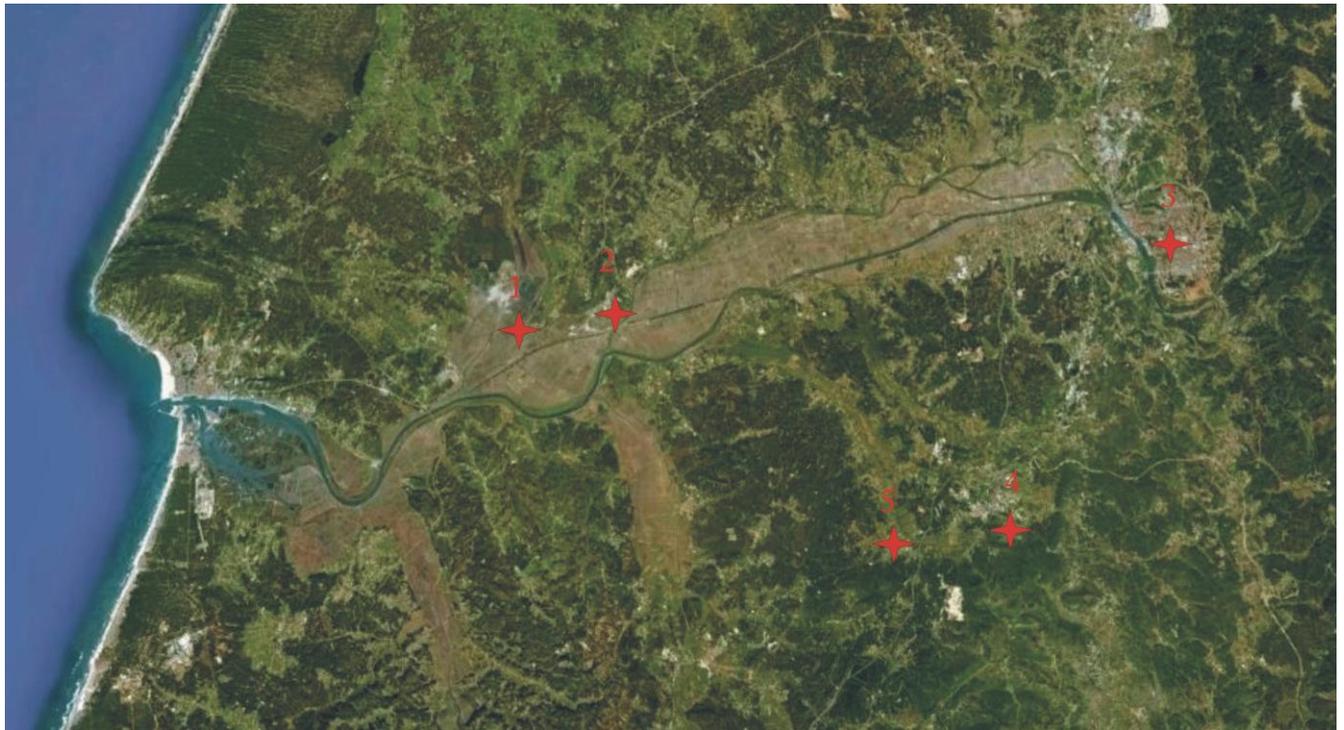
Fotografia de satélite 1: Imagem de pormenor de Santa Olaia (extraído de Google Earth).



Fotografia de satélite 2: Imagem de Santa Olaia e terrenos circundantes. 1) Santa Olaia; 2) Montemor-o-Velho (extraído de Google Earth e adaptado).



Fotografia de satélite 3: Imagem do território de Santa Olaia (1), de Arazede (2) à Murtinheira (3), (extraído de Google Earth e adaptado).



Fotografia de satélite 4: Imagem de sítios com cerâmicas medievais semelhantes. 1) Santa Olaia; 2) Montemor-o-Velho; 3) Coimbra; 4) Conímbriga; 5) Paço da Ega (extraído de Google Earth e adaptado).



Fotografia aérea 1: Vista panorâmica de Santa Olaia, foto retirada em 1994 (extraído de FERREIRA e CARDOSO, 1999: 161).



Fotografia aérea 2: Fotografia de Santa Olaia. Extraído do site:

<http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=imagens.resultados&subsid=2656296&vs=55>

782.

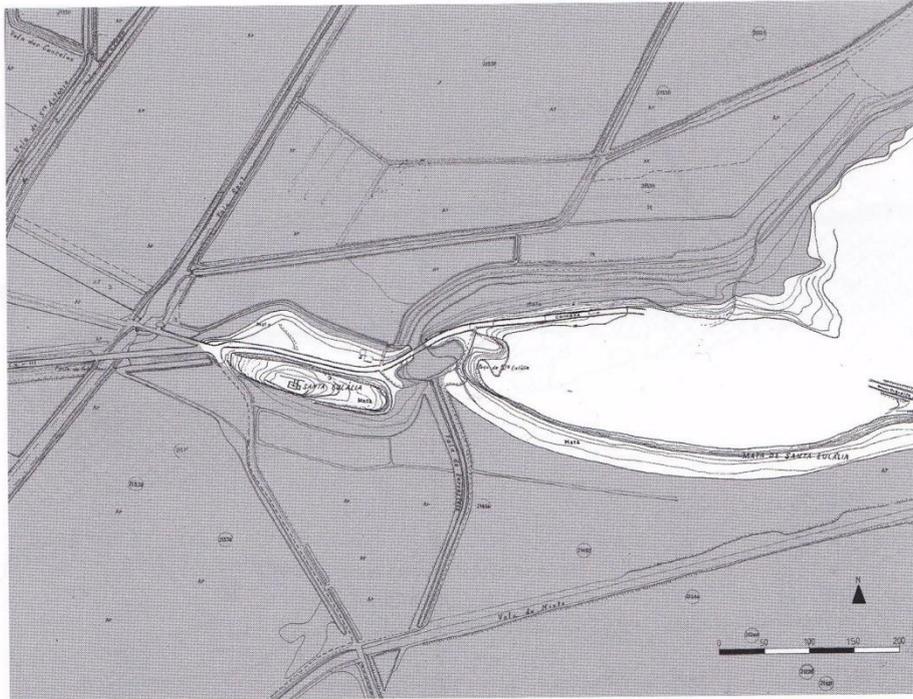
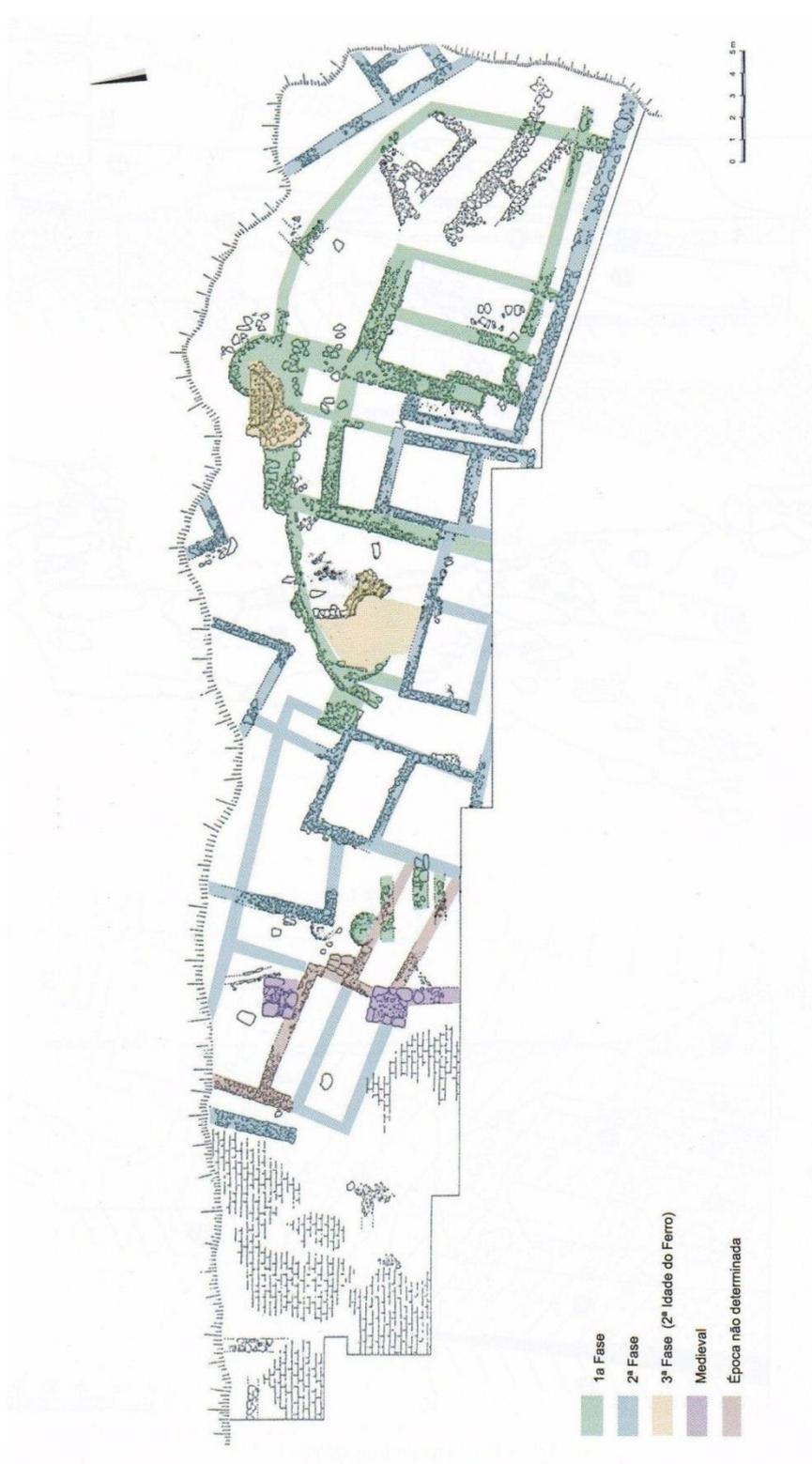


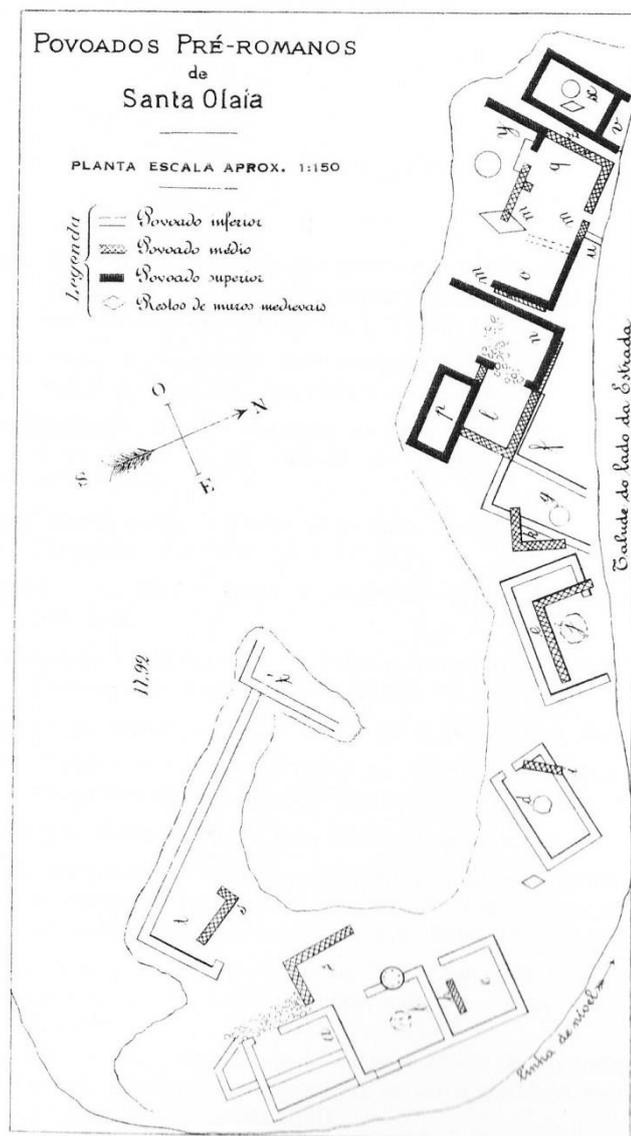
Figura 2: Localização de Santa Olaia (extraído de PEREIRA, 2012: 123).



Figura 3: Reconstituição de como seria o paleo-estuário do Mondego e a implantação do sítio (extraído de PEREIRA, 2012: 123).



Planta 1: Planta das estruturas habitacionais nas diferentes fases ocupacionais do sítio (extraído de PEREIRA, 2012: 126).



Planta 2: Planta das escavações realizadas por Santos Rocha nas diferentes fases ocupacionais do sítio, os losângulos correspondem a estruturas medievais (extraído de ROCHA, 1971: 177, est. I).

Anexos 3. Cerâmicas Medievais de Santa Olaia

 **museu municipal Santos Rocha**

Inventário Museológico

Nº de Inventário	<input type="text"/>	Nº Antigo	<input type="text"/>	Pág do Catálogo	<input type="text"/>
Objecto	<input type="text"/>			Colecção	<input type="text"/>
Materials	<input type="text"/>			Data	<input type="text"/>
Técnica	<input type="text"/>			Época	<input type="text"/>
Título	<input type="text"/>			Datação	<input type="text"/>
Autor	<input type="text"/>			Distrito	<input type="text"/>
Proveniência	<input type="text"/>			Concelho	<input type="text"/>
Descrição	<input type="text"/>				
Inscrições	<input type="text"/>				
Objectos relacionados	<input type="text"/>				
Altura	<input type="text"/>	Capacidade	<input type="text"/>	Altura máxima	<input type="text"/>
Largura	<input type="text"/>	Espessura	<input type="text"/>	Largura máxima	<input type="text"/>
Comprimento	<input type="text"/>	Diapositivo Nº	<input type="text"/>		
Diâmetro	<input type="text"/>	Fotografia Nº	<input type="text"/>		
Peso	<input type="text"/>	Negativo Nº	<input type="text"/>		
Eixo	<input type="text"/>	Desenho Nº	<input type="text"/>		
Módulo	<input type="text"/>	Colocação	<input type="text"/>		
Conservação	<input type="text"/>				
Doação Nº	<input type="text"/>	Depósito Nº	<input type="text"/>	Aquisição	<input type="text"/>
				Data de entrada	<input type="text"/>
Nome	<input type="text"/>				
Documentação Secundária	<input type="text"/>				
Bibliografia	<input type="text"/>				
Historial do objecto	<input type="text"/>				
Valor de seguro	0	<input type="text"/>			

Rua Calouste Gulbenkian, 3080-084 Figueira da Foz | Tel. 233 40 28 40 | Fax: 233 40 28 57 | E-mail: museu@cm-figfoz.pt

Figura 4: Ficha de inventário do Museu Municipal Dr. Santos Rocha (MMSR).



Fotografia 7: As asas golpeadas.



Fotografia 8: As asas puncionadas.



Fotografia 9: Alguns bojos com decoração, pintura em banda branca, com aplicação de cordão plástico com unguiações, incisa, brunida.



Fotografia 10: Vários tipos de bordos.



Fotografia 11: Os fragmentos de fundos de panelas.



Fotografia 12: Os dois únicos fragmentos de telhas/ímbrices.



Fotografia 13: Fragmentos cerâmicos de cozedura redutora com aplicações de cordão plástico.



Fotografia 14: Fragmentos cerâmicos de cozedura oxidante com aplicações de cordão plástico.



Fotografia 15: Um exemplo de colagem.

Anexos 4. Catálogo

4. 1. Alguidares

Nº de Inventário: 10-A-062

Tipo / Função: Frag. alguidar – louça de cozinha

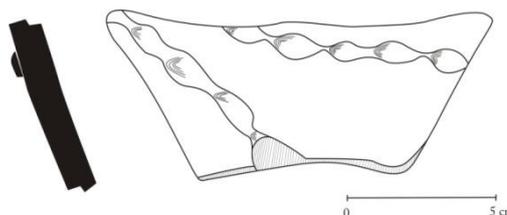
Dimensões: Larg. máx. 130 mm; alt. máx. 53 mm; esp. 12 mm.

Morfologia: Fragmento de corpo troncocónico invertido.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, desgastada, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Dois cordões plásticos digitados, um horizontal outro diagonal e engobe alaranjado.

Paralelos e cronologia: Silves (séc. VIII-IX); Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Castrogonzalo, Zamora (séc. XII-XIII).



Nº de Inventário: 11-A-004

Nº Antigo: 4117

Tipo / Função: Frag. alguidar – louça de cozinha

Dimensões: Larg. máx. 87 mm; alt. máx. 84 mm; esp. 9 mm.

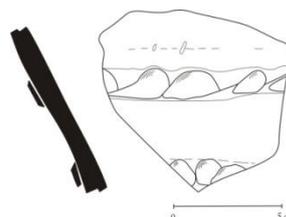
Morfologia: Fragmento de corpo troncocónico invertido.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta de núcleo cinzento e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Dois cordões plásticos digitados paralelos, incisa com uma série de traços alinhados alternados com unguações e engobe alaranjado.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX, X-XII).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



4. 2. Painéis

Nº de Inventário: 10-A-026

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 220 - ? mm; alt. máx. 32 mm; esp. do bordo 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-028

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

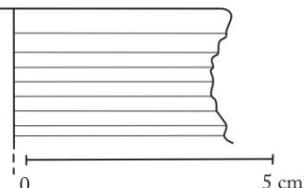
Dimensões: Ø da boca 80 -140 mm; alt. máx. 30 mm; esp. do bordo 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Caneluras paralelas.

Paralelos e cronologia: Cerro da Vila, Vilamoura (séc. IX-X); Alcira, Valência (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-033

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

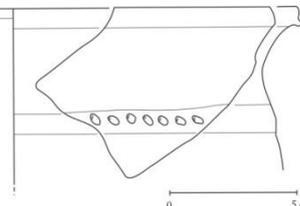
Dimensões: Ø da boca 220 mm; alt. máx. 68 mm; esp. do bordo 6 mm e esp. parede 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, com colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, arenosa, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies beges. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. X-XII); Coimbra (séc. X-XI); Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-036

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 27 mm; esp. do bordo 13 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio quadrangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-037

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 140 - ? mm; alt. máx. 33 mm; esp. parede 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio triangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.

Nº de Inventário: 10-A-041

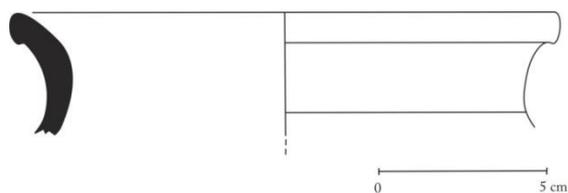
Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 160 mm; alt. máx. 35 mm; esp. do bordo 9 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Coimbra (séc. X-XI); Parque de Estacionamento da Silva Gaio, Viseu (a partir do século VIII); S. João de Valinhas, Arouca (séc. IX-XII).



Nº de Inventário: 10-A-049

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 31 mm; esp. do bordo 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-050, 10-A-051.

Nº de Inventário: 10-A-050

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 32 mm; esp. do bordo 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio em arredondado, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-049, 10-A-051.

Nº de Inventário: 10-A-051

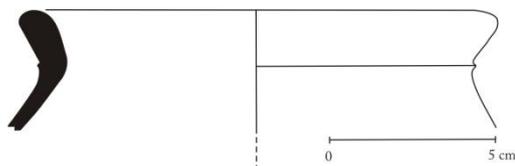
Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 35 mm; esp. do bordo 10 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-049, 10-A-050.



Nº de Inventário: 10-A-052

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 140 - ? mm; alt. máx. 41 mm; esp. do bordo 4 mm e da asa 9 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo cilíndrico, com arranque de asa um pouco diagonal que não arranca do bordo, muito fraturada.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Golpeada na asa.

Nº de Inventário: 10-A-053

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 120 - 140 mm; alt. máx. 29 mm; esp. do bordo 7 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies avermelhadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-055

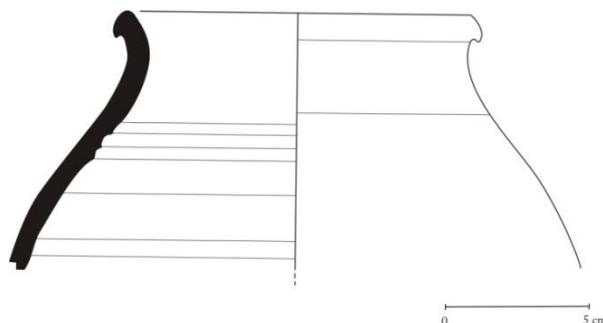
Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 120 mm; alt. máx. 90 mm; esp. do bordo 11 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Monte do Senhor da Boa Morte, Vila Franca de Xira (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-066

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca (?) mm; alt. máx. 41 mm; esp. da asa 13 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio espessado, com arranque de asa horizontal (muito deteriorada).

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Golpeada na asa.

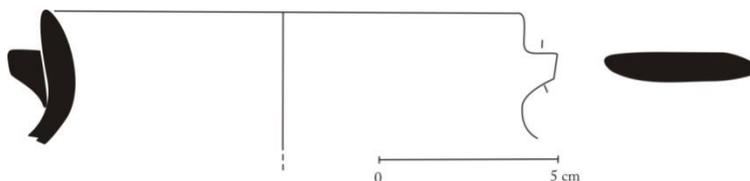
Nº de Inventário: 10-A-068

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 37 mm; larg. da asa 43 mm e esp. do bordo 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo ligeiramente côncavo, com arranque de asa horizontal.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.



Nº de Inventário: 10-A-070

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 80-120 mm; alt. máx. 68 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo moldurado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies beges, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-087

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da base (?) mm; alt. máx. 40 mm; esp. do fundo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de fundo de base plana.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-088

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da base (?) mm; alt. máx. 68 mm; esp. do fundo 9 mm.

Morfologia: Fragmento de fundo de base plana, muito deteriorado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-089

Tipo / Função: Frag. fundo panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da base 90 - ? mm; alt. máx. 24 mm; esp. do fundo 8 mm.

Morfologia: Fragmento de fundo de base plana.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-091

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

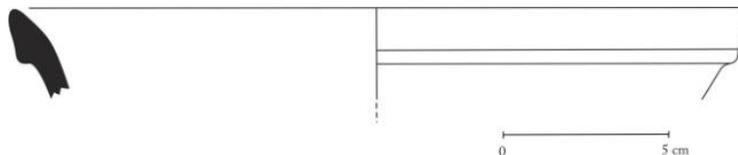
Dimensões: Ø da boca 220 - ? mm; alt. máx. 27 mm; esp. do bordo 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.



Paralelos e cronologia: Córdova (séc. VII-VIII).



Nº de Inventário: 10-A-106

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Larg. máx. 95 mm; alt. máx. 77 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-110

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Larg. máx. 75 mm; alt. máx. 73 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 11-A-018

Nº Antigo: 6740

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Larg. máx. 51 mm; alt. máx. 49 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Pintada em banda branca com três linhas verticais.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 122 (Santos Rocha enquadró-o na Idade do Ferro)

Nº de Inventário: 11-A-028

Nº Antigo: 6790

Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 100 mm; larg. da asa 25 mm; alt. máx. 143 mm; esp. do bordo 5 mm e da asa 9 mm.

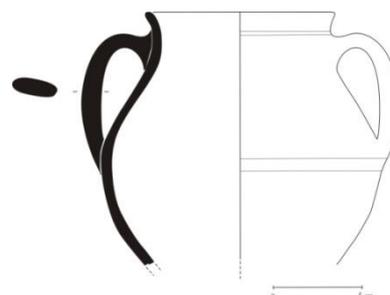
Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo e de corpo globular com asa diagonal de secção oval, composta por 7 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Historial do objeto: Há duas peças com o mesmo nº antigo, 11-A-029, possivelmente foi um erro na marcação das peças. Esta peça foi restaurada.

Paralelos e cronologia: Montefrío, Granada (séc. IX-X); Coimbra (séc. X-XI); Castelo de Mértola (séc. X-XI); Barradas, Lagos (séc. IX-XI).

Bibliografia: FERREIRA e CARDOSO, 1999: 154, nº 88 e ROCHA, 1905-1909: 160.



Nº de Inventário: 11-A-029

Nº Antigo: 6790

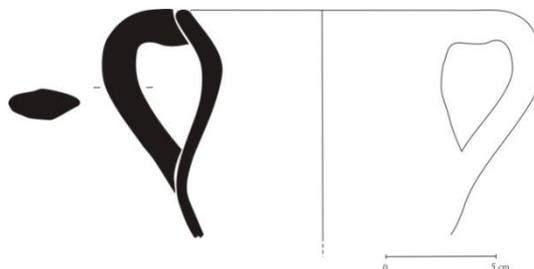
Tipo / Função: Frag. panela – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 140 mm; larg. da asa 30 mm; alt. máx. 104 mm; esp. do bordo 7 mm e da asa 12 mm

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo, de corpo globular, com asa que arranca do bordo de secção oval, composta por um conjunto de 9 fragmentos.



Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno incerto.



Historial do objeto: Há duas peças com o mesmo nº antigo, 11-A-028, possivelmente foi um erro na marcação das peças.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX); Castelo de Mértola (séc. X-XI); Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

4. 3. Panelas/ Potes

Nº de Inventário: 10-A-030

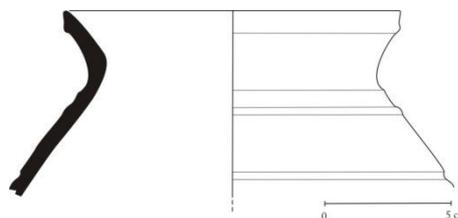
Tipo / Função: Frag. panela / pote – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 740 mm; esp. do bordo 8 mm e esp. parede 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies beges. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. X-XII); Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-035

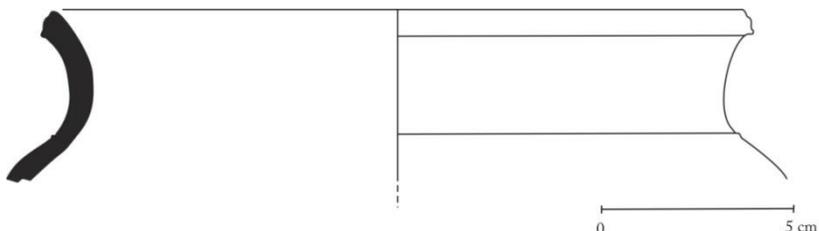
Tipo / Função: Frag. panela / pote – louça de cozinha

Dimensões: Ø da boca 180 mm; alt. máx. 45 mm; esp. do bordo 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies amareladas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. X-XII).



4. 4. Potes

Nº de Inventário: 10-A-015

Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 100 – 140 mm; alt. máx. 31 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio subtriangular e de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-034

Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 140 mm; alt. máx. 34 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 4 mm.

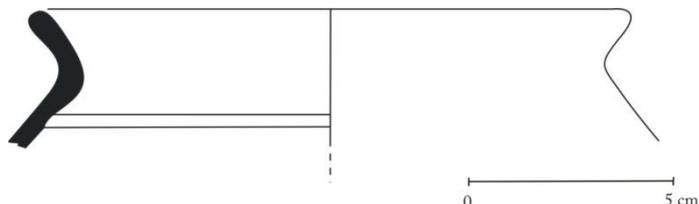
Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo.



Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies amareladas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe alaranjado na superfície interna da peça.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX); Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-038

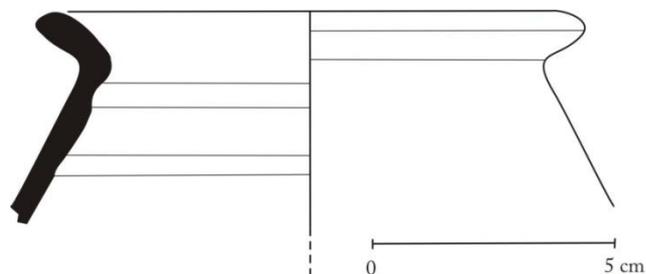
Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 44 mm; esp. do bordo 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-039

Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 24 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio em aba, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno. De perfil igual ao 10-A-038.

Nº de Inventário: 10-A-040

Tipo / Função: Frag. pote (?) – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 140 mm; alt. máx. 53 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio arredondado, de colo carenado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies avermelhadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Cronologia: Medieval (?)

Nº de Inventário: 10-A-045

Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 45 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio em aba, de colo troncocónico reto.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante, tem queimado aderente. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-076

Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 80 – 120 mm; alt. máx. 28 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies beges, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno. De perfil igual ao 10-A-038.

Nº de Inventário: 10-A-103

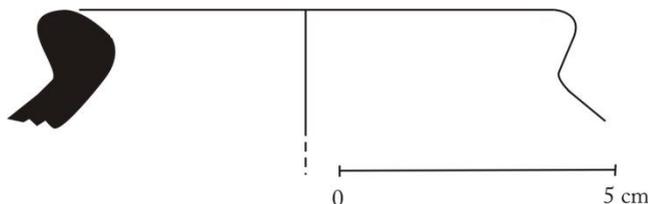
Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 90 mm; alt. máx. 20 mm; esp. do bordo 19 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio semicircular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI).



Nº de Inventário: 10-A-108

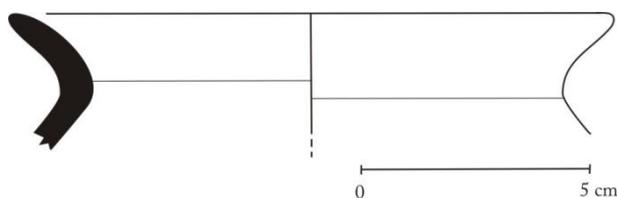
Tipo / Função: Frag. pote – louça de armazenamento

Dimensões: Ø da boca 120 mm; alt. máx. 30 mm; esp. do bordo 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta de núcleo cinzento e superfícies amareladas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX); Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do século XII).



4. 5. Bilhas

Nº de Inventário: 09-A-132

Nº Antigo: 4089

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 56 mm; alt. máx. 73 mm; esp. da asa 12 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora.

Historial do objeto: O fragmento encontra-se em exposição.

Decoração: Golpeada.

Bibliografia: "Roteiro do Museu Municipal Dr. Santos Rocha", 1982: 14; ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 10-A-025

Tipo / Função: Frag. asa bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 76 mm; alt. máx. 44 mm; esp. da asa 81 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa horizontal que não arranca do bordo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.

Nº de Inventário: 10-A-032

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 62 mm; larg. máx. 92 mm; alt. máx. 60 mm; esp. parede 9 mm e da asa 11 mm.

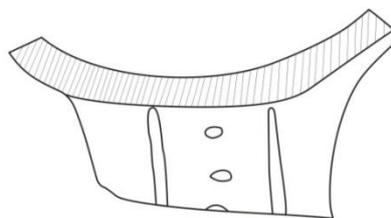
Morfologia: Fragmento de gargalo da bilha, com arranque de asa horizontal.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno,

sobretudo mica. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Decoração: Incisa com dois sulcos paralelos e entre eles, três pequenas punções alinhadas.

Paralelos e cronologia: Barcelona (séc. IX-X).



Nº de Inventário: 10-A-044

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 110 mm; alt. máx. 36 mm; esp. do bordo 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio quadrangular e com colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro.

Nº de Inventário: 10-A-056

Tipo / Função: Frag. arranque de asa bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 41 mm; alt. máx. 95 mm; esp. da asa 10 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa plana de suspensão vertical, de corpo ovóide, que conserva marcas de dedadas do oleiro.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Pequenas punções ovais na asa e engobe alaranjado.

Nº de Inventário: 10-A-059

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 70 mm; alt. máx. 74 mm; esp. 4 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Polimento.

Nº de Inventário: 10-A-063

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 73 mm; alt. máx. 92 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de colo de uma bilha de bordo trilobado.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-064

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

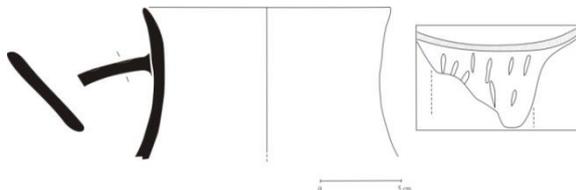
Dimensões: Ø da boca 150 – 170 mm; larg. da asa 66 mm; alt. máx. 94 mm; esp. do bordo 6 mm e esp. parede 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, com colo cilíndrico e com arranque de asa horizontal.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.

Decoração: Golpeada na asa.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-077

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 mm; larg. da asa 37 mm; alt. máx. 24 mm; esp. do bordo 3 mm e da asa 13 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio triangular, com ressalto interior e com asa que arranca do bordo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-085

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 31 mm; alt. máx. 42 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Linhas paralelas brunidas e dois sulcos paralelos incisos.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com o fragmento com o número de inventário 10-A-086.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Leão (séc. IX-XI).

Nº de Inventário: 10-A-086

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 80 mm; alt. máx. 65 mm; esp. 6 mm.

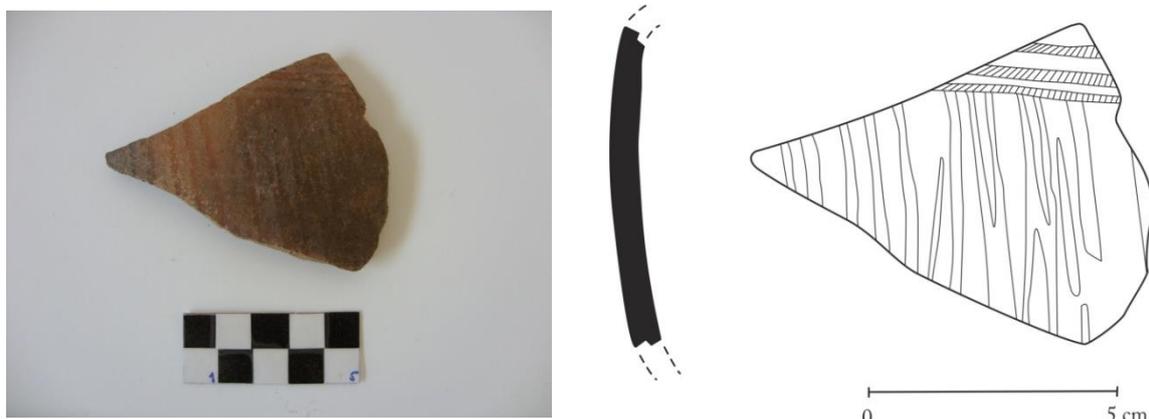
Morfologia: Fragmento de bojo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Linhas paralelas brunidas e três sulcos paralelos incisos.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com o fragmento com o número de inventário 10-A-085.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Leão (séc. IX-XI).



Nº de Inventário: 10-A-093

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 75 mm; alt. máx. 100 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo ligeiramente ovalado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Nº de Inventário: 10-A-105

Tipo / Função: Frag. asa de uma bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 57 mm; alt. máx. 92 mm; esp. da asa 11 mm.

Morfologia: Fragmento de asa plana de suspensão vertical.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Nº de Inventário: 10-A-111

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 42 mm; alt. máx. 56 mm; esp. 7 mm.

Morfologia da forma: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Brunida vertical.

Nº de Inventário: 10-A-114

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 66 mm; alt. máx. 139 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-115

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 130 mm; alt. máx. 153 mm; esp. 10 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo, composto por 4 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-116

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 158 mm; alt. máx. 88 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo, composto por 2 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-117, 10-A-118, 10-A-120 e 10-A-121.

Paralelos e cronologia: Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).

Nº de Inventário: 10-A-117

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 71 mm; alt. máx. 55 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo da bilha, que não permitiu colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-116, 10-A-118, 10-A-120 e 10-A-121.

Paralelos e cronologia: Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).

Nº de Inventário: 10-A-118

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

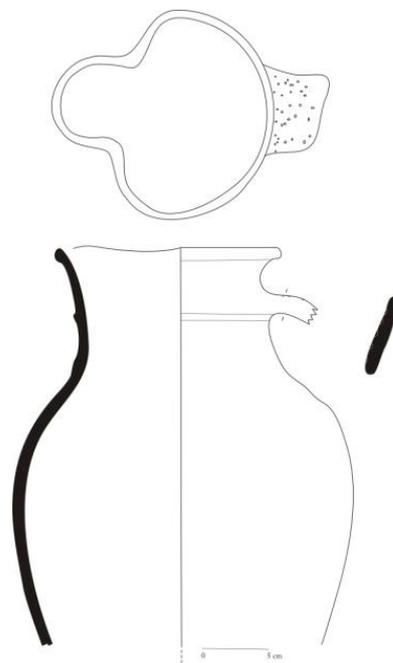
Dimensões: Larg. máx. 39 mm; alt. máx. 50 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo da bilha, que não permitiu colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-116, 10-A-117, 10-A-120 e 10-A-121.

Paralelos e cronologia: Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-120

Proveniência: Santa Olaia, 84 St. Olaia II (1A), 84 St. Olaia II (4), 84 St. Olaia 14 (4)

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 160 mm; larg. da asa 66 mm; alt. máx. 365 mm; esp. do bordo 11 mm e esp. parede 5 mm

Morfologia: Fragmento de bilha, de bordo trilobado, de lábio triangular, de colo cilíndrico e corpo globular, com arranque de asa, composta por 27 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Canelura no colo e na asa pequenas punções.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-116, 10-A-117, 10-A-118 e 10-A-121.

Paralelos e cronologia: Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-121

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 58 mm; alt. máx. 77 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo da bilha, que não permitiu colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-116, 10-A-117, 10-A-118 e 10-A-120.

Paralelos e cronologia: Penedo dos Mouros, Gouveia (séc. IX-X); Conímbriga (séc. X-XII).

Nº de Inventário: 10-A-123

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 40 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio biselado, de colo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: El Castellón, Granada (séc. IX-X).



Nº de Inventário: 11-A-002

Nº Antigo: 4112

Tipo / Função: Frag. bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 60 mm; alt. máx. 54 mm; esp. parede 6 mm e da asa 9 mm.

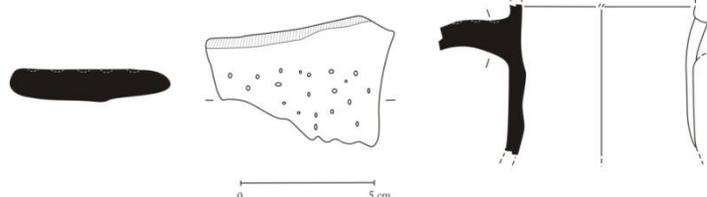
Morfologia: Fragmento de arranque de asa.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora.

Decoração: Pintura em banda branca vertical e puncionada.

Paralelos e cronologia: Coimbra (séc. X-XII).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



Nº de Inventário: 11-A-019

Nº Antigo: 6737

Tipo / Função: Frag. asa de uma bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. da asa 46 mm; alt. máx. 79 mm; esp. da asa 10 mm.

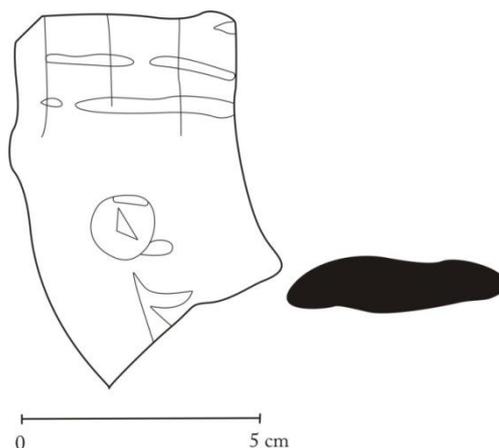
Morfologia: Fragmento de uma asa.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Decoração: Duas linhas e uma “pseudo-inscrição”, ou mesmo epígrafe de carácter profilático pintada a branco, caneluras e a marca de uma dedada do oleiro.

Paralelos e cronologia: Conímbriga.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 122 (Santos Rocha enquadrrou-o na Idade do Ferro).



Nº de Inventário: 11-A-026

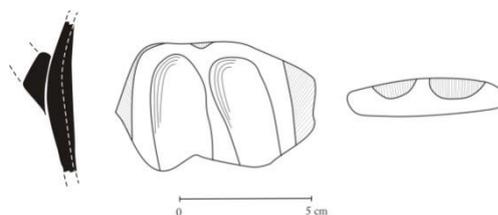
Nº Antigo: 6896

Tipo / Função: Frag. asa de uma bilha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 75 mm; alt. máx. 48 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa muito irregular (que conserva a marca dos dois dedos do oleiro, na junção da asa à peça).

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno e médio, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.



Nº de Inventário: 11-A-027

Nº Antigo: 8253

Tipo / Função: Frag. pequena bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 80 mm; alt. máx. 20 mm; esp. do bordo 9 mm.

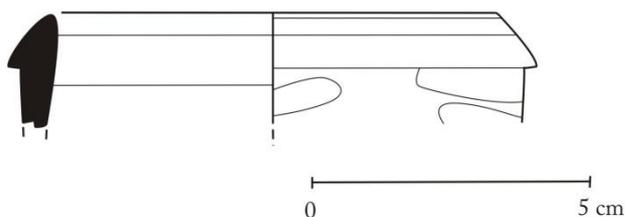
Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente introvertido, de lábio triangular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Pintura em banda branca.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Monte do Senhor da Boa Morte, Vila Franca de Xira (séc. XI); Mértola (séc. XI).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 117 (Santos Rocha enquadra-o na Idade do Ferro).



4. 6. Cântaros/ Bilhas

Nº de Inventário: 10-A-016

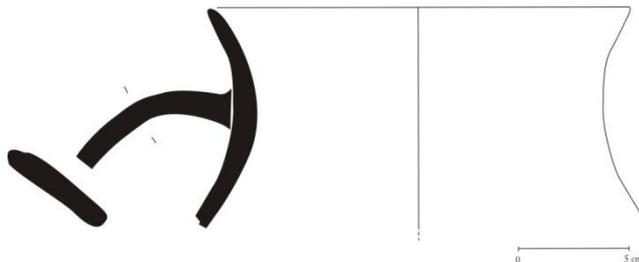
Tipo / Função: Frag. cântaro / bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 190 mm; larg. da asa 54 mm; alt. máx. 100 mm; esp. do bordo 6 mm e da asa 11 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo côncavo, com arranque de asa um pouco diagonal. Composta por 2 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX).



Nº de Inventário: 10-A-047

Tipo / Função: Frag. cântaro / bilha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 59 mm; esp. do bordo 4 mm

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio arredondado, com colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Polimento na superfície externa.

Nº de Inventário: 10-A-054

Tipo / Função: Frag. cântaro / bilha – louça de mesa

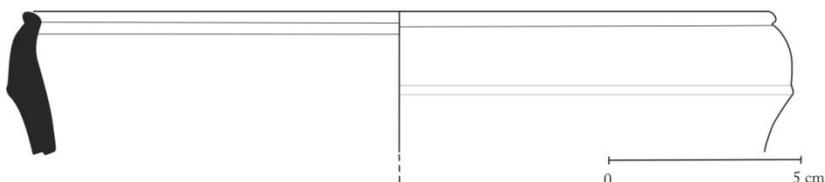
Dimensões: Ø da boca 190 mm; alt. máx. 37 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente introvertido, de lábio semicircular, de colo curvo moldurado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Paralelos e cronologia:

Montefrío, Granada (séc. IX-X).



Nº de Inventário: 11-A-012

Nº Antigo: 6688

Tipo / Função: Frag. cântaro / bilha – louça de mesa

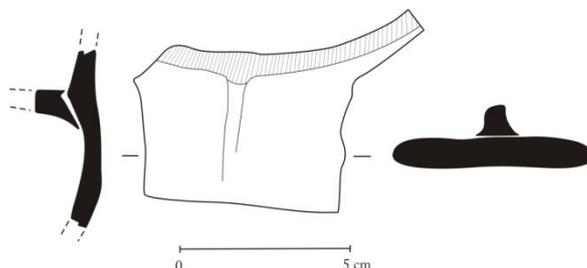
Dimensões: Larg. da asa 57 mm; alt. máx. 50 mm; esp. parede 7 mm e da asa 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo, com arranque de asa horizontal.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora.

Decoração: Cordão plástico vertical.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



4. 7. Jarrinhas

Nº de Inventário: 10-A-031

Tipo / Função: Frag. jarrinha – louça de mesa

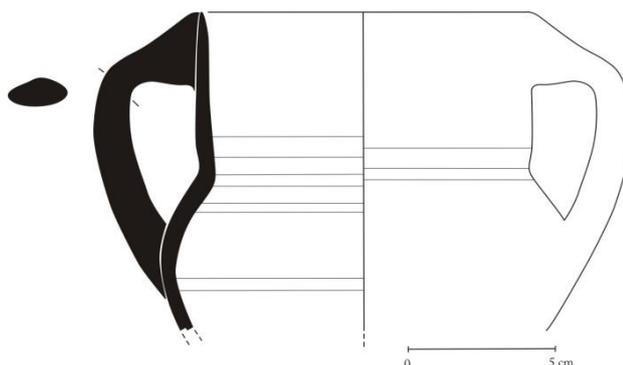
Dimensões: Ø da boca 110 mm; larg. da asa 19 mm; alt. máx. 110 mm; esp. do bordo 7 mm e da asa 19 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio arredondado, com colo cilíndrico e de corpo globular, com asa romboidal que arranca do bordo, composta por 3 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Castelo Velho, Alcoutim (séc. X-XI).



Nº de Inventário: 10-A-042

Tipo / Função: Frag. jarrinha – louça de mesa

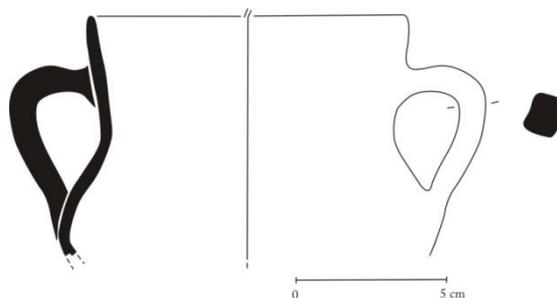
Dimensões: Ø da boca (?); larg. da asa 15 mm; alt. máx. 80 mm; esp. do bordo 4 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio arredondado, com colo cilíndrico, de asa um pouco diagonal, de secção subrectangular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro.

Paralelos e cronologia: Castelo de Mértola (séc. XII-XIII).



Nº de Inventário: 10-A-127

Proveniência: Santa Olaia, 88 SONDA. II (1)

Tipo / Função: Frag. jarrinha – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 48 mm; alt. máx. 64 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo que não permite colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies avermelhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: U.E.. 88 sond II (1). Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-128 e 10-A-129.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Santarém (séc. XI); Niebla, Huelva (séc. X-XI).

Nº de Inventário: 10-A-128

Proveniência: Santa Olaia, 88 SONDA. II (1)

Tipo / Função: Frag. jarrinha – louça de mesa

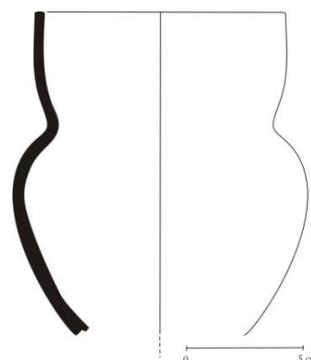
Dimensões: Larg. máx. 24 mm; alt. máx. 48 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo que não permite colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies avermelhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: U.E.. 88 sond II (1). Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-127 e 10-A-129.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Santarém (séc. XI); Niebla, Huelva (séc. X-XI).



Nº de Inventário: 10-A-129

Proveniência: Santa Olaia, 88 SONDA. II (1)

Tipo / Função: Frag. jarrinha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 140 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio arredondado, de colo cilíndrico e de corpo globular, composta por 3 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies avermelhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: U.E.. 88 sond II (1). Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-127 e 10-A-128.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Santarém (séc. XI); Niebla, Huelva (séc. X-XI).

Nº de Inventário: 11-A-015

Nº Antigo: 6691

Tipo / Função: Frag. jarrinha (?) – louça de mesa

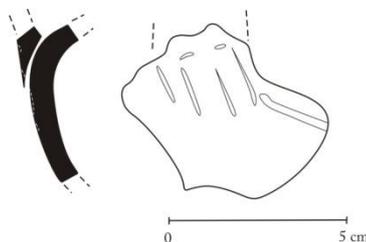
Dimensões: Larg. da asa 24 mm; alt. máx. 47 mm; esp. parede 5 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies amareladas, com queimado aderente. Cozedura oxidante.

Decoração: Golpeada e unguiações

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Coimbra (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 11-A-020

Nº Antigo: 6755

Tipo / Função: Frag. colo de jarrinha – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca (?); larg. máx. 80 mm; alt. máx. 64 mm; esp. do bordo e esp. parede 4 mm.

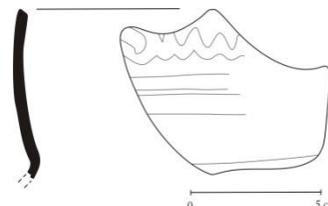
Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente introvertido, de lábio biselado, de colo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro e pintada a branco de uma linha ondulada e de duas bandas horizontais, uma no colo e outra no bojo.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Coimbra (séc. X-XI); Santarém (séc. XI-XII); São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês, Lisboa (séc. XI-XII); Palmela (séc. X); Moura (séc. X-XI); Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. X-XI); Cerro da Vila, Vilamoura (séc. IX-X).

Bibliografia: FERREIRA e CARDOSO, 1999: 154, nº 89 e ROCHA, 1905-1909: 122 (Santos Rocha enquadra-o na Idade do Ferro).



4. 8. Púcaros

Nº de Inventário: 09-A-129

Nº Antigo: 6716

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 108 mm; larg. da asa 32 mm; alt. máx. 180 mm; esp. do bordo 6 mm e da asa 9 mm.

Morfologia: Fragmento de púcaro, de bordo extrovertido, de lábio arredondado, com colo cilíndrico, de corpo bitroncocónico, de base plana, com asa de arranque horizontal.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.



Historial do objeto: O fragmento encontra-se em exposição e restaurado, e deste modo, não foi desenhado.

Bibliografia: "Roteiro do Museu Municipal Dr. Santos Rocha", 1982: 14 e ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 10-A-017

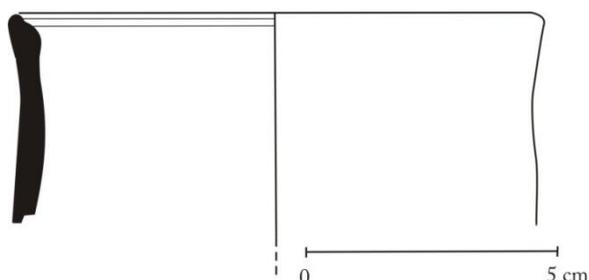
Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 - 130 mm; alt. máx. 44 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio biselado, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Paralelos e cronologia: Vale do Bôto, Castro Marim (séc. XI); Cercadilla (séc. X-XI).



Nº de Inventário: 10-A-018

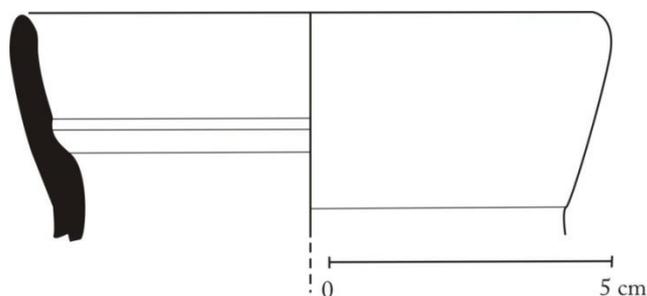
Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 - 130 mm; alt. máx. 40 mm; esp. do bordo 4 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente introvertido, de lábio arredondado, de colo ligeiramente convexo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Polimento.



Nº de Inventário: 10-A-019

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 120 - ? mm; alt. máx. 35 mm; esp. do bordo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado e polimento na superfície externa.

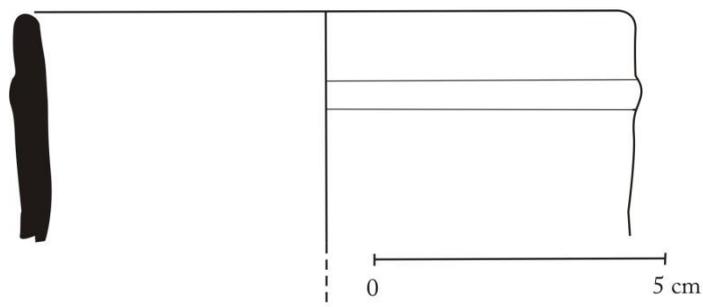
Nº de Inventário: 10-A-022

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 - 130 mm; alt. máx. 39 mm; esp. do bordo 4 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio arredondado, de colo cilíndrico moldurado.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.



Nº de Inventário: 10-A-046

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 80 - 100 mm; alt. máx. 25 mm; esp. do bordo 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio ligeiramente em aba, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Caneluras

Nº de Inventário: 10-A-065

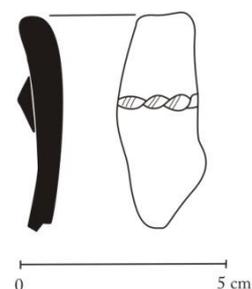
Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca (?) mm; larg. máx. 20 mm; alt. máx. 52 mm; esp. do bordo 7 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio arredondado, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal.



Nº de Inventário: 10-A-078

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa.

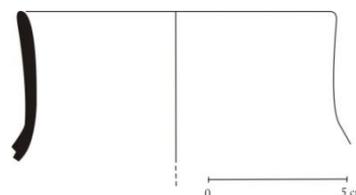
Dimensões: Ø da boca 110 mm; alt. máx. 55 mm; esp. do bordo e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, de lábio arredondado, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Polimento.

Paralelos e cronologia: Coimbra (séc. X-XI); Conímbriga (séc. X-XII).



Nº de Inventário: 10-A-081

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 50 mm; alt. máx. 43 mm; esp. do fundo 4 mm.

Morfologia: Fragmento de fundo de base plana. Não permitiu colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-084, 10-A-130 e 10-A-131.

Decoração: Engobe escuro, pintada em banda branca na superfície da peça.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Mértola (séc. IX-XI); Catedral de Zamora (séc. X-XIII).

Nº de Inventário: 10-A-083

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 37 mm; alt. máx. 35 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro e com pintura em banda branca vertical e brunida.

Nº de Inventário: 10-A-084

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 44 mm; alt. máx. 46 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo. Não permitiu colagem.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-081, 10-A-130 e 10-A-131.

Decoração: Engobe escuro, pintura em banda branca na superfície da peça.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Mértola (séc. IX-XI); Catedral de Zamora (séc. X-XIII).

Nº de Inventário: 10-A-130

Proveniência: Santa Olaia 84 St. Olaia II (4)

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 mm; alt. máx. 73 mm; esp. do bordo e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio biselado, com colo cilíndrico, composto por 2 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: U.E.. 84 II (4). Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-081, 10-A-084 e 10-A-131.

Decoração: Engobe escuro, pintada em banda branca no exterior da peça, com canelura no colo.

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Mértola (séc. IX-XI); Catedral de Zamora (séc. X-XIII).

Nº de Inventário: 10-A-131

Proveniência: Santa Olaia 84 St. Olaia II (4)

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 100 mm; larg. da asa 30 mm; alt. máx. 100 mm; esp. do bordo, esp. parede 6 mm e da asa 12 mm.

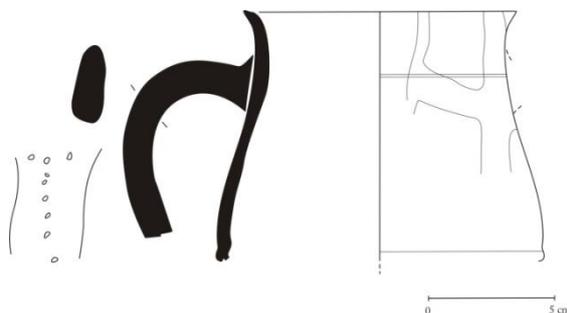
Morfologia da forma: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio biselado, com colo cilíndrico, com arranque de asa um pouco diagonal, composta por 6 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Historial do objeto: U.E.. 84 II (4). Poderá relacionar-se com os fragmentos com os números de inventário 10-A-081, 10-A-084 e 10-A-130.

Decoração: Engobe escuro, pintura em banda branca na superfície da peça, com canelura no colo e com pequenas punções na asa

Paralelos e cronologia: Conímbriga; Mértola (séc. IX-XI); Catedral de Zamora (séc. X-XIII).



Nº de Inventário: 11-A-010

Nº Antigo: 6686

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 55 mm; alt. máx. 24 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado e unguiações.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-021

Nº Antigo: 6758

Tipo / Função: Frag. púcaro – louça de mesa

Dimensões: Larg. máx. 50 mm; alt. máx. 46 mm; esp. 5 mm.

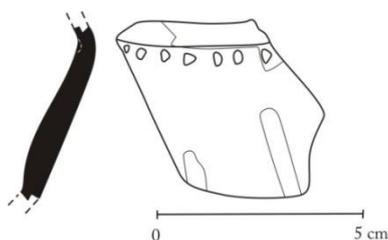
Morfologia: Fragmento de colo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita ao torno.

Decoração: Pintada a branco e com pequenas punções paralelas.

Paralelos e cronologia: Mértola (séc. XI); Barcelona (séc. IX-XI).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 122 (Santos Rocha enquadra-o na Idade do Ferro).



4. 9. Púcaros/ Jarros

Nº de Inventário: 10-A-023

Tipo / Função: Frag. púcaro / jarro – louça de mesa

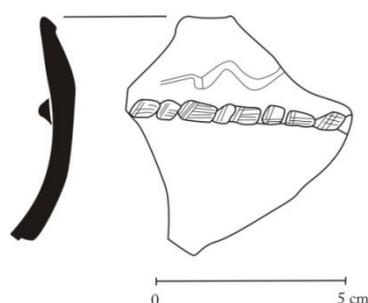
Dimensões: Ø da boca (?) mm; larg. máx. 59 mm; alt. máx. 63 mm; esp. do bordo 5 mm e esp. parede 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio biselado, de colo cilíndrico.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Uma linha incisa ondulada de duplo traço e de um cordão plástico digitado.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. X-XII); Léon (séc. X-XII); Barcelona (séc. IX-X).



Nº de Inventário: 10-A-074

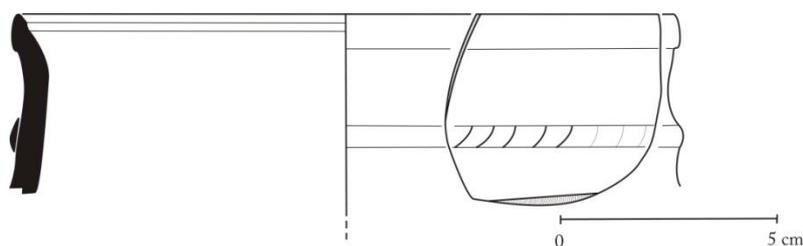
Tipo / Função: Frag. púcaro / jarro – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 150 mm; alt. máx. 40 mm; esp. do bordo 7 mm e esp. parede 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo vertical, lábio biselado, colo cilíndrico moldurado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies amareladas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico com ungulações paralelas, polimento e engobe escuro.



4. 10. Pratos

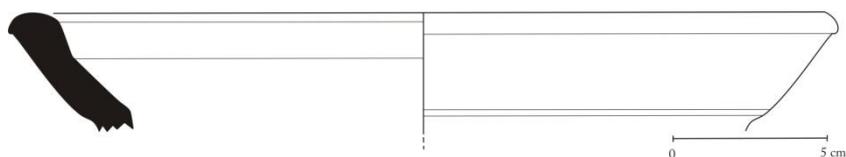
Nº de Inventário: 10-A-058

Tipo / Função: Frag. prato – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 240 - ? mm; alt. máx. 39 mm; esp. do bordo 13 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo extrovertido, de lábio arredondado, paredes esvasadas.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta de núcleo cinzento e superfícies amareladas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.



Nº de Inventário: 10-A-122

Tipo / Função: Frag. prato – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 400 – 440 mm; alt. máx. 33 mm; esp. do bordo 9 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo introvertido, de lábio arredondado e de corpo curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Brunida no interior da peça e engobe.

Paralelos e cronologia: Conimbriga; Vale do Bôto, “Cidade das Rosas”, Mesas do Castelinho, Salir (séc. XII-XIII).



4. 11. Tigelas

Nº de Inventário: 10-A-069

Tipo / Função: Frag. tigela – louça de mesa

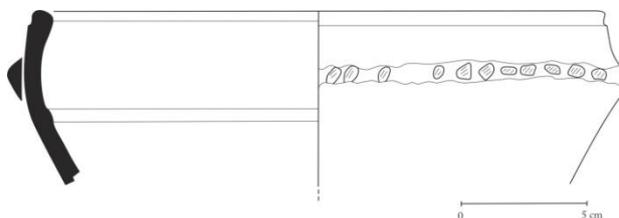
Dimensões: Ø da boca 210 mm; alt. máx. 72 mm; esp. do bordo 9 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo introvertido, de lábio arredondado, de corpo curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal.

Paralelos e cronologia: Baldoeiro, Moncorvo (2ª metade do séc. XII); Museu Grão Vasco, Viseu (séc. XII-XIII); Zamora (séc. XII-XIII).



Nº de Inventário: 10-A-075

Tipo / Função: Frag. tigela – louça de mesa

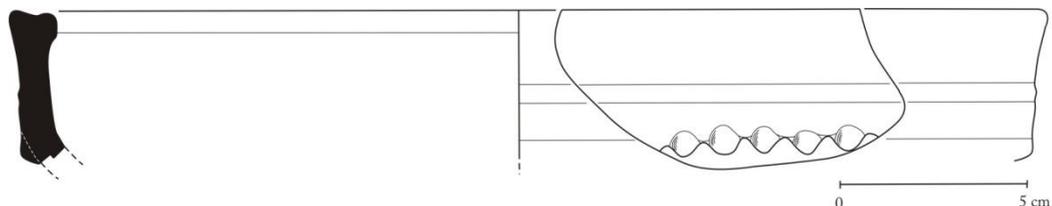
Dimensões: Ø da boca 250 mm; alt. máx. 40 mm; esp. do bordo 14 mm e esp. parede 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo proto bifido, de corpo carenado.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, arenosa, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal na superfície da peça.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX); Santa Cruz da Vilarça, Moncorvo (séc. XIII-XIV).



Nº de Inventário: 10-A-092

Tipo / Função: Frag. tigela – louça de mesa

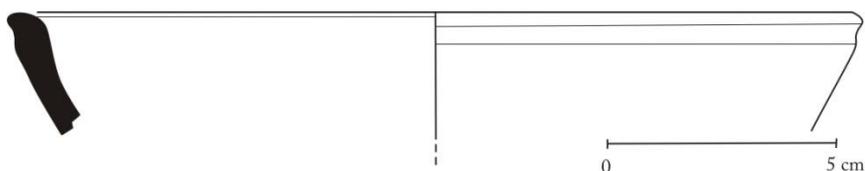
Dimensões: Ø da boca 170 mm; alt. máx. 27 mm; esp. do bordo 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio ligeiramente biselado, paredes esvasadas.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno e médio, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Polimento no interior da peça.

Paralelos e cronologia: Benavente, Zamora (séc. XII).



Nº de Inventário: 11-A-006

Nº Antigo: 6678

Tipo / Função: Frag. de tigela – louça de mesa

Dimensões: Ø da boca 130 mm; alt. máx. 47 mm; esp. do bordo 10 mm e esp. parede 6 mm.

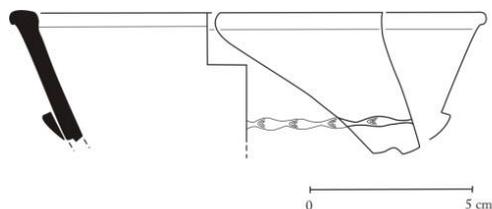
Morfologia: Fragmento de bordo ligeiramente extrovertido, de lábio plano, de paredes esvasadas.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico horizontal.

Paralelos e cronologia: Conímbriga (séc. VII-IX).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



4. 12. Testos

Nº de Inventário: 10-A-125

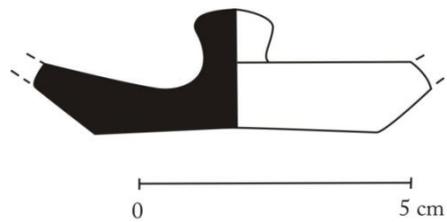
Tipo / Função: Frag. testo

Dimensões: Ø da base 52 mm; alt. máx. 22 mm; esp. do fundo 6 mm.

Morfologia: Fragmento de testo de base plana, de paredes troncocónicas e com pega em forma de mamilo ao centro.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante.

Paralelos e cronologia: São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII).



Nº de Inventário: 10-A-126

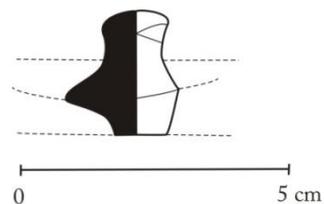
Tipo / Função: Frag. testo

Dimensões: Ø da base (?); alt. máx. 23 mm; esp. da pega 15 mm.

Morfologia: Fragmento de testo com pega em forma de mamilo ao centro.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura reductora e arrefecimento oxidante.

Paralelos e cronologia: São Pedro de Canaferrim, Sintra (séc. IX-XI); Alcáçova do Castelo de Mértola (séc. XII).



4. 13. Telhas / Ímbrices

Nº de Inventário: 10-A-014

Tipo / Função: Frag. telha / ímbrices – material de construção

Dimensões: Larg. máx. 147 mm; alt. máx. 47 mm; esp. 12 mm.

Morfologia: Fragmento de telha.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Nº de Inventário: 11-A-017

Nº Antigo: 6715

Tipo / Função: Frag. telha/ ímbrices – material de construção

Dimensões: Larg. máx. 128 mm; alt. máx. 31 mm; esp. 14 mm.

Morfologia: Fragmento de telha.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Bibliografia: FERREIRA e CARDOSO, 1999: 154, nº 87 e ROCHA, 1905-1909: 148 (Santos Rocha enquadró-o na secção luso-romana).

4. 14. Indeterminados

Nº de Inventário: 09-A-131

Nº Antigo: 4207

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 50 mm; alt. máx. 47 mm; esp. da asa 7 mm.

Morfologia: Fragmento de asa.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Historial do objeto: O fragmento encontra-se em exposição.

Decoração: Engobe escuro e puncionada.

Bibliografia: “Roteiro do Museu Municipal Dr. Santos Rocha”, 1982: 14; ROCHA, 1905-1909: 122 (Santos Rocha enquadró-o na Idade do Ferro).

Nº de Inventário: 09-A-135

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. da asa 54 mm; esp. da asa 7 mm.

Morfologia: Fragmento de asa com arranque.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies amareladas, com queimado aderente. Cozedura oxidante.

Historial do objeto: O fragmento encontra-se em exposição.

Decoração: Puncionada e pintada a branco.

Bibliografia “Roteiro do Museu Municipal Dr. Santos Rocha”, 1982: 14.

Nº de Inventário: 10-A-020

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 43 mm; alt. máx. 36 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies beges. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Polimento na superfície externa.

Nº de Inventário: 10-A-024

Tipo / Função: Frag. de asa

Dimensões: Larg. da asa 41 mm; alt. máx. 43 mm; esp. da asa 60 mm.

Morfologia: Fragmento de asa plana de suspensão vertical.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora.

Decoração: Puncionada.

Nº de Inventário: 10-A-027

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 45 mm; alt. máx. 24 mm; esp. da asa 8 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa, de superfície interna irregular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Nº de Inventário: 10-A-067

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 57 mm; alt. máx. 45 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.

Decoração: Golpeada.

Nº de Inventário: 10-A-071

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 53 mm; alt. máx. 38 mm; esp. 17 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Nº de Inventário: 10-A-072

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 70 mm; alt. máx. 58 mm; esp. 15 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Nº de Inventário: 10-A-073

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 34 mm; larg. máx. 47 mm; alt. máx. 41 mm; esp. da asa 7 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Nº de Inventário: 10-A-080

Proveniência: Santa Olaia, 84 St. Olaia B/E 2 (1)

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 52 mm; alt. máx. 94 mm; esp. da asa 7 mm.

Morfologia: Fragmento de asa plana de suspensão vertical, composta por 2 fragmentos.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Nº de Inventário: 10-A-082

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 46 mm; alt. máx. 36 mm; esp. 15 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro e pintura em banda branca ondulada.

Nº de Inventário: 10-A-090

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 50 mm; alt. máx. 29 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Nº de Inventário: 10-A-094

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 29 mm; alt. máx. 37 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, rugosa, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Nº de Inventário: 10-A-095

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 46 mm; alt. máx. 42 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-096

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 21 mm; alt. máx. 43 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-097

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 34 mm; alt. máx. 35 mm; esp. 12 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, grosseira, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-098

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 31 mm; alt. máx. 21 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo (muito deteriorado).

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-099

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 19 mm; alt. máx. 29 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo de paredes muito finas.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-100

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 38 mm; alt. máx. 35 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-101

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 36 mm; alt. máx. 36 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, friável, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe acastanhado.

Nº de Inventário: 10-A-102

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 21 mm; alt. máx. 56 mm; esp. 18 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, grosseira, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-104

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 34 mm; alt. máx. 43 mm; esp. da asa 6 mm.

Morfologia: Fragmento de asa de secção rectangular.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora.

Decoração: Puncionada, pintada em banda branca (apesar da peça estar muito degradada).

Nº de Inventário: 10-A-107

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 65 mm; alt. máx. 93 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-109

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 56 mm; alt. máx. 87 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro muito deteriorado.

Nº de Inventário: 10-A-112

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 50 mm; alt. máx. 50 mm; esp. 17 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Nº de Inventário: 10-A-113

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 38 mm; alt. máx. 40 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo (muito deteriorado).

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Nº de Inventário: 10-A-119

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 33 mm; alt. máx. 20 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas. Cozedura oxidante.

Nº de Inventário: 10-A-124

Proveniência: Santa Olaia - u. e. 89 St. Olaia 1 (1)

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 57 mm; alt. máx. 59 mm; esp. 8 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Engobe escuro e pintura com três bandas brancas verticais.

Nº de Inventário: 10-A-132

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 134 mm; alt. máx. 123 mm; esp. 6 mm.

Morfologia: Fragmento de corpo alto.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Dois cordões plásticos digitados paralelos.

Nº de Inventário: 11-A-001

Nº Antigo: 4094

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. máx. 33 mm; alt. máx. 39 mm; esp. da asa 10 mm.

Morfologia: Fragmento de asa plana de suspensão vertical.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-003

Nº Antigo: 4114

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 40 mm; alt. máx. 32 mm; esp. da asa 10 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de asa horizontal, não arranca do bordo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Golpeada.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-005

Nº Antigo: 4120

Tipo / Função: Frag. de forma indeterminada

Dimensões: Ø da boca (?); larg. máx. 72 mm; alt. máx. 102 mm; esp. 6 mm.

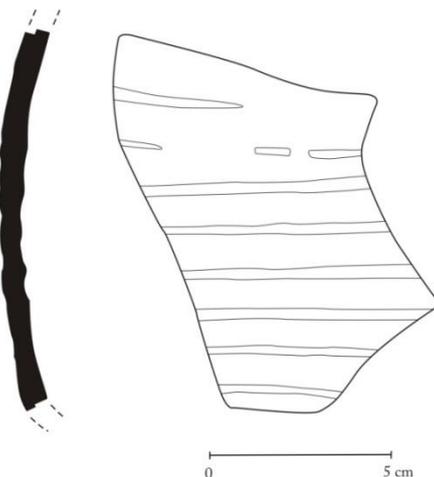
Morfologia: Fragmento de bojo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Caneluras paralelas.

Paralelos e cronologia: Coimbra; Santa Fé de Oliva, Valência (séc. X-XII).

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 161.



Nº de Inventário: 11-A-007 **Nº Antigo:** 6683

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 67 mm; alt. máx. 66 mm; esp. 14 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies alaranjadas, com queimado aderente. Cozedura oxidante. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-008 **Nº Antigo:** 6684

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 36 mm; alt. máx. 69 mm; esp. 12 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Uma linha incisa reta e de cordão plástico digitado.

Paralelos e cronologia: Barcelona (séc. IX-X).

Nº de Inventário: 11-A-009 **Nº Antigo:** 6685

Tipo / Função: Frag. de forma indeterminada

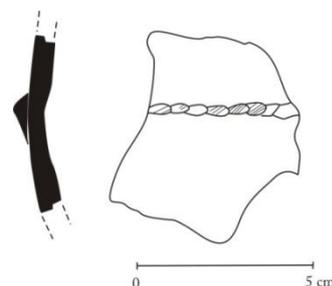
Dimensões: Larg. máx. 51 mm; alt. máx. 59 mm; esp. 5 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



Nº de Inventário: 11-A-011 **Nº Antigo:** 6687

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 36 mm; alt. máx. 68 mm; esp. da asa 9 mm.

Morfologia: Fragmento de asa de secção rectangular aplanada.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno e médio. Pasta de núcleo cinzento e superfícies acastanhadas, com queimado aderente. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 161.

Nº de Inventário: 11-A-013

Nº Antigo: 6689

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. máx. 46 mm; alt. máx. 76 mm; esp. da asa 10 mm.

Morfologia: Fragmento de asa plana de suspensão vertical.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies alaranjadas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante.

Decoração: Puncionada e pintada em banda branca.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-014

Nº Antigo: 6690

Tipo / Função: Frag. asa

Dimensões: Larg. da asa 9 mm; larg. máx. 45 mm; alt. máx. 47 mm; esp. parede 5 mm e da asa 33 mm.

Morfologia: Fragmento de arranque de uma asa.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora.

Decoração: Engobe vermelho e golpeada.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-016

Nº Antigo: 6697

Tipo / Função: Frag. de forma indeterminada

Dimensões: Ø da boca (?); larg. máx. 44 mm; alt. máx. 50 mm; esp. 7 mm.

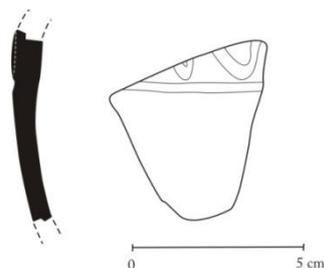
Morfologia: Fragmento de bojo ligeiramente curvo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta de núcleo cinzento e superfícies amareladas. Cozedura redutora e arrefecimento oxidante. Feita a torno.

Decoração: Incisa, com uma linha ondulada e outra reta.

Paralelos e cronologia: Monte Aljão, Gouveia; São Gens, Celorico da Beira.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.



Nº de Inventário: 11-A-022 **Nº Antigo:** 6892

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Ø da boca (?) mm; alt. máx. 51 mm, larg. máx. 45 mm; esp. do bordo 14 mm.

Morfologia: Fragmento de bordo introvertido, com lábio biselado.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Uma linha incisa ondulada e de cordão plástico digitado muito danificado.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160

Nº de Inventário: 11-A-023 **Nº Antigo:** 6893

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 101 mm; alt. máx. 45 mm; esp. 9 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta heterogénea, rugosa, pouco compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno e médio, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160

Nº de Inventário: 11-A-024 **Nº Antigo:** 6894

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 68 mm; alt. máx. 45 mm; esp. 13 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, compacta, com muitos e.n.p. de calibre pequeno, sobretudo mica. Pasta e superfícies cinzentas. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Cordão plástico digitado.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Nº de Inventário: 11-A-025 **Nº Antigo:** 6895

Tipo / Função: Frag. forma indeterminada

Dimensões: Larg. máx. 69 mm; alt. máx. 51 mm; esp. 7 mm.

Morfologia: Fragmento de bojo.

Técnica de fabrico: Pasta homogénea, pouco compacta, com e.n.p. de calibre pequeno. Pasta e superfícies cinzentas, com queimado aderente. Cozedura redutora. Feita a torno.

Decoração: Ungulações.

Bibliografia: ROCHA, 1905-1909: 160.

Anexos 5. Calendário dos trabalhos (dia, hora, descrição).

Dia	Atividade desenvolvida	Horário	Horas	
15-10-2010	Análise das cerâmicas de Santa Olaia	14:00 - 17:00	03:00	
22-10-2010	Análise das cerâmicas de Santa Olaia	09:00 - 13:00	04:00	7
26-10-2010	Seleção das cerâmicas medievais de Santa Olaia	09:00 - 13:00	04:00	11
27-10-2010	Seleção das cerâmicas medievais de Santa Olaia	14:00 - 17:30	03:30	14,3
28-10-2010	Seleção das cerâmicas medievais de Santa Olaia	10:00 - 12:00	02:00	16,3
29-10-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 12:00	03:00	19,3
02-11-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 13:30	04:30	24
05-11-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 13:30	04:30	27,3
08-11-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	31,3
09-11-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	35,3
11-11-2010	Recolha bibliográfica	09:00 - 12:00	03:00	38,3
15-11-2010	Recolha bibliográfica	14:00 - 17:00	03:00	41,3
16-11-2010	Análise da bibliografia	09:00 - 13:30	04:30	46
17-11-2010	Análise da bibliografia	09:00 - 13:30	04:30	50,3
18-11-2010	Análise da bibliografia	09:00 - 13:30	04:30	55
19-11-2010	Recolha bibliográfica	09:30 - 12:00	02:30	57,3
22-11-2010	Análise das cerâmicas	09:00/13:00 -14:00/17:00	07:00	64,3
23-11-2010	Análise das cerâmicas	09:00/12:30 -14:00/16:00	05:30	70
26-11-2010	Colagem das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	74
29-11-2010	Colagem das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	78
30-11-2010	Marcação / remarcação das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	82
06-12-2010	Marcação das cerâmicas, registo informático/ inventariação	09:00 - 13:00	04:00	86
07-12-2010	Marcação das cerâmicas, registo informático/ inventariação	09:00 - 13:00	04:00	90
09-12-2010	Marcação das cerâmicas, registo informático/ inventariação	09:00 - 13:30	04:30	94,3
13-12-2010	Inventariação	09:00 - 13:00	04:00	98,3
14-12-2010	Inventariação	09:30 - 13:30	04:00	102,3
16-12-2010	Inventariação	10:00 /13:30 - 14:30/16:00	05:00	107,3
21-12-2010	Marcação das cerâmicas, elaboração de etiquetas	09:00 - 13:00	04:00	111,3
23-12-2010	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00 - 13:00	04:00	115,3
27-12-2010	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00 - 13:00	04:00	119,3
30-12-2010	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00 -13:00	04:00	123,3
03-01-2011	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00 - 13:00	04:00	127,3
10-01-2011	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00 - 13:00	04:00	132,3
13-01-2011	Elaboração de fichas de registo para cada fragmento	09:00/13:00 - 14:00/17:00	07:00	139,3
14-01-2011	Armazenamento das cerâmicas no mesmo depósito	09:00/13:00 - 14:00/16:30	06:30	146
18-01-2011	Elaboração do catálogo	09:00 - 13:00	04:00	150
19-01-2011	Elaboração do catálogo	09:00 - 13:00	04:00	154
27-01-2011	Elaboração do catálogo	09:00/13:00 - 14:00/17:00	07:00	161
28-01-2011	Elaboração do catálogo	09:00/13:00 - 14:00/17:00	07:00	168
31-01-2011	Desenho das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	172
02-02-2011	Desenho das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	176
10-02-2011	Desenho das cerâmicas	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	183,3
11-02-2011	Desenho das cerâmicas	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	191
24-02-2011	Desenho das cerâmicas	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	198,3
02-03-2011	Desenho das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	202,3

15-03-2011	Desenho das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	206,3
17-03-2011	Desenho das cerâmicas	09:00 - 13:00	04:00	210,3
22-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	214,3
24-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	222
25-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	229,3
28-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	233,3
29-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	237,3
30-03-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	241,3
05-04-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	245,3
06-04-2011	Elaboração de textos	09:00 - 13:00	04:00	249,3
07-04-2011	Elaboração de textos	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	257
08-04-2011	Elaboração de textos	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	264,3
11-04-2011	Elaboração de textos	09:00/13:00 - 14:00/16:00	06:00	270,3
12-04-2011	Elaboração de textos	09:00/13:00 - 14:00/16:00	06:00	276,3
14-04-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	280,3
18-04-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	284,3
20-04-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00/13:00 - 14:00/16:00	06:00	290,3
21-04-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/16:30	06:30	297
26-04-2011	Tintagem	09:00 - 13:00	04:00	301
05-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/16:30	06:30	307,3
06-05-2011	Colóquio de arqueologia	09:00/13:00 - 14:30/18:30	08:00	315,3
09-05-2011	Tintagem	09:00 - 13:00	04:00	319,3
10-05-2011	Tintagem	09:00 - 13:00	04:00	323,3
11-05-2011	Tintagem	09:00 - 13:00	04:00	327,3
16-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	335
17-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	342,3
23-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	350
24-05-2011	Tintagem	09:00-13:00	04:00	354
25-05-2011	Tintagem	09:00-13:00	04:00	358
26-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	365,3
27-05-2011	Tintagem	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	373
30-05-2011	Tintagem	09:00- 13:00	04:00	377
31-05-2011	Tintagem	09:00-13:00	04:00	381
01-06-2011	Tintagem	09:00 - 14:00	05:00	386
02-06-2011	Registo fotográfico das cerâmicas	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	393,3
03-06-2011	Registo fotográfico das cerâmicas	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	401
07-06-2011	Registo fotográfico das cerâmicas	09:00-13:00	04:00	405
10-06-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:30	04:30	409,3
14-06-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	413,3
15-06-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00 - 13:00	04:00	417,3
16-06-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	425
17-06-2011	Procura de paralelos - Consulta bibliográfica	09:00/13:00 - 14:00/17:30	07:30	432,3